

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**CULTURA DE CONSCIÊNCIA NEGRA
Pensando a Construção da Identidade nacional
e da Democracia no Brasil**

Por

Amauri Mendes Pereira

Dissertação apresentada como requisito
Parcial à obtenção do título de Mestre

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2001

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Dissertação: **CULTURA DE CONSCIÊNCIA NEGRA**
Pensando a Construção da Identidade Nacional
E da Democracia no Brasil

Elaborada por Amauri Mendes Pereira

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2000

Profª. Drª. Maria Julieta Costa Calazans
Orientadora

Profº. Drº. Henrique Cunha Júnior

Profº. Drº. Joel Rufino dos Santos

Agradecimentos

A Maria Julieta Costa Calazans, modelo de respeito e afeto.

A José Maria Nunes Pereira, um homem de portas abertas.

A Jacques D'Adesky, pela paciência de ouvir e incentivar

À Prof^a Edil Vasconcelos cuja simplicidade e seriedade foram
chaves para mim.

Ao Claudio, Filé, Mônica, Vinicius, Mario, Maria Claudia, Geni,
Marianina, Rosilda, ...Colegas e Amigos do Mestrado, pelos
"climas" – estudos, boas discussões, descontração e a
mutualidade de transfusões de ânimo e confiança.

Especiais a Gessé de Oliveira e Alexandre Nascimento, e
depois a Maria Batista, Cristiane, Deise, Selma:
Pelos esforços de estudar e realizar.

Homenagem

Aos meus avós:

D. Maria Trindade (inspiração) e Cesar Mendes (que ainda não conheço)
Antônio da Silva Pereira (Seu Pereira – um exemplo) e D. América da
Silva Pereira (D. Nenén)

a meus pais:

Ary Alves Pereira e Manuela Mendes Pereira

Canais do sangue e da alma de um povo que vem se formando,
que hoje circula por mim.

Ao meu povo negro

Honra, Força e Glória na construção do futuro.

À Neusa, que gerou quatro.
Eu gerei o quinto dos nossos filhos.

Aos meus filhos e netos:

Diana, Josina, Amilcar e Luanda;
Gabriel, Guilherme, Lucas, e os que estão por vir.

CULTURA DE CONSCIÊNCIA NEGRA

Pensando a construção da Identidade Nacional e da Democracia no Brasil

Apresentação

- D. Maria (Avó materna): *É isso meu filho, você tem que ser melhor sempre. Senão não dá. E não se iluda, mesmo sendo mais clarinho um dia você vai ver como num tem jeito, eles num respeita mesmo.*
- D. Célia (Profª): *É claro que dá. Mas só se você quiser muito. Você sabe né, é difícil. Mas se você se esforçar e conseguir o primeiro lugar, você é quem vai segurar a Bandeira no mês de maio. Sua avó vai ficar tão orgulhosa. Vale a pena qualquer sacrifício.*
- D. Carmem (Diretora): *Eu reconheço o seu direito, mas você sabe, né meu filho. O Roberto vai... assim... representar, né? É uma autoridade importante que vem. E o Roberto, você sabe, né? ... O Jeito dele. Assim... Quer dizer a aparência, né... Eu sei que você está me entendendo.*
- Eu (Depois de sair correndo da Escola e subir o morro num fôlego só): *Vovó, vovó, _____ a c o n t e e u!!!!*
- Seu Antônio (Avô paterno): *Num tem jeito meu filho, só no pau. Tem que ser revolucionário. Por isso que eu gosto do Prestes, ele nunca arregou. Se o povo num lutar, não fizer por onde... Do céu só cai água. É mesmo assim eu já vi muito lugar que, nem isso.*
- D. Maria (Mãe da namorada): *Uhhmm! Não quero. Não quero. Logo você, minha filha... Vai escurecer a raça, vai?*
- Seu Pedro (Pai de outra namorada): *Não é bom não. Ele é mais claro e aí pode não dar certo. E além do mais, não tem nada. Vocês têm que crescer mais, isso é fogo de palha.*

Estes diálogos povoam minhas memórias de criança e adolescência. Nem todos têm a sorte (ou o azar) de serem alertados (ou se alertarem) desde cedo. Por isso (talvez por outras coisas mais) era atento às conversas dos mais velhos. Vivia pensando e perguntando: porque? Muitos porquês.

Minha mãe (e mesmo meu pai) dizia que minha avó Neném não gostava dela porque ela era de família negra – vó Maria fora escrava. Mas minha avó Neném também era um tanto escura... Mas tinha cabelos (quase) lisos, de uma avó índia – "*Pega no mato, a laço*"!!! Meu tio Paris, louríssimo, filho de italianos, *Barretari* – era "um luxo" aquele sobrenome para os meus primos. Mas ao mesmo tempo eu tinha uma certa inveja do *Trindade* dos primos do lado de minha mãe. Ela preferiu tirá-lo, quando casou, e deixar o Mendes que o meu avô português lhe deu, porque era a caçula (de 10), e nasceu mais clara um pouco – ... Como admirava a serenidade daquele meu tio, seu humor, sua sabedoria e liderança (principalmente nas coisas do espiritismo)! Quando lhe falei (na mais santa ingenuidade) sobre "aquelas idécias" de Movimento Negro, de um grupo que eu estava participando, ele me olhou bem, com a doçura e inquietação dos seus olhos azuis, deu uma escapulida providencial (acho que para refletir ou "ver" melhor) à cozinha, e me disse, ao voltar (com uma gravidade que não lembro de outra vez): "*É Bibi, esse é um movimento muito importante. Vá em frente. Vocês vão ter todo o apoio das Falanges dos pretos-velhos e outros, muitos que ainda estão amarrados, ou revoltados. É um Movimento muito importante*".

Não é nada difícil encontrar semelhanças em muitas e muitas famílias brasileiras. E dos Batuques, da Capoeira, das "coisas" afro-brasileiras, "minha praia", mergulhei no Movimento Negro. Eram tempos de radicalidade. Sentíamos: era tudo ou nada. Se a sociedade rejeitava o negro, fariamos ela nos engolir! Da mesma forma que o racismo norte americano teve que "aturar" *Luther King e os Panteras Negras!* E que os colonialistas europeus tinham que "aturar" *Fannon, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mondlane e Machel e Mandela!!!* ... A Luta contra o racismo começou a preencher todo o espaço de sonhos, de indignação, de raivas engasgadas e de ansiedade de ação. *Remar contra a maré* da acomodação (do negro que sabe o seu lugar); *dar murros em pontu de faca* de uma ditadura militar sanguinária e de uma elite insensível; *tirar leite de pedras* "inventando" Entidades negras e uma questão

racial "improvável", e enfrentando a descrença (e até o combate) de entes mais chegados. Seria impossível lutar em condições tão desfavoráveis se não houvesse certezas absolutas.

Não há nada, porém, mais educativo que o engajamento político. O ter que fazer para haver. Assumir o peso esmagador da "história nas próprias mãos". Um longo aprendizado, um turbilhão, *um processo avassalador*, conquistas (os erros e desacertos são apenas lições!) íntimas e coletivas... Mas veio voltando a inquietação, a insatisfação. Questionar os êxitos, o que (e o como) foi construído, para poder enxergar adiante. Emergir é preciso. E eu

*"Fui ao mar, para ler nas conchas secretas
o destino da minha gente.*

*Porque nelas a paciência escreveu
A verdade da vida e a perseverança que é preciso ter"¹*

¹ CUTI. "Ida ao mar". In "Batuque de Tocaia", Edição do autor, SP, 1982

I PARTE

TRANSFORMAÇÃO

"Não queremos alcançar nada. Porém queremos marchar constantemente, de noite e de dia, em companhia do homem, de todos os homens. Não se trata de alargar a caravana porque então cada fila apenas percebe a que a precede e os homens que já não se reconhecem, se encontram cada vez menos, se falam cada vez menos. Se trata, para o Terceiro Mundo, de reiniciar uma história do homem que tome em conta ao mesmo tempo as teses, algumas vezes prodigiosas, sustentadas pela Europa, mas também os crimes da Europa. (...) Se queremos que a humanidade avance com audácia, se queremos elevá-la a um nível distinto do que a Europa lhe impôs, então há que inventar, há que descobrir"

Frantz Fanon – "Os Condenados da Terra"

Introdução

"O desenraizamento é a expressão de uma ruptura com a tradição e a história de cada um, indivíduo e povo."

Jurema Werneck

"Então resolvi chegar ao Cambuci, ir à casa do Benedito Corvo... o Preto Velho, que, diziam, escutava a gente e nos deixava cabreiro, pois adivinhava o desencanto nosso, as feridas de dentro e explicava por que olhávamos o mundo com olhos secos de medo, um bolo na garganta, e perdíamos o rumo de casa de repente."

Oswaldo de Camargo

A questão racial é central na formação da sociedade brasileira e na constituição da sua identidade nacional. Este trabalho pretende contribuir com a elucidação de como isso acontece, da virada do século XX para cá. Como se instala e desenvolve essa centralidade, tanto no âmbito das elites, quanto entre a maioria da população negra e mestiça. Para tal intento é necessário buscar as formas de expressão de ambos os setores, o que é possível pela leitura direta, e através de copiosa bibliografia analítica.

E porquê se preocupar com isso? Porque os indicadores sociais são unânimes em apontar o agravamento das desigualdades raciais para além das crônicas desigualdades de classe. E, se a pregação da igualdade (pelo menos a pregação) se refere ordinariamente às questões econômicas, educacionais, de saúde, habitacionais, de segurança, etc; ainda se está longe de equacionar a questão racial em função da construção da justiça e da democracia no país – apesar de um longo caminho trilhado por negros e brancos em conjunto, com razões para muitos orgulhos e muitas vergonhas. Infelizmente, talvez, mais essas do que aquelas.

É necessário, então, abordar as controversas caracterizações presentes no pensamento social brasileiro desde a virada do século xx, completamente impregnadas do racismo, e que foram fundantes do projeto nacional. Qual terá/tem sido o nível e os tipos de influência exercidas a partir dele no dia a dia de

significações do que sejam idéias e práticas discriminatórias ou não? Não é difícil encontrar aquele (negro ou branco) capaz de taxar de racista o outro que se julga anti-racista. Sempre é possível, no Brasil, se questionar a objetividade desses conceitos.

A abordagem desse trabalho torna possível questionar os êxitos do racismo, e festejar os do anti-racismo. Este, grandioso no seu processo de instituição cultural e política, vem "comendo pelas beiradas" do início do século até os anos 70. Ganhou maior densidade nos anos 80, impactando a sociedade, incluindo a questão racial na pauta dos problemas sociais, e pondo em xeque o mito da democracia racial. Parece, contudo, que aquele impacto vem se diluindo. O Movimento Negro – ponta-de-lança da luta contra o racismo – enfrenta impasses, e o nível de cooptação, de desvios e de equívocos podem ganhar uma dimensão insuportável para um Movimento Social cumprir a sua função de agente de fermentação e transformação; ao mesmo tempo o paternalismo e a negação ostensiva do racismo (forçados a um recuo temporário) encontram novamente brechas para atuação mais desembaraçada.

Do racismo não se esperava que pudesse contribuir em nada para a harmonização das relações sociais. Mas ao analisá-lo como elemento central no pensamento social brasileiro é forçoso se reconhecer que, nesse aspecto, o anti-racismo – tanto a parte que toca ao seu ariete, o Movimento Negro; quanto a sua contraparte, as instituições engajadas na ampliação e amadurecimento da consciência social – também está ficando aquém do que espera/exige de si mesmo. A hipótese é que a visão do "prejuízo total do negro" (fundamento do seu discurso) está circunscrita aos setores mais engajados na militância, e decorre de um "olhar" preso aos valores do campo hegemônico, das elites, que prioriza aspectos materiais e imediatos. Visto dessa forma, de fato, as conquistas deixam a desejar. Mas esse "olhar" não esgota as possibilidades de análise de processo com tamanha envergadura. A visão dos prejuízos se encontra, sem dúvida, na consciência (via de regra vinculada à situação de classe) e nos sentimentos de quase totalidade da população negra. Quanto à questão propriamente racial, parece que a grande maioria dos negros vem, cada vez mais rapidamente, exorcizando "as dores da raça", a auto-rejeição, e as amargurantes memórias da escravidão. Por sua conta e risco assumiram a construção comum – fato social e histórico concreto e inarredável de *uma só nação*,

uma só língua, uma só história, um destino comum; que, voluntária/involuntariamente, consciente/inconscientemente, impregna o imaginário da população e toda sorte de instituições brasileiras.² Mas há quem veja essa construção comum como nada mais do que um grande engodo para os negros. E, na verdade, tal efetividade – a ser real – representa um empecilho para a visão "clássica" da opressão/exploração/discriminação; algo não codificado, se se pretende interpretar esse processo a partir de outros modelos de sociedades multiraciais e multiculturais..

E aquele investimento "insensato" da grande maioria dos negros não pararia aí, no se *sentir* unilateralmente (e há quem diga, alienadamente) parte do povo brasileiro. Essas mudanças não se dão apenas *em si*, elas são, por certo, formuladas por essa "massa", mas representam também, o resultado da sua interação com os mais diversos contextos sociais, onde vem aprendendo e ensinando novas lições. É aí que é necessário chegar.

Uma outra pretensão deste trabalho é captar o surgimento de um espaço, um campo de significações, que vem se insinuando: 1- ao largo (e apesar) do racismo estrutural/condicional (que fica "desarmado perante a novidade"); 2- e das alternativas politicamente corretas esgrimidas paradigmaticamente pela militância anti-racista e pelos estudos de relações raciais. A força desse campo viria da vontade, da deliberação, do prazer, de quem se engaja na sua constituição. Seria decisiva, aí, a capacidade de criação. E só a incorporaria quem se dispusesse a romper com os lugares e os geitos estabelecidos de burlar a questão racial e artificializar o universo das relações sociais. Aqueles que já vêm rompendo, se lançando (insensatamente? Alienadamente?), os negros principalmente, estariam mais à vontade. A vivência afro-brasileira (com suas dores e delícias!) deixaria de ser um peso em suas costas, e resta saber o que tanta energia geraria adiante. A generosidade (alguns diriam ingenuidade, fragilidade...) das manifestações culturais negras, conforme tradicionalmente significadas, tem sido o "núcleo comum", o elo de ligação, o ponto de partida da construção daqueles espaços (necessariamente públicos, ou seja, acessível a todos, e a serem construídos por todos), que se multiplicam, se diversificam e apontam um novo sentido de identidade nacional brasileira.

² É claro que não se descarta a existência de um certo grau de alienação, comum em processos humanos

A longa e sempre tensa e descontraída vivência como educador, indicam que a Escola pode ser (tem e não tem sido) um contexto por excelência para se vivenciar essa experiência.

Em palestra recente, o professor Otávio Ianni resumiu a trajetória do pensamento social brasileiro no século xx, dizendo que no princípio predominaram os ensaios, nos quais se interpretava os problemas brasileiros sem o compromisso de investigar na "realidade" a justeza, a veracidade, dos conceitos emitidos. E que, pelos meados do século, com a chamada "escola paulista" à frente, os estudos de relações raciais buscaram se respaldar na pesquisa efetiva e no rigor teórico e conceitual, tornando-se um fator da afirmação das Ciências Sociais no Brasil.

Primeiro os ensaístas, depois os cientistas. Quem sabe não é a hora de se ouvir os filósofos e seus companheiros inseparáveis, os poetas?

Destrançar e Retrançar

A cada manhã minha avó se ajeitava na escada para o ritual das mãos, pente e cabelos, mais um pouquinho d'água. Eu ficava à espreita. Intuíva que daquela forma ela tecia (além das tranças) seus pensamentos, lembranças, sonhos... E sempre reinventava uma coisa bonita e forte para me dizer.

Este trabalho está nascendo com o entusiasmo e a esperança que brotam da observação da ação dos homens e mulheres na história.

Sejam os que se instituíram como dirigentes, ou os que se encontram subordinados, tento acompanhá-los nas suas trajetórias e perspectivas, instintivamente diversas, cada um de *per si*. As vezes mais, as vezes menos deliberadamente; ora em alteridade, ora conjuntamente; complementares ou conflituosamente; vão se forjando nos seus imaginários e nas relações inevitáveis, atravessando como podem as provas de fogo da instituição política e das disputas práticas e objetivas (e outras nem tanto) na sociedade concreta. Se arriscam a construir, sem saberem exatamente o que, e se surpreendem com os resultados da obra (interminável!), impregnada dos sons, cores e números de acertos e desacertos que se acumulam. Tem sido impossível, para todos eles, se "distanciarem" da obra – sua própria construção na história – e perceberem que jamais se tornaram (ou se tornarão) o que pretendiam ser.

Estas imagens são sugeridas pelos intrincados processos que vão moldando uma (?) identidade nacional brasileira.

É verdade que só um imenso esforço de abstração para poder visualizar, com tal nível de isenção, a trajetória de constituição da sociedade brasileira. Implica em recalcar (ou sublimar?) os dados disponíveis, que informam sobre dois aspectos fundamentais e complementares da eficiência das classes hegemônicas, a ossatura do seu sistema de poder: a) a criação da 8ª economia do mundo; b) a reprodução (desde os tempos coloniais), de uma estrutura social e econômica geradora das mais profundas desigualdades. Implica, também, em "relativizar" a dimensão do aparato burocrático/patrimonialista em que se transformou o Estado nacional brasileiro, para gerir tamanho potencial de conflitos. A política do clientelismo, do favorecimento, em troca de votos e outros apoios, à custa do bem público, é a musculatura, o que faz

movimentar esse sistema de poder; implica em, finalmente, negligenciar a proeminência dos meios produtores e difusores de idéias centradas nas caracterizações identitárias das elites. A hegemonia cultural e ideológica é o que liga, o que dá agilidade, ao sistema de poder, o seu sistema nervoso.

Mas este trabalho quer ver com aquela visão inicial, não ficar preso às significações do momento que está sendo vivido; elas são, talvez, o mais forte apelo à perpetuação do *status quo*. Embora partilhe a repulsa à pusilanimidade dos setores hegemônicos das elites brasileiras (que, por sinal, estão desperdiçando um momento e condições históricas fabulosas para assumir papel de destaque no contexto internacional), e compartilhe as angústias das lutas políticas que postulam a sua derrocada.

É necessário atender ao chamado do que está por ser feito. Que, claro, não nasce do vazio, espontaneamente, e sim de múltiplas interações das possibilidades já lançadas. Mas que, também, não pode estar preso a nenhuma determinação. Tem de ser possível saltar do círculo vicioso das razões e justificativas históricas, das agruras da coerência impostas pelas exigências das lutas no presente; mesmo que seja um salto para a luz e esta seja capaz de cegar. Será temporário, e só assim (enfrentando riscos) haverá superação e criação histórica. É essencial acompanhar Joel Rufino dos Santos (1985), quando ele, escrevendo a respeito do papel do Movimento Negro frente à crise brasileira e mundial (crise, aí, compreendida como: "*a cadeia de impasses cuja superação, unicamente conduzirá à nova etapa histórica; superação contida, desde logo, como possibilidades no âmbito desses mesmos impasses*"³, preconiza a necessidade de se "*visualizar a crise contemporânea e brasileira desde fora do bojo da cultura hegemônica no processo civilizatório mundial*"⁴.

Por mais que seja difícil despregar a atenção prioritária da veemência dos indicadores das desigualdades raciais⁵, a pretensão é se distanciar dos poderosos

³ RUFINO DOS SANTOS, Joel. "*O Movimento Negro e a Crise Brasileira*". Citado. p. 299

⁴ Ídem. p. 304

⁵ Há vasta bibliografia tratando desse tema. Para a concepção desse trabalho foram de especial valia os indicadores e tendências que se encontram nos relatórios finais do *Laboratório de Pesquisas sobre desigualdades Raciais*. Ao longo dos anos de 1991-2, sob a orientação de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva, no CEEA (Centro de Estudos Afro-Asiáticos), o Laboratório realizou um "*programa de treinamento de pesquisadores (que) objetivou fazer um diagnóstico do desempenho sócio-econômico dos grupos raciais por ocasião do centenário da abolição, utilizando sobretudo os dados da PNAD de 1987*". São cinco relatórios,

sentidos dessa armadilha (as amarras das infinitas variações de significados do racismo) e da sua óbvia importância para a perpetuação do sistema de poder.

É o que é

(O que não era, e um dia não mais será).

Conceituar e categorizar são uma forma elementar de prendê-las à terra e favorecer o diálogo entre "viagens" acadêmicas. Junto à explicitação das teorias e metodologia compõem o esforço de burlar a tendência ao "fechamento" de quem se obriga à solidão do momento de criar. As teorias continuam a ser o "farol" de Lênin, só que não podem iluminar um caminho que não há. Construir e desconstruir tornaram-se sinônimos: do *Objeto* da pesquisa, aos próprios pés (os métodos – o com o que se vai caminhar), tudo deve ser permanentemente construído/desconstruído. Nem sempre, no entanto, é possível/cabível proceder tão trabalhoso ritual. É inevitável esbarrar com alguns conceitos consagrados na temática em tela. É essencial expressá-los. Discuti-los pode mostrar, além disso, como os termos se tornam prisões porque os fazemos assim, se lhes concedemos o poder de nos limitar nas nossas intenções quanto ao que ainda precisa ser pensado.

Negro-Branco, Claro-Escuro

Atendendo à necessidade de afirmação de identidade, sem ambiguidades (exatamente porque este é um terreno ideal onde medram os mitos), a militância do Movimento Negro, vem afirmando a dualidade Negro-Branco, e rejeitando sempre essa classificação – claros e escuros. Da mesma forma que rejeita pardo, visto como mistificação da mestiçagem, de quem deveria se assumir (e/ou ser visto) como negros. Na ótica que se quer tratar neste trabalho talvez seja a hora de enfrentar tal rigidez de conceitos. Quem sabe não seja um medo insensato? O Movimento Negro

com mais de cem páginas de textos analíticos e gráficos sobre: "Aspectos demográficos dos grupos raciais" por Nelson do Valle Silva; "Cor e seletividade conjugal no Brasil", por Maria Celi Ramos da Cruz Scalon; "Educação: Um quadro das desigualdades raciais", por Luiz Cláudio Barcelos; "Desigualdades raciais no mercado de trabalho brasileiro", por Maria Aimée Rangel Batista e Olívia Maria Rodrigues Galvão; "Raça,

fez o que estava ao seu alcance para valorizar o termo negro. Pode-se mesmo dizer que já não causa tanto impacto a auto-afirmação (ou a designação de alguém) como negro e a afirmação dos sentidos mais amplos da Consciência Negra. Muniz Sodré (1999) fala de tantas, tão tênues e tão complexas possibilidades de identificações... Faz pensar que não estaria aí, nestas verbalizações e simbolismos que carregam, o X do problema. O que o apurado senso crítico desse autor percebe como medo, vergonha e inconsistência no pensamento identitário das elites, causa da sua acentuada rejeição ao *outro*, "não-branco", talvez se manifeste, também, no *nosso* caso (os que cultuamos a "negritude")... A diferença é que temos a perder apenas "os grilhões". Saltar dessa posição fechada *nos* jogaria nos braços do senso comum. E não poderia haver espaço melhor para tratar de valores fundamentais como justiça, democracia, coragem, solidariedade (sem mistificar as "cores" que lhes são inerentes), no passado, no presente e no futuro da sociedade brasileira. Afirmar valores exclusivos, embora fosse/seja necessário para *nós* em certos momentos, interessa mais a *eles* (os que rejeitam a proximidade/ancestralidade negra), cujo esvaziamento dos mitos prenuncia perdas materiais e de poder. A possibilidade de "saltar" para um novo estado de consciência só se põe ao alcance de quem, claro ou escuro, faz a luta: interna, na auto-crítica dos seus valores e motivações; e externamente, em função da transformação da sociedade. O X do problema talvez esteja oculto para quem insista em achar que os medos, vergonhas e inconsistências não passam de sintomas de alienação, que não dizem nada além da "realidade" que cada um traz em si mesmo. E que mais?.

É flagrante e ostensivo que identificações "raciais" vêm fluindo livremente, apesar das reiteradas justificativas teóricas e estratégicas (de todos os lados: do racismo, do anti-racismo, de órgãos oficiais de pesquisa, dos acadêmicos, da mídia), para os conceitos de negro-branco-pardo. Porque não considerar outras maneiras usuais dos brasileiros se auto-classificarem? Algo semelhante apontam Guimarães (1999), e a pesquisa Datafolha (*Racismo Cordial-1995*), quanto à utilização do termo moreno, como capaz de abranger e contemplar a dificuldade de identificação racial de setores majoritários da população. O que tem sido uma argumentação forte é que

gênero e mercado de trabalho", por Denise Ferreira da Silva e Márcia Lima. Foram publicados em:

branco é branco (mesmo no caso brasileiro de brancos por auto definição); e que os mestiços tenderiam a se afastar deliberadamente do negro, deixando essa classificação aos retintos irretorquíveis. Já é lugar comum, inclusive, a citação da citadíssima Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) do IBGE, de 1976, em que foram declarados 138 cores diferentes – quase todas unanimemente interpretadas (de ângulos variados que convergem para a aceitação de que descendente de negro é negro) como "fugas" do "negro". Talvez não haja resposta a essas questões.

O que instiga, e que deverá estar presente ao longo desse trabalho, não é se embrenhar cada vez mais nesse emaranhado de razões e emoções, por mais razoáveis e até necessárias que possam ser em determinado momento; mas procurar ver de fora daquelas questões. Não além delas, ou menosprezando-as, mas tomando-as como um dado, não a realidade onde devem ser buscadas as respostas.

Universalismo

Mas, e quando se depara com a força e a naturalização do universalismo assimilacionista? Como buscar acordo com quem quer subjugar-lo e destruí-lo? Pois é o que sentem os mais escuros que deliberam afirmar seu valor intrínseco, ao constatarem que isso se torna um obstáculo à sua plena contribuição na permanente construção dos valores na sociedade. Resta-lhes negarem-se e admitir um comando externo à sua vontade e identidade; ou afirmarem-se como negros (auto-defesa), rejeitar limitações e procurar explodir as barreiras. Esta é a postura de quem assume o Movimento Negro em alguma das suas infinitas possibilidades de representação. Deve-se lembrar que muitas vezes para esse negro já foi difícil vencer, no fundo de sua alma, as barreiras do racismo tentando adestrá-lo desde muito cedo. Será fatal, agora, brandir com radicalidade a diferença. Ainda mais que os mais claros, em geral, se sentem absolutamente desobrigados de qualquer solidariedade; muito menos de sentirem que o problema é, também, seu. E ainda pensam que os mais escuros é que devem abandonar seus complexos e recalques e aceitarem a "normalidade" das

coisas... É tão poderosa a naturalização do universalismo assimilacionista, que até mesmo um pensador do porte de Alberto Guerreiro Ramos (1957), sociólogo negro, militante, se viu embaralhado nessa teia de significações.

Como é difícil dizer ao negro militante, ou mesmo aos que simplesmente (e às vezes mui recondidamente) assumem a Consciência Negra: é preciso "saltar"!

O diálogo do universalismo só tem acontecido consigo mesmo. Ele é a arma fundamental no arsenal das conveniências dos mais claros. Por um lado, a concepção universalista coloca o indivíduo como o fundamento de uma sociedade humana autônoma, pretendendo eliminar, em princípio, qualquer hierarquização. É um ideal sedutor. O problema não é, portanto, desejá-lo, mas construí-lo. Qual o interesse de construí-lo efetivamente se ele já está à mão, na forma de justificativas ideológicas – correspondentes à hegemonia do sistema de poder e de valores hegemônicos – que dão os parâmetros da sua existência? E esse é o outro lado da proeminência da concepção universalista no Brasil: o privilégio dos aportes de matrizes européias, em detrimento das matrizes africanas e indígenas (essas, por sinal, segregadas e virtualmente eliminadas). É quase unânime nos mais recentes estudos de relações raciais – D'Adesky (1996) e Guimarães (1999), são dois bons exemplos – o fato de que o assimilacionismo, corolário do tipo de universalismo predominante no Brasil, "apenas" pede ao negro que consinta em deixar de sê-lo... para o bem da nação. Darcy Ribeiro (1995), chega a imaginar uma nação/etnia, ou seja a homogeneização cultural associada ao mestiçamento total. Só que para esse autor a hegemonia já está dada, de antemão, à força civilizatória das matrizes européias ocidentais, que foi capaz de subjugar as "outras" (o que ele, inclusive, lamenta, mas que... "não tem mais jeito"). Mesmo reconhecendo problemas e dificuldades nessa assimilação, para Darcy Ribeiro seria "*um mal menor*".

É difícil, no entanto, a crítica de uma doutrina que, ao que parece, carrega, além da força da tradição, o desejo da imensa maioria da população. E permanece a tensão. Será um poço-sem-fundo? Talvez, se persistirem as escavações/argumentações (longe de qualquer juízo de valor), circunscritas à dualidade universalismo x diferencialismo (cada uma delas, por sua vez, sujeitas a

mais e mais difrataçãoes).⁶ Impressiona a densidade, a concisão, a originalidade, que permeiam o debate travado em vasta bibliografia dos estudos filosóficos, antropológicos, sociológicos, psicológicos, históricos, e outros, que tocam (e às vezes buscam aprofundar) essa questão crucial da identidade nacional brasileira. Uma postura como a de Jacques D'Adesky pode não eliminar, mas ajuda a equilibrar a ansiedade: "*É preciso precaver-se e não colocar todas as expectativas na exacerbação dos conflitos étnicos, para não deixar de perceber os nós de contradições que podem nascer em nome do direito à diferença ou na defesa dos particularismos*".⁷ Mas "*A exigência da universalidade deve ser a estrela guiando uma busca, não uma bandeira desfraldada sobre a certeza da verdade e do bem*"⁸

Racialismo

Há um debate que já vai bastante extenso, abrangendo as diversas abordagens que se cruzam no estudo das relações raciais, a respeito da maior ou menor pertinência e/ou oportunidade, conveniência, do emprego dos termos raça x etnia. Em princípio, penso que, tanto no senso comum, quanto entre acadêmicos, todos "sabem" do que se trata quando se emprega esses termos, exatamente porque impera o racialismo (o "ver" a partir da raça); e há sempre um estado de alerta, com significações (individuais e coletivas) dos dois termos, seja dos seus aspectos instituídos ou de aspectos imaginários.

As principais referências são as conceituações de D'Adesky (1996) e Guimarães (1999). O primeiro, apoiado em vasta bibliografia, na qual desponta o francês Taguieff⁹, vê raça como conceito ambíguo mas reconhece que não se pode descartar o seu uso. Defende, também, o uso do conceito de etnia como instrumento de análise, mesmo enfatizando a sua complexidade: "*A noção de grupo étnico não se deixa captar com facilidade (...) de forma geral, pode-se identificar a raça, a*

⁶ Vale a pena consultar, a respeito: PIERUCCI, Antônio F. "*Ciladas da Diferença*".....

⁷ D'ADESKY, J. "*Pluralismo étnico e Multiculturalismo Racismo e Anti-racismo no Brasil*". Obra citada p. 66

⁸ Ídem, p. 289

⁹ É rica e original a abordagem da situação racial brasileira procedida por D'Adesky utilizando o modelo quadripartido de relações raciais daquele autor. Me excuso de não explicitá-lo. Me parece mais útil aproveitar,

religião, e a língua como fatores fundamentais, a história como o epicentro de uma herança cultural comum, o espaço como área territorial e categoria de pertencimento e a vontade de viver em conjunto como expressões de uma certa comunidade cultural".¹⁰ Guimarães, também dialogando com muitos autores, avança o conceito de raça-social, capaz de desprender o termo do seu sentido antigo, e (pelo menos no âmbito das conceituações) desviá-lo da pecha de que seu uso reforça o "biologismo": "*Não é necessário reivindicar nenhuma realidade biológica das "raças" para fundamentar a utilização do conceito em estudos sociológicos*".¹¹ Esse autor, alerta para a inconveniência da utilização abusiva do termo racismo, na designação de outras práticas de discriminação social, e rejeita essa diluição do conceito de raça, sugerindo o uso de expressões mais precisas para tais discriminações, como "sexismo", etc.

Mas é difícil falar em racismo, no Brasil. A naturalização das desigualdades raciais, seja informada pelo biologismo, ou pela associação negro/pobreza/sujeira e outros estereótipos; obriga a adjetivar o racismo: voluntário/involuntário; consciente/inconsciente; mais e menos aberto ou camuflado; direto e indireto. Essa largueza de possibilidades ensejou um comportamento típico entre os mais claros, cunhado pela antiga militância do Movimento Negro paulista (e bem utilizado por Florestan Fernandes) que é o *preconceito de não ter preconceito*. É comum a apresentação de argumentos ou expressões racistas, com o propósito (e quase sempre com a crença sincera) de repudiar a pecha de racista. Frases como: *negro de alma branca*, ou o uso da "fatídica" preposição "mas" – fulano é preto *mas* é gente boa.

Racialismo me parece o conceito mais apropriado para designar esse estado de espírito. "*É a visão... de que existem características hereditárias, possuídas por membros de nossa espécie, que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que eles não têm em comum com membros de nenhuma outra raça*".¹²

no corpo do trabalho, a abrangência e densidade de reflexões que me possibilitam, sem necessidade de ser mais extenso.

¹⁰ D'ADESKY, Jacques. Obra citada. p. 31

¹¹ GUIMARÃES, Antônio Sergio A. Obra citada . p. 29

¹² APPIAH, Kwame Antony. "*Na Casa do meu pai*". Citada. p. 33

Appiah se preocupou em elucidar as diferentes conotações referentes à política do *Apartheid* na África do Sul (por exemplo), e às formulações de Panafricanistas norte-americanos; embora, na visão desse autor, ambos pensem a história e o desenvolvimento humano *a partir da raça*, de atributos que atestariam uma *essência genética* diferenciadora de grupos humanos. Ao invés de designar ambos os comportamentos como *racismo*, o que seria enfiar num mesmo conceito situações e funções históricas e políticas absolutamente distintas, Appiah os vê como racialistas (a raça – a suposta especificidade genética – seria um pressuposto para ambas as ideologias); e se preocupa em especificar os tipos de racismo: um, gerador de opressão (que ele chamou de *extrínseco*); e outro (*intrínseco*), capaz de gerar "espaços de resistência" dos grupos em desvantagem.¹³

Aquele conceito de *Racialismo* pode ajudar a pensar o que acontece no Brasil. Mesmo os mais engajados militantes anti-racistas encontram dificuldades em se livrarem do racialismo. Para explicitar melhor esse argumento é permissível uma digressão:

- Este trabalho partilha a suposição de um avanço da consciência social sobre o racismo. Essa consciência vem sendo impulsionada pelo Movimento Negro e pela ampliação da luta contra o racismo, além de se caucionar em estudos de várias áreas acadêmicas, que afirmam a profundidade dos problemas de relações raciais. São notáveis os avanços dessa consciência (que vai se disseminando tanto entre mais claros, quanto entre mais escuros) em direção à compreensão de que o racismo não é um *problema dos negros* e sim um problema engendrado na formação e no desenvolvimento da nação brasileira. Mas a boa vontade (em alguns maturidade mesmo) de alguns setores não pode se arrogar como expressão do estado de consciência de uma sociedade inteira. Principalmente se considerando a "tradição" de conservadorismo capitaneada pelas elites brasileiras. Estas têm sido capazes, até aqui, de manter as rédeas da difusão ideológica e do poder material, através da "negociação habilidosa" ou da repressão mais brutal.¹⁴

¹³ Embora a originalidade do pensamento, não vi necessidade de entrar nas especificações de Appiah: racismos *intrínseco* e *extrínseco*, muito bem formuladas no I capítulo "*A Invenção da África*", da sua obra citada.

¹⁴ É extensa a lista de estudos críticos a respeito da capacidade de perpetuação das elites no Brasil. Como sugestão, o clássico "*Os Donos do Poder*". FAORO, Raimundo, 1ª edição 1957. Este livro foi atualizado e

Preocupa, portanto, a "facilidade", a "agilidade", com que muitos pretendem superar a questão racial.

- Se ao adquirir maior importância no final dos anos 70, a militância anti-racista trouxe comoção e temeridade (também entre negros, mas principalmente entre não negros); a partir de um certo momento parece que, de novo, a situação "entrou nos eixos", com a sociedade assimilando as demandas da luta contra o racismo, e se rendendo à necessidade de novos procedimentos nesse âmbito. É como se estivessem se generalizando consciência e vontade social positivas, capazes, por si sós, de desintegrar as distorções que vêm se reproduzindo; sendo mera questão de tempo e competência a elaboração e implementação de políticas de erradicação das bases da discriminação racial e do racismo. Uma coisa é querer isso, outra julgar que está acontecendo com tal facilidade. Como se questão tão fundamental estivesse desvinculada do quadro de aguda crise social e econômica, evoluindo e se resolvendo a despeito da concentração de renda, do desemprego estrutural, do alargamento da base da pirâmide de qualificação profissional, da degeneração da qualidade de vida; entre outros problemas que, em nosso país, sempre tiveram cor. E mais, como se, ao final, a questão racial pudesse ser resolvida exclusivamente com medidas atenuantes das condições materiais da grande maioria dos negros. É como se fosse um *problema dos negros*. "Eu me vejo como não negro. O negro é o *outro*." E mesmo negros se sentem *os outros* –

reeditado pela editora Globo, SP, 2000, em 2 volumes. Também RODRIGUES, J. Honório. *"Conciliação e Reforma no Brasil – Um desafio histórico-político"*. 1965. Edit. Civilização Brasileira. RJ. GORENDER, Jacob. *"Combate nas Trevas"*. Também é uma boa fonte. Trata prioritariamente das agruras vividas pelas organizações e pelos combatentes da luta armada contra o regime militar brasileiro (1964 até os meados dos anos 70). Mas apresenta, também, análise densa sobre a capacidade de violência e terror manifestada por setores das forças armadas, largamente respaldadas na conivência (ou no mínimo omissão e covardia) das elites, desmascarando sua propalada civilidade e "habilidade".

Reforça essa compreensão o relato da mais abjeta covardia e desonra que marcam a ação das principais autoridades dos poderes constituídos, no episódio da Revolta da Chibata, em 1910. A pesquisa que deu visibilidade histórica àquela indignidade está em: MOREL, Edmar. *"A revolta da chibata"*. 1978. GRAAL. RJ. Num texto mais didático e enfocando mais diretamente o aspecto racial: MAESTRI Filho, Mário. *"1910: A revolta dos marinheiros"*. 1982. Global Ed. SP.

Ainda a respeito, é importante lembrar do absurdo aparato militar – vide os grandes jornais brasileiros do dia 12.05.88 – mobilizado pelo Comando Militar do Leste (tropas do exército, marinha e aeronáutica, além da polícia militar), para reprimir a MARCHA CONTRA A FARSA DA ABOLIÇÃO, promovida pelo Movimento Negro do RJ, em 11.05.88. A presença massiva de idosos, crianças e adolescentes, não impediu a ordem de que os militares cercassem a Marcha e permanecessem a poucos metros da multidão com as baionetas apontadas. Militares quebraram os 6 palanques da RIOTUR, que serviriam para o comício final da

alguns se mortificam, outros se regozijam com isso, muitos não sabem direito o que pensar. Todos, no entanto, mais claros e mais escuros, se vêm e "compreendem" a sociedade – suas "raízes", seu desenvolvimento e suas perspectivas – a partir da "raça"... Ao mesmo tempo que se repudia formalmente o uso ostensivo do termo. Até bem recentemente era (e para muitos ainda é) natural a determinação, pelo publicitário, das pessoas (sempre mais claras) que vão compor a sua peça para veiculação na televisão; ou do novelista... Aos poucos tornou-se uma situação incômoda, quase constrangedora, a necessidade de pensar que é necessário/importante incluir alguns mais escuros. A diversificação das cores/características físicas dos componentes tem sido (quando é) feita, atendendo a uma monitoração racional, intencional, calculadamente – o domínio do "politicamente correto" (deve-se incluir também descendentes de orientais); jamais afetivamente, naturalmente. Pareceria então que é o oposto do que está sendo dito: pensar "na raça" não é natural. Frente a esse *quid pro quo* (sensação de coisas fora do lugar) me vem à lembrança o conceito de patologia social do branco brasileiro, utilizado pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos (1957). De tal forma a personalidade da grande maioria dos brasileiros mais claros está impregnada da excelência/exclusividade da branquidade¹⁵ essencial/ideal (a continuidade da existência dos mais escuros seria um acidente, uma mancha a ser diluída, daí a procedência da sua invisibilidade), que pensar, e ter de agir, em função "da raça" passa a representar um estorvo, uma violência. E a situação que reivindica, força, a visibilidade, a assunção social da questão racial é encarada como algo perigoso para a unidade nacional, uma "*tendência disruptiva*", como caracterizou Hélio Jaguaribe.¹⁶

A erradicação do racismo é uma questão central nas perspectivas de justiça social e democracia da nação brasileira.

manifestação, na Central do Brasil, e prenderam mais de 150 manifestantes entre os que chegavam pelas principais vias de acesso dos subúrbios para o centro da cidade.

¹⁵ APPLE, Michael "*Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas*". Na extensa nota em que justifica a escolha desse neologismo, Tomaz Tadeu da Silva, revisor da tradução para o português, diz que "*a supremacia da branquidade é tão avassaladora que permanece invisível, como a norma que não se nomeia*".

Um sintoma de tendência diversionista é o comentário comum de se ouvir, de que o negro também é (seria até o pior) racista; e, junto, vem um elenco previsível de motivos para justificar a afirmação (só gosta de louras; não pode melhorar de vida que já quer espezinhar todo mundo, etc). Apesar dessa posição geralmente representar uma derivação oportunista, tentando pulverizar responsabilidades pelas desigualdades, ela se refere a fatos observáveis, como a auto-rejeição, a vergonha de ser negro, a introjeção do desvalor e sua projeção sobre os outros negros, etc. Mas acontece também o oposto – o negro que (cada vez em maior quantidade) passa a se orgulhar "da raça" e, numa postura reativa geralmente temporária, passa a afrontar os mais claros (as camisetas **100% Negro** são um bom exemplo). De qualquer maneira, pode-se identificar como racista, tanto o comportamento da maioria dos mais claros, quanto o dos brasileiros afrodescendentes mais escuros.

Ainda hoje não se pode considerar superado este tipo de biologismo, que fez a fortuna da Antropologia física da Segunda metade do século XIX até o início do século XX.

Movimento Negro

A pretensão é ver o Movimento Negro como um agente privilegiado da democracia no Brasil. Isto se justifica, porque: se estudos acadêmicos têm erodido as mais fulgurantes construções do mito da democracia racial; se, como disse Joel Rufino dos Santos, esse mito está desmoronando juntamente com outros que compõem o ideário nacional; de qualquer maneira essas intervenções não têm força para eliminar o que está instituído. Em primeiro lugar, o mito da democracia racial se instituiu culturalmente porque correspondia a um anseio da população, e foi apropriado politicamente por um sistema de poder que traduziu em ícone o que era desejo e, talvez, processo. Segundo, que não se pode garantir a substituição do mito por algo melhor do que ele. A eficácia na luta contra uma instituição política exige a constituição de outra da mesma envergadura. Este tem sido o papel do Movimento Negro, como ponta-de-lança da luta contra o racismo.

¹⁶ Ver essa referência no texto "....." JAGUARIBE, Hélio. Congresso da ALADAA. 1983.RJ

Essa abordagem do Movimento Negro busca o apoio na produção de um dos seus analistas mais agudos. Joel Rufino dos Santos (1985) foi o primeiro a teorizar sobre a constituição do Movimento Negro. A sua conceituação do Mov. Negro em duas dimensões: *sentido amplo* – toda e qualquer forma de resistência negra – e *sentido estrito* – militantes e Entidades que se dispõem a luta política contra o racismo nos marcos do regime político/institucional vigente, é preciosa. Mesmo tomando partido da definição de Movimento Negro em sentido amplo, na qual inclui a variedade de manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas (que ele vê como o "*núcleo pesado*" de uma cultura brasileira em gestação), Joel Rufino se dedica a analisar mais detidamente as características e as propostas das Entidades e da militância do Mov. Negro politizado. Aquela conceituação, mais a densidade da sua teorização em que se entrelaçam os "*sentidos axiais*" do Movimento Negro e a sua relação com a crise brasileira e mundial (as quais sintetiza com maestria); e ainda a picardia do seu alerta sobre "*a chantagem do maquiavelismo ocidental que, hierarquizando as ações sociais, estigmatiza como alienadas e inferiores as não explicitamente políticas, e como inconsequentes as que parecem não acumular energia política*"¹⁷, são fundamentais para o que se pretende enfatizar neste trabalho. Falta apenas cobrir uma lacuna nesse texto de Joel Rufino: uma certa preocupação política – o poder, o controle sobre sua própria produção e tradições – próxima da concepção de Movimento Negro em sentido estrito, jamais deixou de estar presente (embora raramente no comando) na dimensão ampla do Movimento.

- Tal, seria o perfil de alguns setores das Escolas de Samba (partes das Alas de Compositores, do "pessoal" da harmonia, os mais zelosos da originalidade da bateria, por exemplo), que em muitas delas sempre se manifestaram – às vezes, até violentamente – contra a "invasão", a descaracterização e a apropriação do carnaval pela "indústria do turismo".¹⁸
- O mesmo pode-se dizer da Capoeira. Mesmo se reconhecendo a predominância da dualidade: ou espetáculo / ou violência, em detrimento da "mandinga", do "jogo dentro", do brilho da inventividade permanente dos movimentos (que

¹⁷ RUFINO DOS SANTOS, Joel. "*O Movimento Negro e a crise brasileira*". citada. p. 304

¹⁸ Um bom exemplo, são os sucessivos eventos (seminários, debates, etc) realizados pela ASSODHESERJ – Associação dos Diretores de Harmonia das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

sempre constituíram a essência do "jogo"); em todos os grupos e rodas sempre existem os que se esforçam por manter/recriar os "fundamentos", tanto do jogo, como nos toques e cantos, e principalmente na organização da roda.

- E o que dizer das religiões de matrizes africanas? Não há dúvida que o quadro é extremamente complexo; até porque suas razões e explicações, ao fim das contas não buscam legitimidade no "ayê" (no mundo físico), e então não é dado comentar. Mas no "bochicho" da maioria das Comunidades Terreiro sempre houve os(as) que questionam, não a presença, talvez nem mesmo a proeminência de brancos, mas a influência (em muitas "Casas"), dos valores nos quais, muitas vezes, eles foram formados. E há clareza nesses questionamentos: como se vai garantir o Axé, se os "noviços" não assumirem integralmente o seu "renascimento" e a vivência coletiva em que se baseiam a vida, a harmonia, a segurança, e a continuidade da comunidade?

É necessário frisar que não se trata de falar de um lugar de "conhecimento crítico", nem de dar vazão a qualquer juízo de valor. O que está sendo sublinhado é a existência de um quadro em que sempre esteve presente o sentido de resistência, de salvaguarda de valores.

A tendência desse trabalho é considerar cada manifestação de insatisfação, de negação da subordinação, no âmbito das manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas, como de caráter político. E é fácil constatar a proximidade preferencial dos membros "insatisfeitos", mais "rebelados" desse âmbito com os setores politizados do Movimento Negro. É raro acontecer um grande evento político ou institucional do (ou com a presença do) Movimento Negro que não contemple a presença destacada de membros eminentes das religiões afro-brasileiras e da "cultura negra" em geral.

Mas é inevitável demorar um pouco sobre a abordagem do fenômeno mais recente de instituição política do Movimento Negro. Porque o fato de concebê-lo como um agente fundamental na construção da democracia e da justiça social, decorre não de sua ontologia, ou de aportes metafísicos (se há, como identificá-los?) fora de todo esforço de elucidação. Mas graças a observação de que há momentos em que se aceleram o nível de consciência da necessidade de agir (e de como, e por onde

agir) e o grau de mobilização e de efetividade do Movimento Negro. Ao contrário de outros momentos em que se percebe uma certa letargia, um arrastar de pensamentos e ações, gerando as condições ideais para o aumento da cooptação, dos desvios, dos erros, da covardia. (A referência é às características dominantes, porque sempre há força e fraqueza em todos os momentos). Sem descartar as concepções que concedem a primazia às pequenas transformações no cotidiano e às redes (de solidariedade, de significações) que vão sendo formadas, impedindo ou limitando o pleno exercício de qualquer poder estranho em seu interior; na avaliação dessa pesquisa, o que se dá é Criação. A partir do momento em que, seja por acúmulo (de experiências, de geração de idéias, etc) ou por outras razões, determinadas lideranças e "hábitos" instituídos no meio negro, "*põem em julgamento sua própria instituição, sua representação do mundo, suas significações imaginárias sociais*"¹⁹, e esta postura encontra eco nas significações de uma maioria que passa a agir na mesma direção; então, isso é construção de *autonomia aberta*, como a designa Castoriadis (1987). É o que acontece em vários momentos dos anos 20, 30 e 40, em São Paulo; o mesmo nos anos 40 e 50, no Rio de Janeiro e em São Paulo; e nas maiores capitais, em quase todos os estados brasileiros a partir da década de 80. Eles são incontáveis e com impressionante diversidade, conforme será visto mais adiante.

Resta aduzir que, nesse trabalho, o Movimento Negro *Lato Sensu* é visto como o lastro da instituição política. É como se houvesse um "acordo" entre as Entidades politizadas, a base cultural e os aspectos mais amplos da vivência afro-brasileira – sem o que a deliberação política ficaria "no ar".

Um estudo de relações raciais?

O objetivo não é fazer um estudo de relações raciais, embora seja imprescindível se tocar com essa área das Ciências Sociais. E eles são um ponto-de-partida importante nesta dissertação. Eles trouxeram "credibilidade científica" aos questionamentos do Movimento Negro sobre o mito da democracia racial, e à

¹⁹ CASTORIADIS, Cornelius. "*O Imaginário: a criação no domínio social histórico*" citado p. 242

concepção da centralidade da questão racial na construção da nacionalidade ou da identidade nacional brasileira.

Os estudos pioneiros sobre relações raciais no Brasil foram realizados por Donald Pierson, na Bahia, em 1937. Esse autor foi formado pelo instrumental teórico e metodológico dos estudos de relações raciais norte americanos (a sua pesquisa aqui lhe rendeu o seu doutorado). Apesar disso (ou talvez por isso), a sua pesquisa empírica e a sua análise, acabaram por referendar o senso comum sobre as relações raciais no Brasil – aqui não havia o *Jim Crow*, a segregação e discriminação abertas, a hostilidade declarada. E "confirmaram", com alguma especificidade (quando afirma, por exemplo, que se deveria estudar a questão racial no Brasil pela ótica de classes, ou que os preconceitos não se dirigem aos grupos – mulatos e negros – mas aos indivíduos...), os pressupostos teóricos da inexistência de preconceito racial fornecidos por Gilberto Freire em sua obra (então recente) *Casa Grande e Senzala*.

Mas os estudos de relações raciais, no Brasil, só ganharam impulso com a chamada pesquisa UNESCO, realizada em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, no início dos anos 50. A ONU – Organização das Nações Unidas – interessou-se especialmente pelo projeto. O que se conhecia do Brasil, além do gigantismo territorial e demográfico, e do seu exotismo, era a imagem de harmonia racial veiculada pelas elites – "confirmadas" na ausência de conflitos raciais abertos, diferentemente de outras nações multiraciais. Apresentar ao conhecimento mundial os interstícios dessa construção social, era tudo o que queria uma recém criada ONU, que tinha entre suas funções administrar as sequelas do conflito mundial em que a questão racial fora crucial. Duas Guerras que contabilizaram imensos prejuízos materiais e humanos em menos de 30 anos predispunha algumas vozes entre os povos europeus a investirem toda energia na consolidação da paz. (Na verdade, as guerras e os massacres movidos pelo colonialismo das potências européias, em África e na Ásia, mais ou menos no mesmo período, demonstravam que o seu interesse pela paz não se estendia aos povos "de cor").

Os resultados das pesquisas do Projeto UNESCO²⁰ – e a sua continuidade ao longo dos anos 50 e 60 – se tornaram o marco referencial de uma postura crítica sobre a questão das relações raciais no Brasil, frustrando, um pouco, as expectativas brasileiras e estrangeiras que motivaram a pesquisa. É de se salientar a atuação da chamada *Escola Paulista*, sediada na USP e capitaneada pelos professores Florestan Fernandes e Roger Bastide. Além de publicarem suas próprias análises, foram os principais orientadores de toda uma geração de cientistas sociais (em que se destacaram Otávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso), que produziram trabalhos de pesquisa hoje tidos como clássicos.

O trabalho de Oracy Nogueira "*Preconceito de Marca. As relações raciais em Itapetininga*", foi o único a ser realizado a partir de pesquisa numa cidade do interior, ainda no rastro do Projeto UNESCO. O autor estabeleceu um diferencial em relação aos outros trabalhos, ao enfatizar a existência, no Brasil, de um preconceito de cor e não de marca, como no EUA. Segundo ele, se poderia dizer – simplificaradamente – que descendente de negro, nos EUA é negro; no Brasil, só os mais escuros e com fenótipo acentuado (formatos do nariz, da boca, e cabelos crespos).

Hoje, há uma corrente de estudiosos do tema que rejeita a análise da questão racial no Brasil a partir da comparação com o contexto norte americano. Mas também há os que insistem na importância da comparação. Não parece relevante para os objetivos desse trabalho uma sucessão de explicitações dos conteúdos dos textos, cujo principal eixo de discordâncias gira em torno da pertinência ou não do uso de conceitos e categorias para análise da questão racial nos EUA e no Brasil, e das suas generalidades/particularidades. Mas é essencial anotar a diversidade dos "olhares", e que é forçoso reconhecer (para além das diferentes abordagens teóricas e metodológicas) uma série de componentes ideológicos – a influência das experiências de vida de cada estudioso e suas perspectivas pessoais, profissionais, políticas, por exemplo – que lhe são subjacentes.

²⁰ Foram definidas tres áreas: No RJ, a pesquisa ficou a cargo de Luís Aguiar da Costa Pinto; na Bahia, coube a Thales de Azevedo; e em SP, Florestan Fernandes e Roger Bastide foram os encarregados.

Fundamental para a discussão sobre a centralidade da questão racial na formação da Identidade Nacional e na construção da democracia no Brasil, são os três pilares da chamada ideologia racial brasileira – a "fábula das três raças", o mito da democracia racial e a teoria do embranquecimento. Ideologia aí, de acordo com a mais ortodoxa tradição marxista, entendida como *falsa consciência*, mistificação, ilusão, distorção. Embora não se deva descartar o uso dessa expressão com um caráter mais sociológico, referindo à função das idéias na vida social; além do que está sendo feito, de caráter mais epistemológico, questionando se tais idéias são reais ou irreais.²¹

Talvez o maior orgulho nacional brasileiro seja (ainda) a idéia de harmonia racial. Tecida em consonância com as conveniências das elites e/ou em função do desejo (alienação?) da população negra, o fato é que essa idéia vem sendo assimilada pela grande maioria dos brasileiros como uma vocação nacional. E seu respaldo maior tem sido a ausência de uma história de conflitos ostensivos, em contraste com a situação de outros países.

De fato, e apesar das flagrantes e profundas desigualdades sociais e raciais não são comuns conflitos raciais ostensivos e disseminados como tais na sociedade. Não há segregação formal ou animosidade explícita entre mais claros e mais escuros, sendo possível se falar em boa convivência em todas as instâncias da vida social. Como isso é possível? O senso comum tem a resposta objetiva para as causas das desigualdades: o problema é de classe social. É comum se ouvir que negro com dinheiro vira branco, com a indefectível citação do exemplo Pelé, assim como o argumento de que há muitos brancos na pobreza. Para a maioria das pesquisas na área das ciências humanas e sociais essa explicação é absolutamente insatisfatória. Além de lembrar os dados já citados, é importante recorrer aqui à interpretação de Roberto da Matta (1981) que se tornou clássica.

Concordando inteiramente com o lugar comum da historiografia brasileira que fala do credo anti-igualitarista que instituiu a nação, Da Matta vai além, em aguda percepção. Para ele, a sociedade brasileira naturalizou a hierarquização de posições sociais (muito ajudada pela ideologia católica e pelo formalismo jurídico

²¹ Ver a respeito EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma Introdução*. Boitempo/UNESP

portugueses). E isso se deu de forma tão profunda que tornou possível a proximidade, convivência, entre negros e brancos – porque cada um, sabe (e acata) de antemão o seu lugar. "*Nesse sistema não há necessidade de segregar o mestiço, o mulato, o índio e o negro, porque as hierarquias asseguram a superioridade do branco como grupo dominante. A intimidade, a consideração, o favor e a confiança, podem se desenvolver como traços e valores associados à hierarquia que emoldura a sociedade e nunca – como supôs Gilberto Freire – como um elemento do caráter nacional português.*"²² E ele compara com a situação norte americana, onde o desenvolvimento de um racismo segregacionista foi a solução encontrada numa sociedade que se instituiu a partir da crença na importância da igualdade social entre os homens, rejeitando a monarquia. Para continuar professando aquele credo igualitarista era preciso ver os negros como não homens (crer na sua irremissível inferioridade biológica), estabelecer um critério rígido de pureza racial (mestiços são negros), e só reduzir contatos físicos e sociais ao mínimo imprescindível – para exploração de mão-de-obra, por exemplo.

Da Matta cunhou com a expressão *Fábula das três raças* – o mito de origem da nacionalidade, "*que se constitui na mais poderosa força cultural do Brasil*" – à elaboração surgida no âmbito das elites brasileiras para expressar a composição do povo brasileiro com negros, índios e brancos. Uma coisa, diz, é a presença dos três componentes, o que é óbvio. O que ele questiona é a utilização dessa "*banalidade empírica (...) como recursos ideológicos na construção da identidade social, como foi o caso brasileiro.*"²³

O tratamento dado pela intelectualidade brasileira na virada do século XX à questão da mestiçagem, pode ser vista como uma derivação da fábula. A mestiçagem era um fato social inarredável. O censo de 1890 aponta quase o mesmo número de brancos e mestiços. Todavia esses números e a forma de consegui-los merecem ser melhor pensados. Veremos adiante, que a população brasileira – suas características físicas e culturais – se apresentavam como um dilema para as elites naqueles tempos, daí o incremento da imigração européia nos finais do XIX e início do XX. Se da parte das elites se pretendia parecer o mais branca possível, é razoável se pensar na sua

²² DA MATTA, Roberto. "*Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social.*" 1981. Vozes. RJ.p. 75-6

capacidade de influenciar os resultados do Censo, tanto direta (dificilmente Nilo Peçanha, importante político paulista, que adiante seria presidente da república, ou Machado de Assis, ambos sabidamente mestiços, terão se declarado como tal); quanto indiretamente (era grande o entusiasmo das elites com a crença de que as decisões de Estado, em breve, pelo incremento da imigração européia, tornaria o Brasil um país civilizado, entenda-se, branco).

O impacto da mestiçagem sobre a identidade nacional brasileira, além de alguns aspectos já tocados ao longo do texto, tem sido decisivo – para um lado, para o outro, ou para o equilíbrio. Clarear a raça, era até pouco tempo, uma expressão (e "a boca fala o que o coração tá cheio") corrente entre os mais escuros, e no ideário nacional. Partia da convicção de que "lavar a mancha negra" era se livrar do atraso, da inferioridade, e aspirar à civilização. Seja através de aspectos mais estereotipados, ou de exemplos mais consistentes, já não é possível se afirmar a hegemonia desse pensamento. O culto a Bob Marley não só entre negros, e a ampla difusão e aceitação social da estética e de simbolismos de matrizes africanas ou afro-brasileiras, são bons exemplos. Outro fato de fácil constatação, e a participação de mestiços na militância do Movimento Negro, assumindo integralmente a condição de negros, e sendo perfeitamente assimilados nesse âmbito e em outros setores da sociedade como tal. De qualquer forma a alegoria de Gilberto Freire sobre a "*morenidade biológica ou ecológica*"²⁴, que segundo ele seria o desejo da população brasileira diz bem do que parece estar acontecendo, principalmente entre os mais jovens. Fundir as "raças", fundir as culturas e criar novas identidades; ou manter as singularidades (será que existem?) e "respeitar" as diferenças? Essas formulações podem mesmo não estar corretas e com certeza não são únicas, mas há uma questão de fundo subjacente a elas. E das maneiras que forem visualizadas e enfrentadas por todos, depende a efetividade da construção da democracia e da justiça na sociedade e na nação brasileiras.

²⁴ Ídem. p. 62-3

Mais do mesmo ?

I

Até que ponto é possível romper (sem negar ou desconhecer) com as significações imaginárias sociais que remontam sempre às avaliações das contribuições dos mais claros e dos mais escuros na formação da sociedade brasileira? Parece cada vez mais difícil (quem sabe ocioso?) pretender examinar tais créditos depois de mais de quatro séculos de tamanho grau de interação. Será que as partes têm como desfazer as influências recíprocas? Duas possibilidades parecem mais instigantes:

- a) Considerar esse quadro na perspectiva de uma história das etnias. Mesmo considerando a hierarquização das relações entre brancos e negros, rejeitar decorrer daí juízos de valor sobre o *quantum* de apropriações de cada um ao longo da história. Buscar revelar (como ensina Edgar Ferreira Neto-1987) o desenvolvimento histórico de cada grupo étnico a partir de suas particularidades e universos próprios, e dos significados que cada grupo deu ao seu desenvolvimento e às relações estabelecidas.
- b) Considerar se – a despeito de "sobrevivências", de espaços/tempos específicos, de continuidades históricas (atavismos?) particulares – não vem, também, sendo criada uma coisa nova, que já não é branca ou negra, pôr mais que uns e outros insistam em emoldurá-las com seus respectivos exclusivismos. Porque não considerar essas duas abordagens metodológicas como não excludentes, mas – no quadro brasileiro – complementares? A concepção de um espaço, um âmbito de relações sociais e ideológicas, em que seria possível falar da gestação de uma Cultura de Consciência...Negra, objeto de tratamento adiante.

Seria estranho a coexistência e interação de ambas as possibilidades? Talvez resida aí, uma das marcas mais fortes da tão propalada originalidade da sociedade brasileira.

É fundamental compartilhar a lucidez de Marshall Sahlins: "*a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com*

²⁴ Ver seu artigo "*Aspectos da influência africana no Brasil*". In Revista Cultura nº 23, Ano 6. MEC, 1976

*os esquemas de significação das coisas*²⁵. São múltiplas ao infinito, as vias de intencionalidade que se podem distinguir na reciprocidade das relações entre grupos humanos e sociais. *"O crescente triunfo da cultura ocidental sobre o mundo abriu caminho para a desestruturação de alguns dos seus elementos mais íntimos, etnocêntricos, que fundavam o seu suposto caráter especial no mundo e na história"*²⁶.

Será impossível se desprender dos sentidos induzidos dos estudos de relações raciais, que são correntes, hoje, no Brasil, e que se fecham nas (embora insofismáveis) vantagens para os mais claros, para a cultura de matrizes européias; e nos prejuízos para os mais escuros e a cultura de matrizes africanas. Parecem, então, perfeitamente questionáveis os critérios (restritos apenas aos aspectos materiais, e aos sentidos já "consagrados" socialmente), que estão subjacentes a esses juízos de valor. Existiriam, mesmo, aqueles que têm "tudo"? Um olhar mais atento pode perceber o quanto isso é ifusório. São incontáveis as manifestações de desapontamento entre membros das elites, geralmente (mas não só) nostálgicos da pureza racial e do classissismo cultural, com os rumos da cultura nacional brasileira. Se escandalizaram, por exemplo, com as encenações de peças do TEN no Teatro Municipal do RJ, nas décadas de 40 e 50; ou com o fato daquele "templo" abrigar a comemoração do aniversário de Clementina de Jesus, em 1984. Mais do que esses fatos que vêm à lembrança (há muitos outros), angustiam àqueles setores, certas "ousadias" nos campos das artes plásticas, da literatura, ou da dança, do teatro, da música, "clássicos", que incorporam novos temas, personagens e propostas simbólicas e estéticas de matrizes africanas; além do fato de que alguns dos mais consensuais símbolos da nacionalidade, atualmente, serem negros de origem, ou resignificados como tais – o caso do futebol (e Pelé) é emblemático, do Samba e seus derivados, e muitos outros. ("Lugares" de negros, que aí são admissíveis? Pode ser. Mas, cuidado, não seria essa crítica informada por um "olhar" das elites – os êxitos e o desenvolvimento material são o que mais importa, as conquistas políticas e econômicas até o atual momento, etc. E quem imaginou, no início do século XX, que seria (pelo menos!) assim?. Pois bem, para amplos setores das elites, essas – em que

²⁵ SAHLINS, Marshall. *"Ilhas da História"*. 1990. RJ. Martins Fontes. P. 7

pese a ampliação do seu poder – estão contabilizando muitos prejuízos, vendo se "degenerar" alguns dos seus mais conspícuos princípios civilizacionais, nesse processo de formação da nacionalidade brasileira.

E para a população negra? Já é corrente entre negros as críticas/denúncias das condições materiais (afinal, já saímos da escravidão há mais de cem anos!!!), e sua vinculação ao racismo; quem pode impedir o orgulho do negro, de ser brasileiro, "*tanto quanto qualquer um*"? Grandes eventos e/ou momentos de comoção nacional, têm surpreendido a presença da população negra participando com o mais absoluto desembaraço. (Seriam meros alienados?... Como é fácil reproduzir o "olhar" das elites, de estranhamento, de menosprezo, pela subjetividade negra!!!).

É um desafio, que deve ser enfrentado pelas Ciências Sociais, a mensuração do quanto, tanto subjetivamente (para os próprios negros), quanto objetivamente (a comparação dos indicadores sociais – resguardando as proporcionalidades – nos finais do séculos XIX e XX), a situação da população negra (de uma maneira geral) tem sido evolutiva, e se correspondeu (e o quanto), à velocidade das transformações em todos os campos da atividade humana nos últimos tempos. A começar, pela inegável ampliação da consciência negra e da valorização do ser negro, pelo próprio negro, e por setores consideráveis da sociedade brasileira. (O episódio, bem recente, do êxito editorial da revista Raça Brasil – mesmo com todas as "leituras" críticas possíveis²⁷ – não pode ser menosprezado, como sintoma de um novo estado de consciência). E, é bom notar, a emergência desse novo estado de consciência se dá a despeito de um racismo insidioso:

- Pesquisas de opinião pública, têm deparado com a ampliação do reconhecimento do racismo, e, ao mesmo tempo, quem o reconhece só é capaz de enxergá-lo nos outros.²⁸
- A sociedade em geral vem assimilando com facilidade referenciais históricos, simbólicos e estéticos de matrizes africanas, e abrasileirando o que, na verdade, poderia ser considerado um tempo/espço afro-brasileiro. Mas mantém em seu

²⁶ FERREIRA NETO, Edgar. *História e Etnia*. In "Domínios da História"... citada, p. 324

²⁷ Muito se tem criticado o viés estritamente comercial da revista, o que a leva a priorizar as imagens negras que mais se aproximam do padrão estético branco, e a reforçar o consumismo.

²⁸ Pesquisa DataFolha. "Racismo Cordial". 1995. Ática. SP.

íntimo (tantas e tantas vezes inconsciente e/ou involuntariamente) uma certa rejeição, menosprezo, estranhamento (no mínimo cautela), em relação ao negro como *ser* pleno de humanidade. Ao ponto de serem na-tu-ra-li-za-das as profundas desigualdades raciais, e as melindrosas idéias e práticas sociais, delas decorrentes.

Edson Cardoso (1992), em aguda apreciação dos aspectos insidiosos do racismo, faz ver que, nem mesmo os cândidos "Pretos Velhos" cujos conselhos e sabedoria são fonte de bem estar para tantos e tantos brasileiros, de todas as cores e classes sociais, ajudam na concepção (às vezes nem mesmo pelos seus beneficiários), da normalidade existencial do negro. Esse autor cita a narrativa de um colunista de jornal, em que o diretor de um jornal e uma revista espíritas conclui sobre determinado "Preto Velho": "*Não gosto de negros e índios, mas seu Pai Jacó encheu-me as medidas, revelando um conhecimento doutrinário que me assombrou. Pai Jacó me explicou ter sido médico holandês em encarnação anterior, mas agora viera como negro, para aprender a humildade*".²⁹ E Cardoso comenta então: "*O assombro de Schutel (o diretor de jornal espírita) diante dos conhecimentos revelados por Pai Jacó desaparece após a explicação que este lhe faz de sua branquidade essencial. (...) Não existe a humanidade do negro, mas sim a humanidade no negro*".³⁰

E porque burlar a "eterna vigilância" do *mais do mesmo*? A insistência no desprendimento das armadilhas desse âmbito de significações tem razões teóricas/filosóficas e práticas, e é difícil saber onde uma não está impregnada da outra. Ocorre, que as interpretações sobre os problemas raciais têm sido caudatárias de uma concepção realista de ciência, segundo a qual os conceitos formulados pelos cientistas correspondem verdadeiramente a entidades existentes, dão conta da realidade. Essa postura teórica (um vício de origem?) dos estudos de relações raciais, por mais fundamentadas e criativas que se apresentem as pesquisas, estabelece como que uma temporalidade diferente em relação aos movimentos que neles buscam munição para compor suas estratégias anti-racistas. Falando do passado, presente ou

²⁹ CARDOSO, E.L. "*Brujas, Espíritos e outros bichos*". Mazza Edições/SINDISEP(DF).BH. 1992. Pg. 15

futuro, a ótica dos movimentos é de construção: de condições para superar suas debilidades materiais e ideológicas e conquistar legitimidade social e política, como de abranger a sociedade e minar o poder. As estatísticas e as análises sociológicas falam de algo sedimentado, sua força de convencimento vem do que já está socialmente instituído, e as possíveis soluções devem ser procuradas na rearticulação/revisão das condições estruturais (econômicas, sociais, políticas), que geraram aqueles dados. Ora, tais estruturas não "ocorrem" apenas em sua materialidade, há aspectos éticos, emocionais, morais e psicológicos inegáveis, envolvendo o ato racista, e é difícil avaliar o impacto e os efeitos sobre os dois sujeitos em confronto. Quanto mais aquelas estruturas (em princípio conceituais e abstratas) se manifestam concretamente nas desigualdades e nos procedimentos discriminatórios, parece que elevam seu estatuto de veracidade, de naturalidade, de normatividade. (Esse âmbito de significações pode representar importante chave para o entendimento da perenidade do mito da democracia racial, bem como do escasso poder desvelador das flagrantes desigualdades). Perspectivas de transformação não podem partir do instituído, do que já é. É claro que não nascem do vazio, mas também não são determinadas pelo que já está instituído. Castoriadis diz que o novo se dá através da criação social-histórica, e que "*o campo social-histórico é irreduzível aos tipos tradicionais de ser*".³¹ Se existe uma dimensão do acontecer da sociedade que é instituição (que esse autor chama *conjuntista identitária*) e aí estão encravadas as desigualdades de todo tipo; há uma outra dimensão em que a existência dessa mesma sociedade é significação. Castoriadis vai designá-la *imaginária*; só que, para ele, tal dimensão não se dá de maneira meramente contemplativa, possuindo, na verdade potencial instituinte.

Significações – como as que pretendem dar conta do racismo e do anti-racismo – podem ser demarcadas, mas não determinadas. Aí não há amarras. Aí, se põem e se corrompem os mitos, e os agentes sociais estão livres para as perspectivas que impliquem em criação. À máxima de Marx de que o homem faz a sua história, mas não a faz como quer, Castoriadis talvez acrescentasse: mas a faz porque quer. O

³⁰ Ídem

³¹ CASTORIADIS, Cornelius, "*O imaginário – a criação no domínio social-histórico*". In Encruzilhadas do Labirinto II. 1987. Paz e Terra, RJ. p. 231

querer transformar está em plano diferente do identificar a "realidade", embora possam partir dos mesmos dados. Se um implica em conhecer, o outro implica em visualizar. Não há, necessariamente, congruência entre o sofrer uma afronta por ser mais escuro e "realizar" (no sentido próximo de assumir) uma consciência e/ou disposição militante. Essas reflexões indicam a inconsistência da concepção realista.

A abordagem que orienta esse trabalho se identifica, portanto, com a concepção nominalista de ciência. A tendência ao infinito das interrogações (e não de conclusões) em todos os campos das ciências, impõe cada vez mais cautela ao cientista. O máximo que ele pode pretender é criar conceitos e modelos de análise, capazes de dar conta dos seus sentidos, da sua capacidade (jamais absoluta) de apreensão do real; e então, explicitando seus pontos de vista em relação ao objeto estudado, procurar estabelecer conexões mais e mais próximas à "realidade" percebida. Para essa pesquisa, como para Bourdieu (1989), "*o real é relacional*".³²

No limite dessa argumentação, pode-se enfatizar ainda que essa postura teórica nominalista não pode jamais ser "fechada". É sempre um risco se apaixonar pela riqueza das construções teóricas e pretender que elas sejam o "máximo" de objetividade possível. Conceber a explicitação do racismo é acreditar que ele existe de uma vez por todas, e é um convite ao fracasso, seja no campo teórico, seja nas formulações estratégicas que possam decorrer. Porque, ao mesmo tempo, vai-se procurar a forma de anti-racismo capaz de maior eficácia. Bom: se o que se pretende é guerra de modelos. Mas modelos costumam se transformar em prisões, tanto das representações que se fazem do racismo, como das formas e possibilidades de enfrentá-lo e eliminá-lo. Os estudos devem fazer pensar, construir teoricamente e questionar ao máximo modelos e possibilidades, não procurar cristalizar inimigos como forma de ilusoriamente "facilitar" o combate. Também não podem indicar soluções, estas só podem haver a partir de reflexividade e de deliberação – a partir da *práxis* – alimentadas e alimentando a eficácia da ação política. Em outras palavras, o racismo vai se desdobrando a cada vez, dependendo de onde se olha, e das condições em que se o sofre; e com que motivações e em que circunstâncias e interesses se o pratica. E o anti-racismo está perdido se o acompanha, como o cachorro atrás do

³² BOURDIEU, Pierre. "*O Poder Simbólico*". 1989. RJ. DIFEL/Bertrand Brasil. P. 28

próprio rabo. Com o agravante de, fixado em modelos, se fechar também em sentidos e símbolos, de justiça, de liberdade, de democracia, ao invés de estar aberto, deliberar e se lançar à efetiva construção desses valores. Talvez seja útil fazer uma digressão aproveitando um fato histórico bastante idealizado como exemplo de luta.

- Há historiadores que vêem no Quilombo dos Palmares, por exemplo, um modelo alternativo ao modo de produção colonial escravista. Será? Aqui não é lugar para se pretender entrar no mérito das descrições de Décio Freitas (1984), o historiador que, ao que consta, mais recolheu documentos que lhe permitissem especular com mais chances de se aproximar das características físicas e do desenvolvimento de Palmares. Nada impede, porém, que se interrogue: como se comportaria o modelo rural Palmarino se fosse implantado (por quem?) em espaços urbanos, ou (na impossibilidade de assim caracterizar as vilas e cidades da época) de relações econômicas, sociais, comerciais, mais complexas? Como lidaria em embate direto com o poder econômico transnacional do tráfico, principalmente quando se sabe das rivalidades étnicas na região africana de onde, provavelmente, vinha a maioria dos habitantes de Palmares e os negros daquela área do nordeste brasileiro, e da parceria de mandatários africanos naquela empresa comercial?³³ E quanto às relações com a coroa portuguesa e suas ramificações em outras regiões do território brasileiro? Enfim, apenas um exemplo para se argumentar que Palmares não foi modelo alternativo de coisa nenhuma, ele foi criação histórica autônoma. Responsabilidade dos homens e mulheres que, como sujeitos históricos, o instituíram autonomamente *naquele* local, *naquele* tempo, e *naquelas* circunstâncias. Os que o edificaram, podem ter sido empurrados, no início, pelas circunstâncias, mas só lograram a longevidade e o êxito no desenvolvimento daquela sociedade porque assim o deliberaram e cumpriram; e pela mais elementar necessidade: a manutenção da liberdade. O Quilombo (até mesmo essa caracterização é aleatória, seus habitantes o designavam *Ngola Janga* – Angola Pequena), foi se tornando uma sociedade *para si* (conforme a conceituação de Castoriadis, instância que só existe a partir da construção da auto-finalidade, de um mundo próprio, capaz de produzir sentido próprio a partir do processamento

das informações geradas nas interações que estabelece). Não foi construído em oposição ao regime luso-brasileiro dominante no litoral, mas (embora tendo presentes as características da sociedade colonial escravista) exatamente na sua superação.

Depois dessa longa digressão é necessário retomar a formulação das questões que apontam a necessidade de desprendimento, não da problemática da questão racial, mas do âmbito de significações a que ela tem sido circunscrita. É possível que se tenha discorrido o suficiente sob os aspectos mais propriamente teóricos/filosóficos dessa motivação. Mas há ainda a necessidade de frisar que a impossibilidade de se configurar completamente esse campo ideológico de luta social não pode servir de desculpa para a inércia e a omissão. A cada momento é preciso explicitar o que se tem. A pesquisa e o pensamento do pesquisador informam, de alguma maneira, a sua relação com o "seu" objeto. A sua produção interage inevitavelmente com a "realidade", influencia e é influenciada por ela. Se não se pode negar isso, querer fugir à responsabilidade da intervenção em nome de insuficiência de acúmulo ou de outras dificuldades na elaboração e produção teórica é lesar o estatuto da ciência e da *práxis*. É crucial resguardar a ética, no sentido da necessidade dos procedimentos estarem ligados à efetividade das transformações que se operam, e orientados pela imperatividade da autonomia humana – doa a quem doer... ao autor inclusive. Senão, é ceder à perplexidade, ao "*Medo de liberdade, louca necessidade de segurança, ocultação de nossa condição trágica*".³⁴

Ao questionar os sentidos e a validade dos conceitos e análises mais usuais nos estudos de relações raciais, que acabam por dar voltas em torno do mito da democracia racial (quase sempre para negá-lo, é bom que se diga), a pretensão é captar, apreender, visualizar outras possibilidades de abordagem da dinâmica de construção da identidade nacional brasileira. E afirmar que qualquer que seja o ângulo de visão dessa construção identitária, ela está de tal forma impregnada pela

³³ Ver a respeito, FLORENTINO, Manolo Garcia. "*Em Costas Negras: uma história do tráfico Atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos VIII e XIX)*". Arquivo Nacional. RJ. 1995.

³⁴ CASTORIADIS, Cornélius. "*Feito e a ser feito*". Citado. p. 63

dramática volatilidade da questão racial, que não é possível se falar em democracia sem, desconstruir aquele mito. (Essencial frisar que desconstruir não é destruir. É, sim, mostrar a sua inconsistência, em que pese a força do princípio de onde ele parte e o desejo que galvaniza um povo inteiro, tornando o mito quase palpável. Sua desconstrução pode mostrar a necessidade de, efetivamente, construí-lo).

Não é a toa que se nomeou a suposta superação, solução, da questão racial, de maneira tão pretensiosa: democracia racial. Identidade Nacional Brasileira, Questão racial e Democracia são irmãos siameses (múltiplas possibilidades de consciência partilhando um só organismo) em gestação. Por isso têm sido tão terríveis as dores e tão difíceis os procedimentos para se efetivar parto de tamanha envergadura histórica.

II

Mais um pouco de esforço para explicitar a insatisfação com os pontos de partida teóricos e metodológicos que girem em torno da dualidade essencial: oprimido x opressor. Toma-se como determinante do processo as iniciativas dos setores hegemônicos, cabendo aos demais reagir, resistir, combater, produzindo (no máximo) seus próprios sentidos da dominação que lhe é imposta e que é necessário superar. As elites sociais, econômicas, políticas e culturais, para o bem ou para o mal, são as únicas responsáveis: pelas estratégias de desenvolvimento e pelas consequências de aprofundamento da miséria e pobreza.

Mas não é só assim que se pode ver. Este tipo de construção teórica e analítica tem se enroscado nas suas próprias bases conceituais, porque só permite visualizar apenas um agente histórico em torno e a partir do qual, os outros definem e encaminham suas ações: ideologia racial dominante x denúncia da ideologia racial dominante; racismo x anti-racismo. É preciso superar essas contradições lineares, essa dialética viciada, circunscrita e fechada em si mesma.

Se apenas o racismo é o responsável pela perpetuação das desigualdades raciais e sociais, então ele é o agente do mal. A luta contra o racismo é o agente do bem. É tentadora esta equação de problemas que têm se mostrado cruciais no desenvolvimento da sociedade e da democracia no Brasil. Procura-se então o racismo – suas manifestações ideológicas/materiais/espirituais/sociais e seus agentes – e se

tenta destruí-los. Com denúncias, comprovações científicas, arregimentação de muitas, e cada vez de mais consciências, negras e não negras...

Ocorre que a sociedade brasileira impregnou-se do mito e do desejo da democracia racial. A multiplicidade de sentidos e significações do que sejam racismo, preconceito, discriminação racial, dificultam o desvendamento, de maneira irrefutável, tanto do racismo, quanto do racista. Tão difícil, quanto determinar – de uma vez por todas – quem é o negro no Brasil.

Ou é o caos das identificações, ou um nível de perspectiva que não se deixa desvendar. O fato é que aquela equação parece simplista. Tanto mais, que o racismo é colocado como o personagem principal. O outro agente é definido pela negação, sem nenhum sentido próprio, não se concebendo um espaço de existência *para si*. A sua razão de ser sendo a reação à ação principal, sempre um comando, uma motivação externa. Com certeza o aporte da população negra à formação da nacionalidade brasileira é muito mais do que simplesmente se opor ao racismo. Se fosse apenas isso, seria um objeto da história. E estaria negada toda perspectiva desse trabalho. Pretender identificar um processo de construção de autonomia é reconhecer que, desde sempre, o negro foi sujeito da história. Sem querer fazer jogo de palavras, sujeito é sujeito: não pode limitar o sentido da sua existência a uma oposição, por mais que ela pareça determinar sua situação em dado momento.

Parece, então, teoricamente mais consistente conceber uma dimensão da vida e do desenvolvimento da população negra (também) em alteridade. Não havia (como será visto adiante) lugar para ela no projeto de nação formulado pelas elites a partir da eliminação do regime escravista e do advento da república. A população negra teve que "se virar", extrair das suas próprias vivências e de todas as possibilidades que se apresentassem, o seu "fluido vital". E criar os canais da sua circulação na sociedade, pudesse-quizesse, ou não; das mais variadas maneiras, elaborando seus próprios sentidos para as referências mais diversas, num processo mais ou menos deliberado, que é o que faz os povos saltarem para dentro da história e torná-la um pouco sua. *Alteridade* aqui, não só como referência ontológica do ser negro, mas também como o âmbito particular de sentidos, que permitiram à população negra instituir um papel social e político para além (ou fora, ou a parte) do que lhe estava reservado.

Essa formulação de princípio se depara, então, com uma inconveniência também difícil de admitir para quem se acostumou às equações mais simples, indutoras de estratégias óbvias: ser sujeito implica em bônus e ônus. O sujeito é, também, responsável pelo que e como foi construído. Implica no exercício, salutar como doloroso, da auto-crítica das falhas, inconsistências, omissões... Há vantagens e desvantagens em assumir essa concepção. Não é difícil afirmar que as primeiras são muito maiores. E são inevitáveis se se pretende "pegar a história nas próprias mãos". Por essa perspectiva perde sentido a marca (a consciência?) de vítima, que tem amargurado as mentalidades dos que nela crêm e a ela ficam presos. Não se pode imaginar a dimensão dos sofrimentos e dos prejuízos que tal concepção tem trazido à construção da auto-estima dos brasileiros afrodescendentes. Em alguns casos, pode-se dizer, maiores do que os oriundos do racismo.

É a desvitimização dos brasileiros afro-descendentes que permite desfazer o *nó górdio* do formalismo dos espaços conquistados/concedidos, e da multiplicidade (em alguns momentos, da falta) de sentidos no âmbito do próprio Movimento Negro.

Mas para ver dessa maneira é essencial se dispensar o abrigo das idéias consagradas, capazes de dar refúgio às angústias de cada um perante as exigências de posicionamento.

Tentando conceituar Identidade

Na interação social é preciso que haja determinada ordem de definições de lugares, valores, características, em que os homens se reconheçam e sejam reconhecidos, e que sejam capazes de orientar as ações individuais ou coletivas. É nesse âmbito que se forjam as identidades. A partir daí, o senso comum concebe identidade como aquilo que se é, individual ou coletivamente. É comum, então, o apego a determinados modelos e rituais de procedimentos e representações, como se fossem aquilo mesmo desde sempre e para sempre. O que se espera de um indígena (em termos de comportamento, de interação com a natureza e de relações sociais, por exemplo), é muito diferente quando se pensa num cigano, ou num rico empresário. As identidades crescem, portanto, no mesmo terreno em que se insinuam os

preconceitos, depende de onde se olha. Cada vez mais, no entanto, se percebe que a naturalização das identidades é algo insustentável. Por mais que os diversos agentes e papéis sociais procurem se encaixar em normas e padrões, sempre há a possibilidade do inesperado, do imponderável, que desorganiza temporariamente os esquemas de significações em que todos estão imersos. As surpresas (agradáveis e desagradáveis) com gostos, com sentimentos, com procedimentos, até então inimagináveis podem ocorrer tanto no íntimo de cada um, quanto nas observações de uns pelos outros. A impressão que fica é de que o mundo e o acontecer das relações humanas e sociais jamais se conformam realmente às designações convencionais, quase sempre bem estruturadas e roteirizadas, invocadas individual ou coletivamente como identidades humanas e sociais. "*Toda identidade humana é construída e histórica; todo o mundo tem o seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de mito, a religião de heresia, e a ciência de magia. Histórias inventadas, biológicas inventadas e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade*".³⁵

Parece que é uma necessidade permanente do homem a procura e a afirmação do seu *ser*, daquilo que realmente o totalize, que o revele de uma vez por todas. A própria possibilidade de que haja esse *ser*, ou que esse encontro venha a acontecer, todavia, é rechaçada por alguns pensadores...

Muniz Sodré (1999), falando dos problemas sobre o campo identitário, distingue dois usos da noção de identidade: "*Ídem significa o mesmo, mas enquanto noção relacional, isto é, de igualdade ou assemelhamento entre dois termos de comparação. Ipse, por outro lado, é o mesmo, mas não relacionado com o outro; não é igual, mas si mesmo*".³⁶ Será que o conceito de *Ípse* seria aplicável a seres humanos? Será que é possível falar de um homem, ou de aspectos do ser humano, *em si*? Desde a sua composição biológica (minerais, proteínas, etc), e de elementos vitais à sua existência o ser humano está "em relação". As significações criadas por ele para formar seu *mundo próprio*, sua auto-finalidade, resultam da interação da sua visão, audição, etc, com o meio-ambiente... Resta, então, concordar que falar de identidade não é falar de si mesmo, a não ser enquanto relação com *o outro*. A identidade só existe a partir do *outro*, daquele que *eu* não sou. O próprio ato de conceber o *outro* é

³⁵ Appiah, Kwame A. "*Na Casa do meu Pai*". citada p. 243

simultaneamente de construção da diferença *de si*, e de pulsão de identidade. Apoiado em Heidegger, Sodré questiona a possibilidade da existência do *ser* como um fundamento, uma *arkhé*. Este princípio da identidade, o sujeito, é visto pelo autor como sem nenhuma base antológica, como "*uma falta-de-ser fundamental*".

Cornelius Castoriadis, por sua vez, questiona o postulado da psicanálise de conseguir alcançar, pela exploração da psique inconsciente, o "*sujeito do inconsciente*". Falando do "Estado do sujeito, hoje", diz que: "*num primeiro sentido, o sujeito apresenta-se como essa estranha totalidade, que não é uma e é uma ao mesmo tempo, composição paradoxal de um corpo biológico, de um ser, de um ser social (indivíduo socialmente definido), de uma pessoa mais ou menos consciente, enfim, de uma psique inconsciente (de uma realidade psíquica e de um aparelho psíquico), tudo extremamente heterogêneo e, porém, definitivamente indissociável.*"³⁷ Para ele, em todas as instâncias desse conglomerado que compõe o sujeito, há o que ele designa *Para si* – "*espécime vivente particular, pulsão de conservação, ou como para si da espécie, pulsão de reprodução*". Pois bem, mesmo na instância que ele identifica como a mais recôndita do *ser* – que ele chama de *vivente* – que corresponderia à auto-finalidade do sujeito, à sua funcionalidade, que seria responsável pela criação do *mundo próprio* de representações, afetos e intenções; pois nem aí, se poderia falar de absoluta isenção em relação ao meio-ambiente. Segundo Castoriadis, essa instância intangível (tal como as outras mais expostas) só existe como criadora de sentidos. Embora, que não por si próprias, mas a partir de uma "filtragem", de "seleções", das informações que resultam dos contatos dessas instâncias com o meio-ambiente.

A identidade não é uma afirmação do que se é, mas do que se considera que é pela comparação que se faz com o outro. Carrega, portanto, um aspecto daquilo que se deseja ser, e um pouco do que se imagina que seja o outro. De qualquer forma, ambos os pensamentos estão imersos na ilusão de que é possível saber *realmente* o que se é, e o que é o outro.

³⁶ Sodré, Muniz. "*Claros e Escuros*". citado. p. 37

³⁷ Castoriadis, Cornelius. "*O estado do sujeito, hoje*". In *Encruzilhadas do Labirinto III*. Paz e Terra. RJ. 1992. p.205

Algumas abordagens científicas muito atuais desautorizam por inteiro qualquer veleidade do homem quanto ao conhecimento *objetivo* da realidade em que vive. Pesquisas mais recentes na área da Física teórica e experimental chegam a negar até mesmo a existência de alguma partícula "inicial" capaz de referenciar a origem da matéria. O que tem sido identificado à medida que (graças à crescente potência dos equipamentos), se vai aprofundando na "matéria" é a concomitante fragmentação e nova multiplicação de espaços, naquilo que se captava como ponto final. Como se o aprofundamento na "matéria" levasse ao *nada*, mergulho num poço-sem-fundo...³⁸

Vem, também, do campo da epistemologia o alerta de que a objetividade é um mito. Que toda formulação de um problema já está de antemão comprometida pelas significações manejadas pelo autor, contaminadas por intrínsecas noções de valores e de expectativas. E que, se não se deve abrir mão dos esforços de análise e de aproximação dos fatos sociais e históricos com o propósito de desvendá-los (mais e mais) ao conhecimento em bases científicas; também, não se deve ceder à tentação de ter captado a sua essência, a sua "verdade", sua "realidade". O melhor caminho sendo, via de regra, a admissão de que o que cabe é a explicitação dos múltiplos fatores que permitem identificá-los. Cada vez mais, nas Ciências Sociais, os pesquisadores se rendem à hegemonia do nominalismo: teoria segundo a qual os conceitos com que os cientistas abordam os fenômenos, apenas existem em si mesmos, inexistindo, portanto, uma "realidade concreta" a ser acessada por quaisquer conceitos. A "realidade" seria, sempre, produto do "olhar" de quem tenta captá-la. Poeticamente, Saint Exupéry diz que *"o essencial é invisível aos olhos"*.

Ainda a esse respeito, Muniz Sodré lembra que tal formulação do pensamento, vista no ocidente como *"momentos novos e avançados de reflexão"*, vem ao encontro de antiquíssimas tradições do pensamento oriental, articuladas à volta de textos sagrados como os Vedas, os Upanishads, o Vedanta, e das várias correntes do Budismo. Segundo Sodré, *"Não é estranha a essa linha de pensamento a proposição no sentido de que a identidade é, de fato, uma construção intelectual, para assegurar permanência aí onde só há oscilações"*.³⁹

³⁸ Ver a respeito HAWKINS, Stephen. *"Uma breve história do tempo"*. 199.. Rocco. RJ

... E a Alteridade seria um desses momentos das oscilações. Um momento pleno, no entanto, capaz de impulsionar a construção de uma identidade em separado. Favorecido, em alguns casos, por distanciamentos geográficos, ou por defazagens tecnológicas e culturais, por circunstâncias históricas capazes de estandarizar posições e condições sociais, políticas, econômicas, culturais; ou ainda como expressão de vontade (ou sua ausência) de determinados grupos sociais que deliberam, ou se deixam levar, ao isolamento físico, existencial, etc. Tal tipo de construção de identidade não se caracteriza como ipseidade, porque não perde a referência do *outro* (às vezes até muito pelo contrário). O que acontece é que, ao longo do tempo, as suas significações imaginárias sociais vão sendo recriadas, ganhando sentidos muito mais afeitos às suas "novas" vivências particularizadas em tempo e espaço próprios.

³⁹ SODRÉ, Muniz. "*Claros e Escuros*". p. 41

2ª PARTE

SUPERAÇÃO

" Não devemos neste processo preocuparmo-nos com aqueles que estão sempre a esmurrar as portas, exigindo a ruptura de "paradigmas". Deixemo-los seguir: adiante encontrarão o procurado guru. O fato de que tenhamos que viver uma experiência não implica em dizer que ninguém viveu nada parecido antes. Fazemos nosso "supletivo" noturno em paz, sem querermos lhe atribuir o caráter de tarefa central da humanidade. A luta da razão com o pensamento mítico, o elogio da natureza, a intuição como síntese cognitiva, etc, não foram inventados hoje, aqui e agora. "

Wilson do Nascimento Barbosa

(A importância Politico-Ideológica da Intelectualidade Negra)

O pensamento Social

"Sabido é que desde a nossa formação histórica o povo brasileiro se constitui de três raças fundamentais: a branca, a negra e a indígena. Somos um povo mestiço e por essa razão não é justo que em pleno século xx, com a vitória dos princípios democráticos, ainda perdurem as restrições que elementos reacionários e com mentalidade nazi-fascista querem impingir ao nosso povo... A Convenção Nacional do Negro Brasileiro foi apenas a reunião de intelectuais negros, mulatos mestiços e brancos, do povo em geral, para traçar rumos sociais e políticos a todos aqueles que pretendem acabar com a hipocrisia social reinante e que procuram lutar para valorizar o negro brasileiro"

*Aguinaldo de Oliveira Camargo
"Diretrizes da Convenção do Negro Brasileiro". Jan. 1946*

Apresentando-se como uma continuidade, nos trópicos, da civilização européia com seus referenciais simbólicos, históricos, estéticos, a identidade "branca" tem se colocado como paradigma, e é partindo daí que olha as *outras*. As elites brasileiras confirmaram, em nossas terras, um vício que remonta aos primórdios da expansão européia – o estranhamento e a rejeição do que ela não é.⁴⁰ No século XIX, em correspondência ao crescimento do poderio econômico e militar, e à sofisticação dos processos institucionais e ideológicos em algumas nações européias, as idéias de que as diferenças físicas e culturais eram determinadas por desigualdades biológicas se aprimoraram e alcançaram o *status* de científicas. No Brasil a sua influência foi quase absoluta. Através da leitura de alguns dos mais influentes pensadores

⁴⁰ Para o aprofundamento dessa questão são riquíssimos os dados e a análise de TODOROV, Tzvetan. *"A Conquista da América – A questão do outro"*, 1996. Martins Fontes. SP; ao reconstituir historicamente as chegadas de Colombo e de Cortez à América, e os intrincados campos de significações que "saltam" das relações estabelecidas entre os "conquistadores" e os "indígenas". Da mesma forma, se encontram pesquisas preciosas nos estudos de história da África: como em BIRMINGHAM, David. *"A África Central até 1870"*. 1992. ENDIPU/UEE. Luanda; que aborda as diferentes circunstâncias que marcaram as relações de dirigentes africanos com o comércio negreiro, enfatizando particularidades na construção histórica de povos africanos perante os desafios da "diferença"; ou em FALL, Yoro K. *"Historiografia, Sociedades y Consciencia histórica en África"*. In DONÁ, Selma Aguero. *"África - Inventando el futuro"*. 1992. México. DF, El Colégio de México; que trata, entre outros aspectos das relações europeus/africanos, do desprezo dos primeiros, pela "oralitura" (termo cunhado por aquele autor) capaz de expressar o pensamento dos africanos. Para o colonizador, apenas a sua *razão gráfica* merecia a categoria de pensamento racional.

brasileiros à volta da virada do século XX, é possível localizar naqueles autores europeus⁴¹ as bases de seus pensamentos.

Não se pode exigir dos autores racialistas brasileiros clareza quanto às distorções e às limitadas possibilidades explicativas das ciências naturais (a biologia da época), particularmente no que toca aos seres humanos. Somente nos anos finais do século XX o desenvolvimento científico tornou possível a realização do projeto *Genoma Humano* – um mapeamento das informações genéticas de seres vivos, co-participado por cientistas de várias partes do mundo. Naturalmente que tal projeto visa atender a uma gama de interesses e finalidades. No que diz respeito ao nosso tema, o que os cientistas vêm descobrindo permite que eles afirmem, por exemplo, que não há um padrão nas diferenças genéticas entre seres humanos. Comparados, os DNAs de dois nórdicos podem apresentar diferenças maiores do que entre um nórdico e um asiático, ou africano. Estes estudos, além de jogar por terra quaisquer pretensões que ainda houvesse de embasamento científico para o racismo, torna mesmo impossível se falar em raças biológicas diferenciadas, e sim numa única raça humana. Mas nada disso era, claro, do conhecimento da *intelligentia* brasileira na virada do século, como ainda hoje não está claro para os que têm olhos mas só vêem o que querem. E foi esse tipo de visão biologizante das diferenças físicas e culturais que, tornando-se hegemônico no mundo inteiro, foi assimilado pelo pensamento social, disseminou-se na formação da consciência social do brasileiro sobre si mesmo, e vem condicionando a formação da identidade nacional brasileira.

É difícil falar das classes e da cultura hegemônicas, como se fossem uma coisa só. O que transparece é uma composição multifacetada do pensamento das elites econômicas, políticas e intelectuais, que antagoniza a grande maioria da população, ao ponto de conceber um genocídio... pacífico, naturalmente.

⁴¹ São incontáveis as referências a autores como Gobineau; Lapouge; Chamberlain, que proclamavam ter encontrado bases científicas capazes de comprovar a desigualdade *de natureza* entre os homens. O chamado Darwinismo social – tradução para a espécie humana das teorias do naturalista Charles Darwin (de enorme influência à época) sobre a evolução biológica das espécies na natureza – também alcançou muito prestígio entre as elites intelectuais brasileiras. MUNANGA, Kabengele. "Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – Identidade Nacional versus Identidade Negra." 1999. Vozes. Petrópolis.RJ; procede rica abordagem desse tema.

Alfredo Bosi (1992) diz que a questão da identidade tornou-se um dilema para as classes dominantes no Brasil a partir da vinda para cá da família real portuguesa. É compreensível. Com a nova condição política de sede da monarquia, era necessário transpor para estas terras, também, alguns aspectos civilizatórios básicos. Desde o incremento na construção de prédios, melhorias nos portos, instalação de pequenas indústrias, reconstituição da administração pública, diversificação de um setor de serviços, abertura de novos caminhos e estradas; o que trouxe muito maior importância às elites aqui instaladas. Com a volta da corte para Portugal aquelas elites não consentiriam facilmente em retornar à condição de súditos coloniais. Com a independência, são obrigados a construir uma nova identidade. O dilema é que: ao mesmo tempo era imperativo criar símbolos da nacionalidade (referenciais históricos, as riquezas naturais, o potencial do povo que passaram a dirigir); mas era essencial também enaltecer os valores e a ascendência européia que os diferenciava da grande maioria da população – escravos e não escravos negros e mestiços – e (junto com a condição econômica de proprietários), legitimava a perpetuação do seu poder. Parece que desse dilema jamais se livrariam. Pois não é Joaquim Nabuco "*protótipo exemplar das vicissitudes de construção da idéia de identidade brasileira*", como o chamou Muniz Sodré, que, já no início do século XX, dizia "*A nossa imaginação não pode deixar de ser européia, isto é, de ser humana; ela não para na Primeira Missa no Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta: segue pelas civilizações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos séculos de civilização acumulada e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica*"⁴²

É com a república que as classes dominantes se deparam com a necessidade, possibilidade e oportunidade de construir uma nação ao seu feitio. Uma questão se apresenta crucial: pelo censo de 1890 negros e pardos somavam mais de 8 milhões, enquanto brancos eram pouco mais de 6 milhões. Para as elites profundamente

⁴² Nabuco, Joaquim. *Minha Formação*. 1957. Livraria José Olímpio Editora, RJ. Pg. 47. Essa mesma citação foi utilizada por SODRÉ, Muniz. 1999. "*Claros e Escuros*". Citada.

influenciadas pelas doutrinas do racismo científico em voga na Europa, tal situação demográfica inviabilizaria o desenvolvimento de uma sociedade civilizada.

O que fazer com a população negra, cuja condição jurídica não preocupava num regime escravista e monárquico, no qual as desigualdades eram legais e *naturais*, mas que agora recebia (pelo menos formalmente) o estatuto de cidadania? O que aconteceu então foi que a diferença racial/étnica tornou-se, em si mesma, sinônimo de inferioridade, com respaldo nas doutrinas *eugenistas*. Nesse momento começa a transparecer a centralidade da questão racial para a definição de uma identidade nacional, num Brasil cujas elites renegavam a ancestralidade que não fosse européia e cultuavam uma mítica e presunçosa pureza racial – afinal negros e pardos (sem falar nos sempre visíveis brancos por auto-definição e por "aceitação social") eram quase 70% da população.

Se, como já foi referido, é pela virada do século XX que se forja a "*fábula das três raças*", é também, o momento em que (num aparentemente paradoxo em relação ao mito que surgia), em consonância com a pregação da intelectualidade, o Estado republicano erige um dos pilares do seu projeto nacional: a substituição da população – na visão corrente à época, o ponto de partida para a efetivação de um Povo. A imigração européia correspondeu a uma estratégia radical que viria a modificar inteiramente a perspectiva social, política e cultural da nação. Digo aparentemente paradoxal porque no pensamento que surgia estava implícita a inevitabilidade da homogeneização da população, com a gradual submissão genética e cultural das *não brancas* aos padrões de excelência europeus.

O incremento da imigração subsidiada é a primeira grande medida de impacto social da república. "*A solução imigracionista aparecia não apenas como resposta ao problema imediato da escassez de mão-de-obra na agricultura, mas também como um projeto de modernização a mais longo prazo, em que o branqueamento da população nacional era altamente desejado.*"⁴³ Nas perspectivas das elites intelectualizadas não havia lugar para o negro na nova sociedade que pretendiam criar. Em extraordinária distorção histórica, o ex-escravo (e não o sistema escravista tão tardiamente abolido) era o responsável pelo atraso em nosso processo

civilizatório – visto como prolongamento do europeu. Da virada do século até os anos 30, não há intelectual brasileiro isento da influência do racismo.

Lília Moritz Schwarcz (1993), apresenta sólida pesquisa na qual transparece que a centralidade da questão racial, entre as elites, nas décadas finais do século passado e nas iniciais deste, não provinha apenas de manifestações de individualidades. Ela emanava fundamentalmente das grandes instituições (Museus, Institutos Históricos e Geográficos, Faculdades de Direito, Academias de Medicina). Todas, criadas – ao resguardo das articulações no seio das elites – como guardiães das ciências e da modernidade entre nós, zelando pelo percurso civilizacional que o Brasil trilhava sob a égide européia.

Foi grande e duradoura a influência das doutrinas raciais européias falsamente científicas que afirmavam, ao longo do século XIX, a supremacia da "raça" branca sobre as "outras raças". É extensa a relação dos (principalmente) antropólogos físicos que classificavam as "raças", através da avaliação de medidas faciais, cranianas, dos índices cefálicos e nasais, etc, cujos pressupostos já no início do século XX se mostravam absolutamente inconsistentes. Alguns desses cientistas estiveram no Brasil em viagens de estudos. Um deles, um aristocrata francês de nome Gobineau, conviveu durante quase dois anos na Corte imperial em função consular.⁴⁴

Era fatal tal influência sobre uma elite tão insatisfeita com seu povo e seu destino e tão intelectual e afetivamente dependente das luzes da civilização européia. Se bem que tem razão Renato Ortiz (1986) ao afirmar que as doutrinas racistas foram utilizadas criativamente pela *intelligentzia* brasileira, já que se adequavam perfeitamente às suas conveniências ideológicas, justificando o *status quo* racial pós-abolição e república. Silvio Romero e Oliveira Vianna, por exemplo, enfatizam os aspectos que mais lhe interessam naquelas doutrinas, porque afirmar o caráter

⁴³ HASENBALG, Carlos A. " *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*". 1979. Ed. GRAAL RJ. p. 154.

⁴⁴ Afrânio Peixoto, renomado médico, ironiza (em texto citado na bibliografia. Pag. 33) a radicalidade do pensamento racista de Gobineau, apresentando dados desmerecedores de sua obra e vida pessoal. Conta, inclusive, uma história na qual ele, "saindo desatentamente, talvez alcoolizado, do Teatro Lírico, no Rio, separou o Visconde e a Viscondessa de Sabóia, que iam de braços dados. O cirurgião brasileiro, violento e poderoso, pegou-o pelo gasnête e aplicou-lhe umas bofetadas. Desafiado a duelo(...)Sabóia bateu as testemunhas que o procuraram...Só restava a Gobineau retirar-se do Brasil, que iria, copiosamente, insultar, como país de negros, fadado à decadência...

eugênico do sangue europeu lhes trazia a certeza do embranquecimento gradual da população e do seu avanço civilizacional.

Desde Perdigão Malheiros, um dos mais profícuos historiadores brasileiros do século passado. Ele vinculava, no último terço do século, o discurso abolicionista ao discurso imigrantista. Para Malheiros, o fim do tráfico fora um ato civilizatório porque fechando as portas ao negro permitia que se augurasse o branqueamento da população. Este autor defendia, inclusive, a tutela das autoridades sobre os alforriados e preconizava o estabelecimento de normas de comportamento para a população negra. Mesmo compreendendo a imoralidade da escravidão, admitia a sua legalidade. E advogava a abolição lenta e gradual para evitar a falência dos senhores.

Também Nina Rodrigues (1976), visivelmente mestiço e que (segundo memória nos meios candomblecistas da Bahia era iniciado como *Ogã*), pensava a nação em termos estritamente raciais. Médico bahiano, de larga influência sobre as gerações seguintes de médicos e antropólogos, foi um pioneiro nos estudos sistemáticos sobre a população negra. Influenciado por pesquisadores na área de medicina legal (sua especialidade), via o negro como portador de propensão hereditária à criminalidade. Advogava, inclusive, para os negros, um tratamento e uma legislação criminal diferenciada. Estão presentes em diversas passagens dos seus textos uma certa simpatia e condescendência com o seu *objeto de estudo*. Mas para ele a mestiçagem determinava aspectos degenerativos, em que se perderiam as condições eugênicas das matrizes. Manifesta, então, um racismo profundamente pessimista. Ele acreditava, já nos finais do século XIX, que "...*A raça negra, no Brasil,...há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo*"⁴⁵.

Sílvio Romero (1949), foi outro intelectual da maior importância, nacionalista empedernido, cujo pensamento era caudatário do biologismo. Para ele a mestiçagem era o grande mal da sociedade que se formara: "*todo brasileiro é mestiço. Quando não na raça, nas idéias.*" Ao contrário de Nina Rodrigues, no entanto, acreditava na "salvação" do povo brasileiro, desde que se implementasse adequadamente um outro fator de construção da nacionalidade: a imigração.

⁴⁵ RODRIGUES, Nina "*Os africanos no Brasil*".. 1976. Cia. Ed. Nacional. SP. pg. 7

"O sertanejo acima de tudo é um forte". Esta passagem d' Os Sertões – um clássico da literatura brasileira – de Euclides da Cunha (1979), "deu samba".⁴⁶ Mas esse autor se referia apenas ao mameluco (que ele erroneamente pensava ser quase a totalidade dos mestiços em Canudos), segundo ele, um "*mestiço superior*". O mulato, predominante no litoral, para ele, era o "*mestiço inferior*". Submisso aos determinismos climático e racial de sua época, sentenciava sobre seu povo e seu país (ao mesmo tempo que sofria com isso): "*clima inexorável, raça inexorável, região inexorável*". Em livro escrito com tamanha paixão – frente ao espetáculo da coragem dos homens e mulheres mestiços de Canudos, e a selvageria das tropas oficiais – choça a principal explicação que ele dá para o "fanatismo": o choque com a civilização seria o principal responsável pela loucura de Antônio Conselheiro e daqueles "*sertanejos ignorantes*".

Ninguém menos do que o diretor do Museu Nacional, o antropólogo João Batista de Lacerda (enviado oficial do governo brasileiro ao Congresso Mundial das Raças, em Londres-1911), vai apontar a mestiçagem não como problema, mas como solução para a questão racial no Brasil. Pressupunha, naturalmente, que dada a desigualdade das raças humanas, e seu corolário a superioridade das raças brancas, a consequência do mestiçamento só poderia ser o embranquecimento – que designou "*redução étnica*" – da população. Este é um enunciado básico do darwinismo social que possibilitava uma saída honrosa para este dilema nacional: um genocídio pacífico (expressão cara a esse autor) – a eliminação dos afro-brasileiros sem a necessidade de guerras ou medidas extremas.

Nesta breve incursão ao pensamento de alguns influentes intelectuais do início do século, Oliveira Vianna (1932) (1938) é um nome obrigatório. Não se pode desconhecer os méritos de sua obra que buscava, com esforço criativo, explicar o Brasil, e indicar os melhores caminhos para a construção de uma grande nação. Mas contaminou-a com um pecado capital: uma convicção racista que o levou a justificar, inclusive, a dominação (por qualquer meio) das "*raças fracas*", pelas "*raças fortes*". É com Oliveira Vianna que o determinismo racial (a possibilidade de branqueamento da população brasileira) ganha seu melhor acabamento teórico. Foi o mais fecundo

⁴⁶ Samba-enredo da Escola de Samba *EM CIMA DA HORA*, de enorme sucesso no carnaval do Rio de

arauto do arianismo, que pregava a excelência da herança biológica dos europeus dolicocefalos-louros, como essencial para uma melhor eugenia (apuração racial) em nosso país. Este era o centro da proclamação que faz, em caráter oficial, no livro "*Evolução do Povo Brasileiro*" – publicado como introdução ao censo brasileiro de 1920. Não se sabe o que levou ao que, mas era inegável sua identificação com as doutrinas políticas totalitárias, fosse o nazismo e o fascismo europeus, ou seus arremedos aplicados, no Brasil, com a implantação do Estado Novo.

Mesmo em autores anti-racistas está presente o ideal do branqueamento. Manuel Bonfim (1993) (1997) é um exemplo raro de intelectual que, já em 1905, demonstra ter superado o biologismo. Suas obras são libelos de patriotismo brasileiro. Segundo ele, os grandes problemas nacionais seriam decorrentes da exploração imperialista e da histórica subalternidade intelectual e material das nossas elites. Com originalidade desmascara o darwinismo social, transcrevendo cartas de Darwin que apresentam considerações favoráveis aos negros. Demonstra visão ampla da brutalidade do processo colonial que se desenrola em âmbito mundial. Mas mesmo ele "escorrega" nos delicados conceitos da hierarquização das raças: "*Indígenas e negros, sendo povos ainda muito atrasados, não possuíam nem qualidades, nem defeitos, nem virtudes, que se impusessem aos outros e provocassem a imitação. Almas rudimentares, naturezas quase virgens, eram eles que, nesse encontro e entrecruzamento de raças, sofriam a influência dos mais cultos e os imitavam.*"⁴⁷ Como não questionar as suas quase 120 páginas sobre a formação brasileira, dedicada aos colonos brancos, aos povos indígenas e à questão da mestiçagem, em contraste com as 7 páginas sobre o negro, no livro "*O Brasil na América*"?

Para não ficar muito extensa esta relação de autores "contaminados" – alguns a despeito da sua visão nacionalista e progressista – é suficiente citar como extremamente ambíguos, homens como:

Afrânio Peixoto (1975), critica o racismo em texto vazado com requintes de ironia... Mas não rejeita o termo "raça". Ao mesmo tempo que glosa Gobineau (referido em nota anterior) e rejeita o determinismo racial, cai no determinismo

Janeiro, em 1976.

climático: "o primeiro fator das raças é o clima". Apesar de extensa, a citação que vai a seguir procede, porque mostra a ambiguidade de um autor que pretende rejeitar o racismo (é tido, inclusive, como uma "transição" entre os arianistas e a "escola freireana"), mas é racista ao extremo: "*A albumina branca depura o mascavo nacional... Negros puros já não há; mestiços, por fraqueza somática, sensualidade, nervosidade, sensibilidade à tuberculose, ou desaparecem pela morte precoce ou se cruzam sempre com elementos mais brancos: a raça se aclara... Em duzentos anos, longe de se extinguirem no Brasil os descendentes de Cabral, terá passado inteiramente o eclipse negro, desses quatro séculos de mestiçagem. Na América do norte a difusão é mais lenta, mas se faz: não só o clima opera, como as misturas discretas e hipócritas se fazem, branqueando os negros e coloridos. A prevenção racial vai rapidamente desaparecendo com a cultura negra*".⁴⁸

Edgar Roquete Pinto (1933), também rejeita a pregação das desigualdades raciais, mas utiliza "criativamente" o conceito de raça. Chega ao requinte de adotar novos termos para se referir aos "*principaes typos anthropológicos*": *Leucodermos* (brancos), *Phaiodermos* (branco x negro), *Xantodermos* (branco x índio), *Melanodermos* (negro), que cita nessa ordem. Este autor faz verdadeiros malabarismos semânticos para não caracterizar posição racista ao longo dos seus "*Ensaio de Anthropologia Brasileira*"; nem sempre é bem sucedido. Da mesma forma que se mostrou um campeão de habilidades para permanecer prestigiado por todos – credita, por exemplo, ao "mestre" Miguel Couto, notório parlamentar arianista, a sua designação como presidente do I *Congresso Brasileiro de Eugenia*, em 1929. Num de seus ensaios, trata longamente de uma questão que ele mesmo "veria" como trivial: um concurso de beleza. A sua desculpa para se interessar e escrever sobre o tema é a preocupação com a possível escolha de "*typos biologicamente insuficientes, que, no entanto causam grande sucesso de beleza*".⁴⁹ Entre outras conspícuas considerações a respeito, anota que se é para se escolher um "*typo de brasileiro branco(...)* é de todo necessário seja uma mulher que se avizinha do ideal

⁴⁷ BONFIM, Manoel. "*A América Latina – males de origem*". Citado p. 236

⁴⁸ PEIXOTO, Afrânio. "*Clima e Saúde*". Série 5ª. Vol. 129. Coleção BRASILIANA. Biblioteca Pedagógica Brasileira. P. 43

⁴⁹ ROQUETTE-PINTO, Edgar. "*Ensaio de Anthropologia Brasileira*". Série V. Vol. XXII. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Cia Editora Nacional. SP. P. 26. 1933

desejado. Nestes termos o Concurso de Misses toma o aspecto de uma prova eugênica".⁵⁰ Seria possível citar muitas outras passagens desse texto (e de outros) mostrando a profundidade (em alguns trechos a comicidade) dos equívocos racialistas de Roquette-Pinto, um homem festejado como pensador em sua época, e que cumpriu papel de destaque no período do Estado Novo, na implantação da radio-difusão em âmbito nacional. Mas para o que está sendo tratado, basta referir o seu alerta quanto ao "*critério do viu, gostou, casou, processo de eleição matrimonial que os estadistas estão querendo mui justamente, controlar, em benefício da raça*".⁵¹ Seria mera coincidência a expressão desses pensamentos exatamente no momento da ascensão das idéias nazistas de *aprimoramento racial* na Alemanha?

Fernando Azevedo é outro festejadíssimo intelectual, com atuação destacada na implantação de programas educacionais. Seu livro "*A Cultura Brasileira*" acompanha o Censo de 1940, da mesma maneira que o livro de Oliveira Vianna em 1920. É claro que ele já não pregava o arianismo. A retórica da superioridade branca persistia em seu texto com nova roupagem. Fernando de Azevedo (1996) ainda não havia assimilado bem a "virada" culturalista que se inicia na década de 30.

Gilberto Freire, personalidade ímpar nas Ciências Sociais no Brasil, é quem melhor sintetiza aquela "virada". Seu livro "*Casa Grande e Senzala*" (1933) – baseado, em grande parte, em relatórios de viagens de personalidades estrangeiras – apresenta uma substanciosa (e terna!) reconstituição histórica do cotidiano do regime escravista nas fazendas do nordeste açucareiro. A sua ótica é a da harmônica justaposição de círculos concêntricos (os agregados e dependentes, e a escravaria) à volta da família patriarcal, no espaço/tempo idealizado das relações do regime escravista. "*Talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura, como no Brasil*"⁵² Entre seus méritos está o fato de reconhecer o negro como produtor de cultura e garantir-lhe posição fundamental na construção da nacionalidade; num momento em que a ideologia arianista ainda era hegemônica. Outro mérito é o de caracterizar como positiva a mestiçagem, até então

⁵⁰ *Ídem*. P. 28

⁵¹ *Ibidem*. P. 31

⁵² FREIRE, Gilberto. "*Casa Grande e Senzala*". 1978 (19ª edição). José Olímpio. RJ. P. 52

"mal dita" – apesar de, desde sempre, campear solta. E em inúmeras passagens enfatiza os caráter eugênico dos intercursos sexuais, tanto entre negra e brancos, como entre índias e brancos; e aí investe com força (apesar de sempre procurar uma construção frasística equilibrada) contra os arianistas e os usos mais correntes da concepção de eugenia. O caráter fundante de "*Casa Grande...*"⁵³ se completa com a publicação de "*Sobrados e Mocambos*" (1938), no qual caracteriza o Brasil como uma acomodação de raças, em oposição aos conflitos étnicos nos EUA. Freire, com comedido ousadia, impactou os meios acadêmicos e culturais ao realizar em 1934, em Recife, o Congresso Afro-Brasileiro. Este evento contou com a mais ampla variedade de participantes – de renomados acadêmicos e estudiosos do tema, a conhecidos sacerdotes de religiões afro-brasileiras, passando por folcloristas e todo tipo de interessados.⁵⁴ Essa atuação cultural/política (além da virada teórica e metodológica) de Freire lhe rendeu muitos adversários entre os prolectos pensadores brasileiros (os quais ele questiona e até contradiz frontalmente em várias passagens), que, até então, concentravam as atenções no que toca à interpretação dos problemas brasileiros. Só a partir do êxito crescente dessas obras em sucessivas reedições e em traduções para outros idiomas, sendo saudadas por alguns dos mais eminentes cientistas sociais em outros países... Aí a intelectualidade brasileira se deu conta da "grosseria" do biologismo e do darwinismo social. Tanto mais que o pensamento subjacente àqueles dois livros (e a trabalhos que os sucederam), pressupunha a acomodação entre os conceitos de raças, culturas e classes, num viés marcadamente conservador, em sintonia com idéias que vinham esboçando um senso comum no seio da população. Em que pese a sua inovação teórico-metodológica, a obra de Gilberto Freire acabou por se adequar ao copioso figurino de conveniências, manejado pelas elites brasileiras (e não exclusivamente as conservadoras) como respaldo teórico do mito da democracia racial.

⁵³ Ver MOTA, Carlos Guilherme. "*Ideologia da Cultura Brasileira*", 1977. Ática, SP. Esse autor tomou clássica a interpretação de que a historiografia brasileira toma rumos decisivos a partir da publicação de "*Casa Grande e Senzala*"; *Evolução Política do Brasil*" (1933), de Caio Prado Junior; e "*Raízes do Brasil*" (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. Apesar da densidade e de aspectos teórica e metodologicamente inovadores presentes em sua obra, Mota parece cair numa armadilha da racionalização. Parece precisa a crítica de Renato Ortiz (citado), de que ele acaba "*tomando o testemunho de um autor* (no caso, Antônio Cândido), *pela própria explicação histórica*".

Mas não se pode dizer que tais "avanços" valiam para todos e para sempre. Já em 1949 o ministro Jorge Latour, presidente do Conselho de Imigração e Colonização⁵⁵, proferia o seguinte discurso na abertura da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização: "...As predileções de nossa política imigratória estão afirmadas e confirmadas na legislação, e no pós guerra atual adquiriram consistência prática (...) São meus votos de que nesta assembléia se firme a idéia, para ser propagada enfaticamente, de que o Brasil deseja tonificar-se com o sangue europeu, em tão grande parte sangue de seus maiores."⁵⁶

Por sinal o CIC – Conselho de Imigração e Colonização – criado no impulso inicial do Estado Novo, serviu como que de núcleo de resistência do pensamento arianista/eugenista, nos intestinos do aparelho de Estado. É possível acompanhar a trajetória de seus formuladores através da sua Revista Brasileira de Imigração e Colonização. Um de seus principais ideólogos era Arthur Hehl Neiva, articulador do Congresso de Eugenia de 1929, referenciado como "estudioso de eugenia e de populações" por Roquette-Pinto, e que, ainda em 1944, escrevia: "*Quero crer que nenhum brasileiro aspire a que, dentro de meio milênio, nossa civilização seja amarela ou negra.(...)Julgo, pelo contrário, que todos nós desejamos ser um país de civilização branca, dentro de nossa tradição histórica. Mas, nesse caso, é indispensável restringir, ou de preferência excluir a imigração negra ou amarela, do Brasil, favorecendo por todos os meios a corrente imigratória branca.*"⁵⁷ Nesse mesmo texto, Neiva se vangloria da luta parlamentar para controlar a imigração e alcançar os seus objetivos.

Tanto na leitura de Neiva, quanto através da crítica de José Honório Rodrigues (1964-Conciliação e Reforma), percebe-se, aliás, que não havia nem unidade de pensamento, nem eficácia institucional e política na implementação de estratégias *eugenistas*. Eis aí um bom exemplo da precariedade do controle do Estado

⁵⁴ Os anais desse Congresso foram re-publicados em 1988. "Estudos Afro-Brasileiros" e "Novos Estudos Afro-Brasileiros". Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangano. Recife. PE.

⁵⁵ O CIC foi criado em 1938, como um órgão de Estado, responsável pela sistematização e explicitação da política racial (imigrantista) que desde o final do século XIX foi assumida pelo Estado brasileiro.

⁵⁶ "Estado e Raça no Brasil. Notas Exploratórias". Vainer. Carlos B. In Estudos Afro Asiáticos nº 18. 1990. RJ. pg. 112.13

⁵⁷ NEIVA, Arthur Hehl. "O problema imigratório brasileiro". In Rev. de Imigração e Colonização. ano V, nº 3. P. 510

– visto como espaço de lutas por hegemonia (à maneira de Gramsci) – sobre alguns dos processos institucionais e políticos mais caros às elites e à concretização de seus ideais (e projetos) para o desenvolvimento da nação e da identidade nacional brasileira. Assim é que pouco mais de um ano depois do Congresso de Eugenia, é decretada a chamada Lei dos 2/3,⁵⁸ que traz uma alteração fundamental na estratégia europeizante vigente desde o século XIX – pode-se mesmo especular que ela representou (inadvertidamente, talvez) a primeira medida de ação afirmativa para a população negra no Brasil.

A estudos que defendem ter sido essa medida de caráter apenas emergencial, frente à crise em que se debatia a sociedade, com o acúmulo de desempregados nas grandes cidades.⁵⁹ Não parece ter sido essa a interpretação da população: "*Vai Pereira, pegue seus homens, entrem na obra e trabalhem. Cheguem prá receber no fim da semana. Se eles não pagarem tragam eles para cá – nem que seja amarrados – mas não bate não*" "*Esse é o depoimento de Seu Pereira (nordestino, negro, Mestre de obras). Assim se dirigia aos trabalhadores da construção civil – de que cor? – o chefe de polícia, Batista Luzardo, quando da ampliação da Rua Larga, hoje Mal Floriano, no centro do Rio de Janeiro.*"⁶⁰ Amauri de Souza (1971) não se refere à "lei dos 2/3", mas apresenta pesquisa em que constata o massivo apoio eleitoral da população negra ao PTB e a Getúlio Vargas, graças às medidas de proteção social adotadas por aquele governante. É bem verdade que em 1934 foi criado o regime de cotas, restringindo a entrada de imigrantes ao limite anual de "2% sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos 50 anos"; o que foi comemorado por Neiva como vitória. Pelo menos em alguns setores das elites levaria muito tempo ainda para adequarem o seu racismo, pelo menos nos discursos, à nova época. Carlos Vainer cita uma resolução da famosa Conferência das Classes Produtoras, realizada em Teresópolis em 1945, sob a liderança de Roberto Simonsen, então presidente da FIESP: "*deve ser mantida a tradicional política de*

⁵⁸ Decreto nº 19.482, de 12.12.1930. Suspensão por um ano o desembarque de passageiros de 3ª classe e obriga as empresas urbanas a empregar pelo menos 2/3 de brasileiros natos.

⁵⁹ VAINER, Carlos. "*estado e Raça no Brasil. Notas exploratórias*". 1990. In Estudos Afro-Asiáticos nº 18. CEAA. RJ. Apesar de pouco extenso, esse é um artigo precioso pelas pistas que levanta, e que foram de extrema valia nas pesquisas para elaboração desse capítulo.

⁶⁰ PEREIRA, Amauri. M. "*O racismo no Brasil – Uma ideologia de dominação*". 1989. Mimeo. P. 28.

*miscigenação que vem sendo seguida multiseccularmente pelo Brasil, preservando-se, entretanto, as características de ascendência européia da maioria do seu povo.*⁶¹ E o Decreto-Lei nº 7.967 de 18.09.1945, sobre imigração e colonização, dispõe em seu art.2º *"Atender-se-á na admissão do imigrante, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência européia, assim como a defesa do trabalhador nacional."*

É interessante anotar que o trabalhador nacional de 1945 já não é o mesmo de 1930. A Campanha de Nacionalização perdurou de 1937 a 1945 e reduziu drasticamente o número de estrangeiros. E mostrou como as elites brasileiras são capazes de usar a violência (não exatamente física, mas principalmente institucional e política), para afirmar as concepções universalistas/assimilacionistas do seu projeto nacional. Esse é um aspecto presente em boa parte do pensamento social brasileiro, e que até aqui, tamanha a veemência do racismo, não houve oportunidade para enfatizar: a sua vocação nacionalista. A preocupação em visualizar um projeto de nação homogênea/harmoniosa e soberana.

Giralda Seyferth (1997) mostra bem a dimensão daquela campanha: *"A campanha de nacionalização foi implementada durante o Estado Novo (1937-1945), atingindo todos os possíveis alienígenas – tanto nas áreas coloniais (consideradas as mais enquistadas e afastadas da sociedade brasileira), como nas cidades onde as organizações étnicas estavam visíveis. O primeiro ato de nacionalização atingiu o sistema de ensino em língua estrangeira: a nova legislação obrigou as chamadas "escolas estrangeiras" a modificar seus currículos e dispensar os professores "desnacionalizados"; as que não conseguiram (ou não quiseram) cumprir a lei foram fechadas. A partir de 1939, a intervenção direta recrudescceu e a exigência de "abrasileiramento" através da assimilação e do caldeamento tornou-se impositiva – criando entraves para toda a organização comunitária étnica de diversos grupos emigrados. Assim, progressivamente, desapareceram as publicações em língua estrangeira, principalmente a imprensa étnica, e algumas sociedades recreativas, esportivas e culturais que não aceitaram as mudanças; foi proibido o uso de línguas*

⁶¹ VAINER, Carlos. "Estado e Raça no Brasil". Citada. P. 112

*estrangeiras em público, inclusive nas atividades religiosas; e a ação direta do exército impõe normas de civismo, o uso de língua portuguesa e o recrutamento dos jovens para o serviço militar num contexto genuinamente brasileiro.*⁶²

Ao longo da análise da autora e nas suas citações dos relatórios de três jovens oficiais do exército que participaram da campanha, se percebe a radicalidade do discurso nacionalista em função da supressão dos "*quistos raciais e étnicos*."

Racialismo e Nacionalismo andavam juntos: Arthur Neiva, que foi contemplado em furor arianista vai demonstrar, em diferentes partes do seu texto já citado, uma aguda consciência de outras desafiadoras questões nacionais; o mesmo se pode falar de Oliveira Vianna, senão tanto o de "Raça e assimilação", ou de "Evolução do Povo Brasileiro"; mas o de "Populações Meridionais do Brasil"; o Monteiro Lobato que vaticinava em carta a Tito Lívio Brasil, "*só a imigração e a conseqüente fusão de sangue superior trará uma aptidão congênita para o progresso*"⁶³, e aí se percebe a preocupação com o futuro nacional; é o mesmo que se tornou um dos mais aguerridos militantes da Campanha "O Petróleo é Nosso", na década de 50. O Brasil jamais foi um "deserto de homens e idéias". O problema, para as elites, era o povo com que construir a nação!

O Povo, contudo, é avassalador na sua efetividade, por mais que lhe marquem e doam as chagas impostas. Pensá-las é responsabilidade de todos: dos que crêem que só as impõem, e dos que crêem que só as sofrem.

A questão racial é uma dessas feridas que desafiam os que se preocupam com os rumos atuais, e pretendam efetivamente contribuir para a construção da nação e da identidade nacional brasileiras, em bases mais justas e democráticas. Senão por pré-conceitos, ou por bens de prestígio e vantagens materiais, que se mostram cada vez mais insensatos; porque a insistência em reproduzir o ideal do branqueamento da população brasileira? Tem sido difícil aos formadores de opinião – professores, gente de mídia, pesquisadores, e outros – "saltarem" dos sentidos instituídos sobre a mestiçagem que campeou solta desde os primórdios da formação da nacionalidade

⁶² SEYFERTH, Giralda. "*A Assimilação dos imigrantes como questão nacional*". 1997. In MANA. Estudos de Antropologia Social. Vol. 3 nº1. Abril de 1997. P. 96-7

⁶³ LOBATO, Monteiro. "*Cartas Escolhidas*". 1905. Editora Brasiliense. SP. P.76. Apud SODRÉ, Muniz "*Claros e Escuros*". obra citada.

brasileira. "Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre na cabeça de negros e mestiços."⁶⁴

Esse quadro indica que o racionalismo prescinde de racionalidade; talvez se possa falar, numa racionalidade fechada ou auto-referenciada. Tal prisão entrelaça aspectos conceituais, existenciais, emocionais, espirituais, e se materializa nas relações de poder, nos indicadores sociais, nas mais limitadas perspectivas, e na sempre mais baixa qualidade de vida dos brasileiros afro-descendentes. E assim vem se perpetuando no imaginário e no cotidiano dos mais e menos claros e escuros, com a força da tradição: a inércia.

Como será possível rompê-la imersos em sufocante teia de significações, e sempre dispostos a encorpá-la mais e mais? É uma temeridade o grau de ilusão que muitas vezes acomete o exercício (o paroxismo?) da racionalidade; tanto mais quanto creia captar a "realidade" através das mais que perfeitas concatenações de palavras e conceitos. Contra a onipotência dos *experts*, no entanto, atua o imponderável da instituição política dos diferentes grupos sociais que, estes sim, determinam o fluir da construção no social-histórico.

De uma maneira geral, a sociedade é impelida à ruptura com os sentidos até aqui dominantes sobre a questão racial; e vai encontrando/produzindo seus caminhos. A ostensiva e inamovível brasilidade da população negra são o seu melhor fermento, e o Movimento Negro o aguilhão dessa ruptura. Assim como outras lutas sociais, o Movimento Negro flui através de setores e momentos de maior e menor autonomia. Apenas mais recentemente a necessidade e a dimensão dessa ruptura vem se colocando como um dilema para o Movimento Negro Brasileiro. Desde o início do século, no entanto, é o seu campo de ação... Sem descuidar serviços prestados "à causa" por consciências e atitudes individuais ou institucionais (nos auto-designados setores democráticos e anti-racistas), vezes mais-vezes menos comprometidos ou intencionais. A trajetória desse Movimento Social do "meio negro", que se dá simultaneamente em alteridade e em inextricável vinculação ao processo histórico da formação nacional, constitui o objeto do próximo capítulo.

⁶⁴ MUNANGA, Kabengele. "Rediscutindo a mestiçagem no Brasil". 1999. Vozes. Petrópolis. RJ. P. 16

O Movimento Negro

*"Tanto quanto a riqueza,
a miséria e a pobreza "acostumam".
É preciso lutar contra isso.*

Nilma Bentes – in. "Negritando"

*"Hoje o Samba está no alto sem ter os pés no chão.
Se a realidade é esta eu prefiro a fantasia.
Esta evolução não passa de ilusão,
É bolha de sabão, é alegoria".*

Nei Lopes e Wilson Moreira – "Quesitos"

Não é preciso muito esforço para se imaginar a situação da população negra no pós-abolição.

Nas últimas décadas do século XIX o país passara por um surto de desenvolvimento em sua economia. Os capitais liberados pela cessação do tráfico; as repercussões econômicas, políticas e sociais da guerra do Paraguai; a expansão vertiginosa da cafeicultura, que se tornou o principal setor da economia brasileira; a acumulação de bons resultados nas atividades artesanais e fabris; o Movimento Abolicionista e a abolição; o Movimento Republicano e a proclamação da República, que uniu civis e militares; a imigração européia, principalmente para as "terras novas" do sul. Esses fatos, interligados uns aos outros, são, em geral, referidos pelos historiadores como os mais importantes, capazes de retratar a sociedade brasileira por volta da virada do século.

Tratando da situação da população negra, Florestan Fernandes diz que, "*Os negros e os mulatos ficaram à margem ou se viram excluídos da prosperidade geral, bem como de seus proventos políticos, porque não tinham condições de entrar nesse jogo e sustentar as suas regras.*"⁶⁵ Há farta literatura (uma parte dela foi referida no capítulo do *pensamento social brasileiro*) interpretando aquela situação como decorrente da incapacidade do negro se adaptar às novas relações de produção capitalistas. "...o trabalhador negro, recém-egresso da escravidão e por ela

deformado (grifo do autor), não estava em condições de resistir à livre competição com o imigrante europeu.⁶⁶ E estudos mais recentes continuaram reproduzindo essa postura ideológica em relação ao período da escravidão.⁶⁷ O próprio Florestan Fernandes atribui um peso exagerado ao "estado de anomia reinante no meio negro", conseqüente ao regime da escravidão. Otávio Ianni (1966) incorre no mesmo tipo de interpretação. Celso Furtado (1959), chega ao extremo de falar em "retardamento mental(...)forte preferência pelo ócio."⁶⁸ É necessário, a esse respeito, fazer algumas observações:

1 – Não estariam essas interpretações mais recentes reproduzindo aquele olhar das doutrinas racistas européias, que apregoavam a tendência do negro à indisciplina, e a sua inaptidão para o trabalho livre? Seria "incapacidade" do negro, ou uma situação criada graças às relações de trabalho escravo, e às representações que não só os negros mas toda a sociedade criaram sobre o trabalho, como algo degradante? É mais do que razoável se pensar que para muitos ex-escravos era preferível se instalar, em certas localidades, mesmo que fosse precária e temporariamente, com uma pequena agricultura e criação de animais para subsistência, do que trabalhar, quando muito, por um salário aviltante e em situações ainda permeadas pelas práticas do regime escravista. Ou mesmo procurar alternativas de subsistência que não implicassem em continuar explorados e submissos aos senhores de sempre? Mas na lógica do incipiente capitalismo (e do racismo) brasileiro da época, rejeitar a exploração era sinônimo de atraso cultural.

É fácil compreender que durante ou logo após a escravidão, o que imperava era a desconfiança recíproca entre senhores e escravos. São incontáveis os registros

⁶⁵ FERNANDES, Florestan. "A Integração do Negro à Sociedade de Classes". 1964. Fac. de Filos. Ciências e Letras, Univ. de São Paulo. SP. P. 82

⁶⁶ BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. "Branco e Negro em São Paulo". SP. Cia Editora Nacional. 3ª edição. 1971

⁶⁷ Apenas um pequeno exemplo de como um intelectual bem apetrechado pode sucumbir a esse tipo de equívoco, ao ponto de conceber a inexistência de subjetividade do escravo. Para Fernando Henrique Cardoso, os negros seriam "testemunhos mudos de uma história para a qual não existem, senão como uma espécie de instrumento passivo"; e "a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos". CARDOSO, F.H. "Capitalismo e escravidão no Brasil meridional". 1977. Paz e Terra. RJ. P. 126 e 125. Apud RUFINO dos SANTOS, Joel. "A luta organizada contra o racismo". Citada, p. 112

⁶⁸ FURTADO, Celso. "Formação Econômica do Brasil". 1959. Fundo de Cultura. RJ. P. 166-7

de escravos abandonando as fazendas onde sofreram a escravidão; transferindo-se para fazendas vizinha, ou se dirigindo às cidades, na tentativa de melhorar de vida. Sempre que lhes era possível os antigos senhores rejeitaram a mão-de-obra negra, fosse por desconfiança, ou porque desejavam vantagens na absorção de imigrantes.

Falar da incapacidade de concorrência do negro frente ao trabalho do imigrante é desconhecer que este vinha de zonas climáticas diferentes e levaria, forçosamente, algum tempo para se adaptar às condições e às práticas agrícolas existentes no Brasil, mormente à cafeicultura, para onde afluíu em grandes levas. Sobre a questão da qualificação profissional é difícil, também, se imaginar trabalhadores rurais do sul da Itália, das regiões mais atrasadas da Europa central e o proletariado da península ibérica, com profissões variadas e de nível muito mais elevado do que havia no mercado de trabalho brasileiro na época.

A esse respeito é oportuno citar a alentada pesquisa de Marilene Rosa Nogueira da Silva (1988) que informa sobre a importância econômica e social do escravo ao ganho nas zonas urbanas. *"aspecto relevante do trabalho escravo na cidade, que pouca atenção tem recebido da historiografia brasileira, é o seu emprego em tarefas para as quais se exigia certa especialização, o que derruba os argumentos mais comuns que sustentam ser o escravo um trabalhador irresponsável, boçal e incapaz de executar tarefas mais complexas. (...) a questão da incompatibilidade do trabalho escravo nas manufaturas pioneiras e mesmo na produção industrial não encontra sustentação documental na cidade do Rio de Janeiro. (...) A sobrevivência de um escravo na cidade estava ligada à sua qualificação individual, que representaria para o proprietário maior possibilidade de obtenção de renda imediata e ao escravo a garantia da manutenção de sua atividade."*⁶⁹ A amplitude da demanda e a diversidade de qualificações, mais a condição de contratar serviços e estabelecer prazos e preços (o que sem dúvida impunha um alto grau de autonomia, tanto em relação ao senhor, quanto à liberdade de deslocamento e de presença nos mais variados locais e horários), eram, segundo a autora, características daquela modalidade de trabalho.

2 – Outra questão é pretender idealizar um ex-escravo, sem problemas e pronto a assimilar com facilidade uma situação, para ele contraditória: o tipo de contrato e as responsabilidades de que ele se via investido eram novos; mas as condições de trabalho, o poder de mando, a propriedade das terras e dos resultados econômicos, permaneciam praticamente os mesmos de antes da abolição. É claro que qualquer grupo humano precisa de um tempo para se re-equilibrar em transições desse tipo. Vale a pena a citação: "*Desde logo é insustentável a suposição de que a escravidão não tenha marcado os escravos com inabilitações, deficiências e propensões peculiares. A grande maioria dos escravos viveu nas zonas rurais e não adquiriu qualificações profissionais diferenciadas. O regime escravista inculcava a ideologia da depreciação do trabalho manual e da estima pelo ócio.*" Para esse autor, não se pode "*Absolver a escravidão da responsabilidade por tais estímulos, também evidentes nos homens livres pobres...*"⁷⁰ E nesse ponto, Gorender (1991) investe decididamente contra uma linha de pesquisas históricas que nomeia como *reabilitadora da escravidão*. Ele fala de autores como Kátia Mattoso, Sílvia Hunold Lara, e outros, cujos trabalhos (segundo ele) ressaltam determinadas situações – por exemplo, quanto à coisificação/subjetividade do escravo; ou sobre a ausência de violência sistemática no escravismo – que questionam a capacidade totalizadora do regime escravista.

Não cabe neste trabalho se alongar sobre essa polêmica. Basta, portanto, anotar à guiza de comentário, que Gorender defende uma posição de princípio que não deve ser menosprezada, mas à qual faltam pesquisas documentais ou de campo capazes de consubstanciá-la melhor. Por outro lado, é possível perceber – cautelosamente – uma generalização muito apressada de características da escravidão, que falam de iniciativas, de possibilidades de negociação, e de alternativas de procedimentos e resultados no âmbito das relações escravistas (quase sempre apresentando vantagens para os escravos), que até pouco tempo atrás eram insuspeitas. Essas pesquisas, por enquanto, apresentam casos específicos e localizados temporal e espacialmente.

⁶⁹ NOGUEIRA DA SILVA, M. R. "*Negro na Rua – A nova face da escravidão*". 1988. HUCITEC. SP. P. 33 e 34

⁷⁰ GORENDER, Jacob. "*A Escravidão Reabilitada*". 1991. Ática. SP. P. 199.

Essa argumentação vem a propósito de algo fundamental. É na virada do século XX, com as novas condições econômicas e a hegemonia de novas posturas ideológicas, impulsionadas pela consolidação da república; é esse o momento crucial em que se "decide" a perpetuação da distância entre os mais claros e os mais escuros. E aqui a abordagem toca em aspectos ideológicos fundamentais na orientação da prática das elites naquele momento. A imagem do negro era a do escravo – do branco para o negro e do negro para si mesmo. A conveniência do culto a essa imagem pelas elites, as vantagens diretas e indiretas, imediatas ou a mais longo prazo, que elas encetavam; foram, provavelmente, determinantes. E, no entanto, hoje, é possível dizer que tal imagem de subalternidade, de perversão e perversidade, de irracionalidade, de ser traiçoeiro, desorganizado, foram produzidas socialmente. Possivelmente a partir de exemplos,⁷¹ mas em que se basear para generalizar esses exemplos e torná-los sinônimo de "realidade histórica"? Imagem inversa se encontra em abundante bibliografia sobre os Quilombos e outras iniciativas de negros, escravos ou não, ao longo dos séculos de regime escravista.⁷² E é outra vez uma interpretação controvertida (distorcida?) que se delineia no momento em que, nas primeiras décadas do século, emerge do seio da "massa" negra – e da sua presumida anomia – o Movimento Negro. Aqueles que se pusessem a refletir e expressar sua insatisfação com a situação da *sua raça*, eram objeto de preocupação e até de admoestação por autoridades e por muitos *amigos* (principalmente mais claros, mas, também, *patrícios*). Fenômeno semelhante vai se dar em momentos mais fortes e criativos, sempre que – em qualquer lugar – se manifestem contrariedades e

⁷¹ A resposta de Martin Luther King à amargurada inquirição de uma fiel de sua igreja é oportuna: "*Os negros, são humanos não super-humanos, como qualquer povo possuem interesses diferentes e aspirações distintas. Toda raça e todo povo possui o seu quinhão de covardes, oportunistas e ladrões. Há negros que jamais lutarão pela liberdade, outros colaborarão com os opressores, outros ainda procurarão obter vantagens pessoais. Os golpes de martelo do racismo e da pobreza fatalmente teriam que corromper e perverter alguns. Não se pode pretender que o fato de serem oprimidos leve todos os membros de um povo a serem virtuosos e dignos. Mas o importante é que as características da maioria sejam a honra, a decência e a coragem*".

⁷² MOURA, Clóvis. "*Rebeliões da Senzala – quilombos, insurreições, guerrilhas*". Ed. Conquista. RJ. 1972. "FREITAS, Décio. "*Palmares: a guerra dos escravos*". Mercado Aberto. Porto Alegre, 5ª edição. 1984. : GORENDER, Jacob. "*O escravismo Colonial*". Ática. 5ª edição. SP. 1988. Esses são clássicos, pela abundância de dados coligidos, pela densidade das análises e pelo pioneirismo no enfoque. Muitos trabalhos podem ser consultados, entre outros: AZEVEDO, Célia M. "*Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*". Paz e Terra. RJ. 1987 SANTOS GOMES, Flávio "*Quilombos do Rio de*

iniciativas, no meio negro, de criação de instituições e/ou atividades, geralmente culturais ou recreativas, mas também de caráter mais cívico ou francamente questionadoras. E serão raros os que (políticos, acadêmicos e estudiosos em geral) vão considerar o Movimento Negro uma manifestação legítima e oportuna de Movimento Social, capaz de contribuir para a construção da democracia no Brasil.

Mas hoje já é possível garimpar dados e referências para a composição de uma história do Movimento Negro. Tanto a partir de acontecimentos objetivos (culturais, artísticos, políticos, comportamentais, e outros), que foram conformando a sociedade brasileira; quanto no aproveitamento da literatura produzida no âmbito daquele Movimento – os militantes refletindo sobre si mesmos, sobre o *meio negro*, e sobre a sociedade – ou ainda procurando a produção, acadêmica ou não, de estudiosos sobre o tema.

A Construção da Autonomia

O século vinte iria exigir aos negros o mais vivo testemunho da capacidade de um grupo social superar adversidades, e se superar, impondo a sua contribuição à construção de uma sociedade plural, tornando-a algo que jamais imaginara ser. Daí o estranhamento, tanto pela amplitude, quanto pela velocidade vertiginosa das transformações que vêm ocorrendo. Este advento é que será designado Movimento Negro. Distinguindo-se, apenas para facilitar a conceituação, em duas dimensões – sentido estrito e sentido amplo – conforme já referido.⁷³

Trata-se de um fenômeno caracteristicamente urbano, e não se pode determinar um momento inicial. Alguns eventos, agrupamentos e associações, simultâneos ou que se sucederam no tempo, tornaram-se referências de resistência e de capacidade de agir "pela alevantamento da raça", e dos quais se pode recolher variadas marcas e memórias:

Janeiro no séc. XIX". In REIS, João J. e SANTOS GOMES, Flávio. (Orgs) "*Liberdade por um fio*". Cia das Letras. SP. 1996 ; GAMA LIMA, Lana Lage. "*Rebeldia Negra e Abolicionismo*". Achiamé. RJ. 1981.

⁷³ Uma definição mais detalhada e ainda válida, pode ser encontrada em PEREIRA, Amauri. M. "*Três Impulso para um salto – trajetória e perspectivas do Movimento Negro Brasileiro*". Monografia final do Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em História da África. CEAA-UCAM. RJ. 1998.

- Irmandades religiosas – quase sempre de N^a Sra do Rosário e de São Benedito, mas também de Santa Efigênia e de Santo Elesbão, que também eram negros; eram espaços de reunião e festividades de determinados setores das populações negras.
- Há referências à existência de Sociedades de auxílio mútuo, como a Soc. Protetora dos desvalidos de Salvador-BA, fundada em 1834 e ativa até hoje. Mas são registros de memória oral, que vêm já de longa data; algumas remontariam ao período colonial.
- O tipo mais comum em todas as regiões do país parece terem sido as agregações recreativas, promovendo bailes e outros eventos, e as manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas. Algumas dessas incorporaram influências indígenas e mesmo portuguesas e de outros imigrantes europeus; o samba, por exemplo, que se tornou um símbolo da nacionalidade, trocou seus instrumentos originais (atabaques, e outros), por tambores, caixas de guerra, taróis, e outros, de uso antigo dos europeus.
- Sociedades que apregoavam civismo, patriotismo, como o Centro Cívico Palmares (SP, década de 20) parece terem sido mais raras. Suas formulações e atividades se confundem com aquelas de cunho mais político, no sentido do combate aos preconceitos e na busca de arregimentação de mais e mais negros para reivindicar direitos e mudanças sociais.

Essas últimas é que deixaram bem marcadas suas iniciativas, e é possível acompanhar sua trajetória.

*1º Impulso:*⁷⁴

Nas primeiras décadas do século XX as reminiscências do passado escravista, somadas ao quadro econômico, político e institucional já referido, representavam um fardo pesadíssimo para a população negra. A conquista da autonomia perante a sociedade, no entanto, jamais deixou de ser perseguida. Vale a pena registrar dois exemplos da reflexividade e da combatividade do pensamento social no meio negro: "*O Brasil atravessa o período mais amargo de sua existência independente. Centupliquemos os nossos esforços; eduquemos os nossos filhos, sacrifiquemos tudo para elevá-los à altura de perfeito cidadão, e dia virá em que*

⁷⁴ *idem.*

proclamarão bem alto para todo o universo que são brasileiros tão dignos como os demais o são, e o Brasil ainda mesclado de então, consciente de sua força, consciente no seu valor e orgulhoso de si. Lançará fogo aos papelórios infamantes que um dia escarneceram de sua própria casta."⁷⁵ *"Cumpriremos o nosso dever com a nossa razão, os nossos sentimentos e a nossa pátria (...)o meio em que às vezes nos achamos não nos permite os arroubos das mais felizes e puras explosões da nossa consciência (...)O que nos amamos e veneramos nos nossos semelhantes não é a sua forma corpórea, nem tão pouco temos a idéia de suas virtudes pelo seu vestuário e calçado; assim não devemos olvidar ou desprezar um homem de cor preta, porque muitos dessa raça poderiam ser o estímulo na prática do Bem e do Dever, e muitos brancos ou a esses moços bonitos que são verdadeiros parasitas sociais, cérebros ociosos sem ideias, não tendo um fim nobre e elevado a atingir na vida.*"⁷⁶

Não se pode, naturalmente, generalizar as características de pensamento e ação em todas as regiões brasileiras. Contudo é razoável pensar que lavrava a insatisfação e a população negra buscava formas de se manifestar, conforme circunstâncias específicas. Não era outro o sentido da ebulição no meio negro, que tinha como epicentro as Comunidades Terreiro de Candomblé em inúmeras cidades da Bahia, a maioria próximas à capital, e que foi romanceada por Jorge Amado no livro "Tenda dos Milagres." Rui Facó, no seu livro "Cangaceiros e Fanáticos", faz alusão à resistência movida por sobreviventes do massacre de Canudos em várias regiões nordestinas. Segundo aquele autor, as batalhas das forças oficiais contra a localidade comandada pelo negro Beato Lourenço, parece terem sido as mais dramáticas, cuja derrota final exigiu o uso de aviação. Como exemplo final pode-se indicar a rapidez com que se alastrou por todo o Brasil as notícias dos êxitos e as propostas de organização da Frente Negra Brasileira que partiam de São Paulo. Por enquanto, somente em São Paulo foi possível recuperar e organizar um imenso acervo de jornais e outras publicações da Imprensa Negra. Lá, foram várias as circunstâncias que conspiraram para que as idéias e Entidades Negras galgassem tanta força e tantos êxitos, alcançando a maior visibilidade em relação ao universo do Movimento Negro

⁷⁵ CAMARGO, T. "Echos do projecto Fidélis Reis". In ELITE (Imprensa Negra). nº 2. SP. 20.01.1924.

Brasileiro. Em primeiro lugar, foi em São Paulo que ocorreu o maior surto de desenvolvimento econômico brasileiro nas décadas que antecederam e sucederam a virada do século XX; graças à expansão e acentuada produtividade do Café na região do oeste paulista. Essa dinamização econômica concentrou número elevado de escravos (trazidos principalmente das regiões açucareiras do nordeste, depauperadas à época), o que levou à agudização dos conflitos em função da atuação dos grupos abolicionistas, Luiz Gama à frente.⁷⁷ Também para São Paulo se dirigiu o maior fluxo de imigrantes europeus e orientais, o que foi decisivo para a marginalização da população negra no mercado de trabalho. Essas circunstâncias, por assim dizer, confrontavam o negro paulista e lhe impunham uma postura mais enérgica. Em nenhuma outra região a população negra lidou tão direta, intensa e longamente com contingentes de imigrantes. A capital abrigava a maior diversidade étnica, com bairros negros, italianos, espanhóis, portugueses, poloneses, e outros; em alguns lugares havia uma certa mistura. Acresce a essas condições especiais, o fato de terem sido realizados em São Paulo (talvez, mesmo, em decorrência daquelas condições), com Roger Bastide e Florestan Fernandes à frente, os mais substanciais estudos de relações raciais, vinculados à célebre pesquisa patrocinada pela UNESCO, no início da década de 50, em três estados brasileiros – SP, BA, RJ.

O momento culminante desse primeiro impulso foi, sem dúvida, a fundação da Frente Negra Brasileira. Falando do clima reinante no meio negro paulista ao final dos anos vinte, José Correia Leite diz: *"...o entusiasmo dos negros foi muito grande na campanha eleitoral, pois em grande maioria eles eram cabos eleitorais. E sabiam que o Getúlio ia perder a eleição. Como era de praxe sempre o governo ganhava. Mas havia aquela esperança. 1929 tinha sido o ano de uma recessão muito grande e*

⁷⁶ OLIVEIRA, A. "Preconceito de Raça". In O ALFINETE (Imprensa Negra). Nº 2 SP. 3.09.1918

⁷⁷ Ver FERNANDES, Florestan e BASTIDE, Roger. "Branços e Negros em São Paulo", 3ª edição. 1971. Cia Editora Nacional. SP. Pgs. 57 a 64. O texto e extensas notas de pé de página dão uma boa idéia ao leitor, do "clima" da região à época. Também a atuação de Luiz Gama e de Antônio Bento (esse branco) e dos "Caifazes" – organização abolicionista radical que agitava a escravaria e promovia fugas em massa das senzalas – é parte da memória oral, reiteradas vezes registradas em artigos de jornais negros e mesmos dos grandes jornais paulistas. É importante anotar que tais declarações e memórias parecem bastante idealizadas; os quilombos de Santos e do Jabaquara são sempre citados como "o céu na terra", "a redenção dos escravos". Já nos anos 80, um dos depoentes mais antigos, José Correia Leite – na época um símbolo vivo da militância negra – falava com comedida ironia sobre aquelas idealizações. Ao seu ver, inevitáveis e compreensíveis, face ao imperativo de afirmação do Movimento Negro nas décadas anteriores, mas agora já não tão necessárias.

as conseqüências na situação do negro foram graves (...) O negro, por intuição ou qualquer coisa na praça da Sé se reunia em grupos e as discussões eram calorosas. Estava sempre à frente o Isaltino Veiga dos Santos, o que mais agitava os grupos. Foi um sujeito que lutou muito. Sem ele não teria existido a FNB. Em 30, não se tinha a idéia do nome, mas estava se discutindo de como o negro poderia participar. Não se queria ficar marginalizado na transformação que se esperava. Havia um contentamento de ver aquelas famílias de escravagistas apeadas do poder. Era claro que na transformação tudo ia mudar. O negro sentia isso."⁷⁸

A Frente Negra Brasileira foi fundada em 1931 e se tornou rapidamente uma verdadeira coqueluche no meio negro paulista. Além da capital e inúmeras cidades do interior paulista, há registros de sessões da FNB em pelo menos 5 estados brasileiros: em Pernambuco, através de declarações do poeta Solano Trindade; na Bahia, por citações do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos; no Rio de Janeiro, conforme declaração de Sebastião Rodrigues Alves em seu livro "*A ecologia do grupo afro-brasileiro*"; no Rio Grande do Sul, através de Jornais de Imprensa Negra da cidade de Pelotas, que aludem à Frente Negra Pelotense; Em Uberaba (MG) através de carta enviada à direção da frente pelo a Federação dos Homens de Côr daquela cidade. O Jornal "O clarim da Alvorada", nº 38, de 20.12.1931, publica um Editorial da FNB demonstrando o entusiasmo contagiante e o ritmo frenético de abertura de mais e mais sessões da "Frente" pelo interior do Estado, e em outros estados da federação. Seus dirigentes proclamavam a filiação de mais de 200.000 membros em todas as regiões do país. Ao longos dos seus quase 6 anos de existência a FNB galvanizou inteiramente as atenções da "massa" negra paulista, que a tinha na conta de um "consulado dos negros"⁷⁹ (os negros observavam com certa perplexidade as invectivas dos consulados estrangeiros em defesa de seus nacionais recém imigrados, em casos de violência policial ou outras ofensas aos seus direitos). E também se impunha às autoridades, que se obrigavam a receber os dirigentes Frentenegrinos,

⁷⁸ LEITE, José Correia e CUTI. "...E disse o velho militante José Correia Leite". 1992. Sec. Mun. de Cultura. SP. P. 91.

⁷⁹ Depoimento de Aristides Barbosa, antigo militante, no Vídeo "Frente Negra Brasileira". 1985. Produção de Amauri M. Pereira e Yedo Ferreira, dirigido por Zózimo Bulbul, filmado e editado por *Emugbarijo Produções Artísticas*. RJ.

dada a força e amplitude de sua organização, a respeitabilidade de seus dirigentes e a seriedade de suas propostas.⁸⁰

Embora sejam necessárias mais pesquisas para se avaliar a verdadeira dimensão da FNB é possível afirmar que ele representou um "divisor de águas" na construção da autonomia aberta do Movimento Negro Brasileiro. Pela primeira vez uma "voz poderosa se alteou entre os descendentes d'África", impactando tanto a própria "massa" negra, que agora possuía um exemplo de nobreza e dignidade a brandir sobre si própria; quanto às elites intelectuais e políticas, que (embora ainda reticentes e a contragosto) se obrigavam a considerar aquela nova força social emergente⁸¹ – a FNB, suas idéias, sua postura e suas ações, rompiam, talvez definitivamente, com as representações tão sedimentadas no imaginário social, cujo melhor símbolo talvez fosse a figura caricata de *Dom Obá*.⁸²

Em 1937 "fechou-se o pano". A instituição do Estado Novo determinou o fim das atividades de todos os partidos políticos, e a Frente havia se registrado como tal. Deve-se lembrar, além disso, que foi o momento de uma vigorosa Campanha de Nacionalização, que chegou a atingir com violência os imigrantes. Mais do que nunca, naquele momento era intolerável (para a nova hegemonia que se instituiu politicamente) afirmações de diferença étnica: a meta proclamada era a afirmação da nacionalidade. Já foi visto, porém, o "homem brasileiro" idealizado por importantes setores das elites, que prosseguiram nas disputas (no âmbito dos órgãos de Estado e

⁸⁰ Nos últimos anos tem aumentado o interesse de historiadores profissionais em pesquisar alguns dos principais referenciais históricos do processo de organização do Movimento Negro. Espera-se, em breve, a publicação dos resultados da pesquisa do historiador, e negro militante, Flavio Gomes dos Santos, sobre a FNB. O vídeo citado, e questionários respondidos por remanescentes da FNB, informam de iniciativas de grande envergadura no âmbito daquele Movimento: a criação de inúmeros postos de alfabetização, por exemplo, era crucial para os objetivos da Frente, que chegou a se registrar como partido político e disputar as eleições de 1934 (até bem recentemente analfabetos não podiam votar). Outra importante demanda vitoriosa da Frente, foi a da inclusão de negros na força pública de São Paulo, que até 1935 era ostensivamente vedada.

⁸¹ "O Dr. Júlio Prestes, Presidente do Estado, mandou cancelar a proibição que havia na Guarda Cívica, relativamente à admissão dos pretos, que até agora não podiam fazer parte dessa corporação. É uma resolução que deve ser aplaudida. Enquanto esses brasileiros que se diferenciavam dos outros apenas pela pigmentação, eram afastados de prestar um serviço ao público...". Conforme o *Jornal de Imprensa Negra Progresso*, nº 3. SP. 19.08.1928, esse texto é transcrição do *Jornal do Comércio*, um dos mais reputados na "grande imprensa" da época. É um texto longo que apóia a medida, em contraposição à utilização anterior de, apenas, imigrantes, descritos como "estrangeiros, vindos com o fito de "fazer a América" à nossa custa, sem saber uma só palavra do nosso idioma, sem conhecer sequer as ruas da capital, ...Com seu vozerio gutural e ininteligível".

⁸² Personalidade negra de destaque na capital na fase final do império. Penso que a ampla divulgação do enredo da E.S. Mangueira no carnaval de 2000 dispensa maiores comentários.

em todo espaço de exercício de poder) para a implementação dos seus projetos de nação.

É oportuno salientar a força e a impetuosidade (decididamente *Patrianovista* – doutrina política nacionalista "de direita", próxima ao *Integralismo*), de Arlindo Veiga dos Santos, o primeiro Presidente da Frente, que apoiava abertamente a política do Nacional Socialismo Alemão. "*Está certo Hitler! Tanto é expressiva e tanto ecoa na alma alemã a sua afirmação, que o mundo dos prejudicados estrila... Mas não passa de estrilo! Pois não há quem não veja que as atitudes fortes do grande Chefe vão levantando a letargia de um povo já desesperado da salvação com o ópio entorpecente de 14 anos de república liberal-democrática.*"⁸³ Tanto quanto a do seu substituto: Justiniano Costa. Eram duas personalidades opostas em temperamento e em ideais. Esse último era carteiro, enquanto o primeiro era professor, título raro entre negros na época. Os contemporâneos falavam de altivez de um; e de simplicidade do outro. O primeiro se dirigia aos espaços de poder, questionando-os, apresentando alternativas, agindo em função de suas idéias (informações não confirmadas falavam de sua admissão na Maçonaria); o segundo era Juiz da Irmandade do Rosário, era visto como um abnegado "pela causa". É importante atentar para o fato de que a mudança de comando na FNB – e uma sucessão com tamanha diferença de perfil e de estilo de condução política – não prejudicou ou arrefeceu o ânimo dos militantes, ou a credibilidade dos propósitos da organização. É razoável crer que a FNB era a sua militância.

Mas apesar da repercussão nacional e da inegável importância histórica daquele momento instituinte do Movimento Negro em sentido estrito, não era essa a única característica do processo, também nacional, de instituição do Movimento Negro. São conhecidas as lutas das manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas, em quase todas as regiões brasileiras, para conquistarem o direito à existência pública e sem restrições legais e sociais. Alguns exemplos:

- *O Passo* – Uma manifestação negra tipicamente Pernambucana, em os participantes lutavam (ou simulavam) com movimentos de Capoeira, e que geralmente

redundavam em algazarra e prejuízos públicos. Aos poucos os manifestantes foram vencendo as resistências das elites (por maior que fosse a repressão, jamais se conseguia impedi-los), e, um pouco "domados" por estudada benevolência das autoridades, foram modificando e estilizando alguns movimentos – daí nasceu o Frevo, que hoje é sinônimo do carnaval daquele estado.

- *O Afoxé* – Era a manifestação pública do "povo do santo" (do Candomblé), principalmente no carnaval, na Bahia. Se mesmo privadamente, e até escondidamente, os cultos religiosos africanos eram proibidos/perseguidos, imagine-se sua saída à luz do dia com indumentária típica, seus instrumentos, suas cantigas em Yorubá ou em Português, muitas vezes provocativas!⁸⁴ Foi exatamente por contarem com a repressão policial que apenas homens desfilavam no Afoxé Filhos de Gandhi, mesmo a partir de sua fundação oficial em 1949. Interessante, que no Rio de Janeiro, onde foi fundado em 1951, não consta ter havido problemas, e as mulheres sempre desempenharam papel fundamental na organização e no desfile de carnaval.

- *O Samba* – Como Batuques, de ritmos muito semelhantes, ocorreu sempre em âmbito nacional. É inegável, no entanto, que o destaque maior se deu no Rio de Janeiro, com o fenômeno das Escolas de Samba, que se espalhou por quase todo o país. A princípio perseguido e restrito a poucos espaços nos subúrbios e cortiços, além da mitológica "pequena África" do centro da cidade, foi se impondo, numa trajetória que é a mais conhecida como exemplo do êxito da cultura negra no Brasil. Basta referir que, já em 1935 era realizado o desfile das Escolas de Samba do Distrito Federal, com todo o apoio da prefeitura e de órgãos da grande imprensa. Uma nova legislação permitia que aquelas agremiações, que até então só existiam de fato, se registrassem/"legalizassem"... na polícia; assim como as Religiões Afro-Brasileiras.⁸⁵

- *A Capoeira* – Tornou-se conhecida como modalidade de luta corporal (baseada fundamentalmente na agilidade, flexibilidade e destreza dos praticantes), a partir da maior presença de negros (escravos ou não) nas cidades. Sua origem remonta,

⁸³ "A afirmação de raça". VEIGA DOS SANTOS, Arlindo. In *Jornal A voz da raça* (órgão oficial da FNB) nº12. SP. 10.06.1933.

⁸⁴ "O Gandhi vamos prá costa, que o vapor já apitou. Branco tudo tá olhando, quando toca o Agôgô..." Cantiga muito cantada pelo Afoxé filhos de Gandhi, na Bahia e no Rio de Janeiro.

⁸⁵ LOPES, Nei. "O Samba na realidade". 1981. CODECRI. RJ. Simples e preciosa análise da trajetória do Samba no Rio de Janeiro.

provavelmente, às primeiras organizações de Quilombos, ainda nos primórdios da colonização. São lendárias as peripécias das "maltas" de Capoeiristas (muitas vezes como prepostos de políticos influentes e poderosos), assim como a perseguição que lhes era movida pelas autoridades. Ganhou respeitabilidade a partir dos Mestres Bahianos Pastinha (Capoeira de Angola) e Bimba (Capoeira Regional), que organizaram suas academias por volta dos meados do século XX, em Salvador. Hoje é praticada em toda parte do mundo (tal como o Samba) como um símbolo nacional brasileiro. "*De uma luta perseguida, virou esporte nacional.*"⁸⁶

Exemplos notórios de afirmação cultural que, dadas as circunstâncias em que se deram, representaram inegáveis conquistas políticas.

Seria ocioso apresentar mais exemplos de "maiores" e "menores" vitórias – individuais e coletivas – dos "mais escuros", que foram transformando o cotidiano de um sem número de comunidades, além das representações sociais sobre a população negra, em zonas urbanas e rurais.⁸⁷

É comum se falar das origens do sindicalismo e das lutas sociais no Brasil como fatos históricos consequentes à chegada dos imigrantes. Não é isso o que se encontra em Bóris Fausto (1976): "*Em 1908, por exemplo, os portugueses assumiram por via eleitoral o controle da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, durante muitos anos nas mãos de brasileiros negros e mulatos. O episódio provocou um grande conflito na sede do sindicato, na significativa data de 13 de maio, de que resultou um morto, vários feridos e o declínio de membros do sindicato de 4.000 para 200 pessoas*"⁸⁸ E mais: "*à maior homogeneidade étnica da classe operária de São Paulo, com a presença dominante de italianos, não correspondeu um índice organizatório mais alto em comparação com o Rio de Janeiro. Seu significado foi relevante somente em termos de maior influência difusa de ideologias revolucionárias.*"⁸⁹

⁸⁶ Cantiga surgida no Rio de Janeiro, na década de 1970, muito cantada nas Rodas de Capoeira.

⁸⁷ Uma fonte importante são os Boletins internos de algumas agremiações criadas com o sentido de "afirmação da raça". É o caso, entre muitos outros, do Aristocrata Clube, de SP; do Renascença Club, do RJ; do Elite Clube de Uberaba (MG); do Minas Clube, de Além Paraíba (MG); da Sociedade Chico Rei, de Poços de Caldas (MG); do Clube Palmares, de Volta Redonda-RJ...

⁸⁸ FAUSTO, Bóris. "*Trabalho Urbano e Conflito Social(1890-1920)*. 1976. DIFEL. RJ/SP. P. 36.

⁸⁹ Ídem, p. 37

Naturalmente que não é atribuição desse trabalho proceder tal discussão como esse tema merece. Inclusive, questionando as usuais conceituações de lutas sociais, que menosprezam acontecimentos no período da escravidão. Contudo é imprescindível referir à indissociabilidade da presença negra nos processos sociais que, muitas vezes ao largo das proclamações oficiais ou de eventos considerados marcantes para as elites, vêm conformando "a cara" do país e o substrato de uma identidade nacional brasileira.

Um bom exemplo foi a Revolta da Chibata, em 1910. Humildes Marinheiros (é verdade que quase todos mais escuros) se sublevaram, assumiram o comando de embarcações que estavam entre as mais modernas do mundo, na época, e obrigaram o governo e os parlamentares federais a aprovar uma lei que abolia o castigo da chibata a bordo dos navios da Marinha brasileira. Edmar Morel (1978) escreveu um livro clássico a respeito. Esse grande repórter pesquisou aquele fato por muito tempo, enfrentando a pressão das mais altas autoridades militares – particularmente a Marinha tão zelosa da arianidade e nobreza dos seus oficiais – reunindo depoimentos impressionantes e volumoso acervo de documentos, em que se destaca a figura de João Cândido. A rebelião que "pôs de joelhos" as autoridades brasileiras. Dominando a Baía de Guanabara, ameaçaram bombardear a capital e chegaram a acertar um tiro de canhão na igreja da Candelária. Só entregaram de volta o comando dos navios depois de votada a lei que, além de abolir a chibata, concedia anistia aos revoltosos. A chibata não foi mais utilizada, o que rendeu a João Cândido – o grande comandante – a idolatria da marujada; mas quanto à anistia... Os principais líderes foram presos e quase todos assassinados – o que, por si só, diz bem da habitual ética das elites brasileiras. João Cândido sobreviveu a tudo. Foi uma figura humana exemplar. O preço da coragem, da coerência (rejeitou diversas vezes entrar para a polícia, ou fazer acordos com as autoridades para trair a memória daquele episódio heróico), e da solidariedade com seus camaradas, foi a pobreza que (sempre perseguido) amargou até o fim de seus dias, em 1969.

O senso comum, bastante municiado por opiniões superficiais e elitistas abundantes na *mídia* em geral, vem consagrando a visão de que o Brasil não tem um povo preparado para a democracia. É comum uma certa idealização de modelos de

desenvolvimento social, geralmente baseados em experiências de povos europeus, para rejeitar ou menosprezar, desqualificar, os processos sociais caracteristicamente brasileiros, ainda mais que são muito diversificados. Não se trata de estar ou não preparado. O povo constrói (ou não) a democracia.

O primeiro impulso de uma nação saída de um longo período de escravidão, também pode ser identificado através da presença negra nos Movimentos Sociais ou na construção de uma autonomia aberta gerada nas demandas específicas do meio negro, nas primeiras décadas do século XX. Mas essas co-incidências ainda são omitidas, ou referidas (quando o são) muito reticentemente nas análises daquele período histórico. Talvez "*porque o povo não se enquadrava nos padrões europeus nem pelo comportamento político, nem pela cultura, nem pela maneira de morar, nem pela cara.*"⁹⁰

Vale afirmar que sempre haverá lacunas nas interpretações da intelectualidade a respeito da identidade nacional brasileira; até porque esta jamais se dá por definitiva. Sua permanente e volátil redefinição ocorre é na plenitude da *práxis* de todos os seus agentes.

2º Impulso:

Ao longo dos anos 40 as transformações ocorriam de forma acelerada. O país fervilhava com desafios cruciais e as classes dominantes, atravessadas por conflitos políticos intestinos decorrentes da concentração de poderes do Estado Novo, se degladiavam nas formulações de um projeto global de nação. A escassez de capitais e uma estrutura produtiva insuficiente e tecnologicamente atrasada se esforçavam por absorver um mar de mão-de-obra que crescia a cada ano; intensificavam-se os processos de urbanização e industrialização nos maiores centros, em contraste com a imensidão de um território ainda desconhecido; a concentração de terras nos latifúndios causava o início do êxodo rural que, adiante, degeneraria em urbanização caótica em várias regiões do país.

⁹⁰ CARVALHO, José Murilo. "*Os Bestializados*". 1989. Editora Scwarcz. SP. P. 162.

Com o fim do Estado Novo ressurgira a agitação política. São Paulo e Rio de Janeiro se consolidaram como os grandes centros econômicos e políticos e de difusão da "cultura nacional" – o rádio e grandes jornais e revistas promoviam a unificação da nação. Uma incipiente intelectualidade negra partilhava, também, a euforia do "redescobrimto do Brasil", agora ansioso pela vivência democrática. O clima de fermentação social, política e cultural multiplicava a disposição da militância, mas, ao mesmo tempo lhe impunha dificuldades.

A primeira, nas suas próprias "bases": para a população negra a esperança se mostrava um bom investimento. A ampliação da economia e a diversificação da estrutura produtiva gerava expectativas de pleno emprego e crescentes melhorias salariais. As restrições à imigração em massa no início da década de 30 e as medidas de amparo social aos trabalhadores, desencadeadas por Getúlio Vargas começavam a mostrar seus efeitos na estabilização da vida e nas perspectivas das famílias negras urbanas. As manifestações culturais negras de origem, tornadas paradigmas da brasilidade, eram cotejadas por autoridades e deslumbravam setores crescentes das elites; as religiões de matrizes africanas (Candomblé, umbanda e outras designações nas diversas regiões), cada vez mais "bem toleradas", faziam afluir para suas práticas e ensinamentos, percentuais cada vez mais elevados de membros da "boa sociedade". O apelo à harmonia racial era, naquelas condições, irrecusável.⁹¹

Uma outra dificuldade enfrentada pelos militantes negros era o enraizamento, na opinião pública nascente em âmbito nacional graças à abrangência dos jornais e do rádio e à ampliação da escola pública, da idéia do "destino manifesto" do Brasil – nação do futuro, sem guerras civís, sem ocorrências de catástrofes naturais, e, pelo contrário pródiga de belezas naturais e de solo fértil, e outras. E essas idealizações se conjugavam aos mitos fundantes das ideologias de identidade nacional – a cordialidade do brasileiro, a "fábula" das três raças, e outros. O mal estar das ostensivas propostas arianizantes era substituído a contento pela

⁹¹ Não há base sólida para essas formulações sobre a subjetividade da população negra. Alguns indicativos de tal estado-de-espírito seriam o sucesso de incontáveis sambas e outras composições populares – como algumas de Ataulfo Alves e Silvio Caldas – que falavam sempre de um mundo ameno, onde reinava a paz. Mas sabe-se o quanto a arte popular pode se prestar a idealizações, e o desejo e/ou a alienação "das massas" podem incentivá-las. Nesse caso a memória dos mais velhos, as longas conversas de famílias de diferentes regiões, comparando os tempos e as possibilidades, podem ser um bom indicativo.

benfazeja crença (somente manifestada nas intimidades das famílias) na irreversibilidade do branqueamento e na assimilação da população negra e mestiça aos padrões civilizatórios desejáveis; e, enquanto isso, podia-se festejar o exotismo, a plasticidade, a rusticidade, do negro; e deixá-lo mais à vontade... O universalismo assimilacionista contemplava toda essa ambiguidade, e se ajustava à necessidade de se olhar para o futuro, menosprezando problemas, interessados apenas nas soluções. E o modelo era dado pelos referenciais históricos, simbólicos e estéticos da civilização ocidental.⁹²

Ao contrário de arrefecer, essas dificuldades instigavam à intelectualidade negra crítica e insatisfeita. No Rio de Janeiro, em 1944, foi criado um Comitê Democrático Afro-Brasileiro que articulava o conjunto da militância negra mais politizada, com o propósito de engrossar o coro pela redemocratização e atuar com autonomia na Assembléia Nacional Constituinte que se tinha como inevitável. No âmbito da elite negra duas iniciativas marcariam época: O TEN (Teatro Experimental do Negro), sob a liderança de Abdias do Nascimento; e o TPN (Teatro Popular do Negro, que depois virou Teatro Popular Brasileiro), sob a liderança de Solano Trindade.

O primeiro, buscava valorizar o negro e sua cultura através da linguagem clássica do teatro, e se apresentava com direção e elenco negros nas melhores casas de espetáculo. Causou muitas vezes Impacto na opinião pública, como na sua estréia, a 6 de maio de 1945, ao encenar "*O Imperador Jones*" de Eugene O' Neil, no Teatro Municipal, um templo das elites. E mais que isso, se tornou um espaço de promoção de atividades que questionavam fundamente o racismo na sociedade brasileira: organizou, em 1945 no RJ, a Convenção do Negro Brasileiro, e ajudou na organização de outra Convenção em SP, em 1946; em 1949, organizou a Conferência Nacional do Negro, no RJ e o Congresso do Negro Brasileiro, no RJ em 1950, além de inúmeros outros momentos da luta anti-racista no Brasil.⁹³

⁹² Embora essa seja uma interpretação livre é possível encontrar abordagens semelhantes em: ORTIZ, Renato. "*Cultura Brasileira e Identidade Nacional*". 1986. 2ª edição. Brasiliense. Especialmente no segundo capítulo.

⁹³ A melhor fonte dessas informações ainda são publicações dos militantes do próprio Movimento Negro. Abdias do Nascimento se destaca pela produção de volumosa obra onde fala de sua vida e da necessidade do combate "sem tréguas" ao racismo. ""*O Genocídio do Negro Brasileiro*". 1978. Paz e Terra. RJ. E "*Jornada Negro-Libertária*". 1984. IPEAFRO. RJ.

Vale aqui identificar a diferença entre esse Congresso e os Congressos Afro-Brasileiros realizados em Recife (1934), sob a direção de Gilberto Freire; e Salvador (1937), sob a direção de Edson Carneiro e Aydano do Couto Ferraz. Estes, embora fossem pioneiros ao valorizarem o negro como elemento formador da nacionalidade brasileira (sendo combatidos no âmbito das elites por isso); enfocavam o negro meramente como um objeto de estudos. Alguns dos títulos das intervenções apresentadas corroboram essa avaliação: "*O negro no folclore e na literatura brasileira*"; "*Ensaio etnopsiquiátrico sobre negros e mestiços*"; "*As doenças mentais entre os negros de Pernambuco*"; "*Culturas Negras-problemas de aculturação no Brasil*"; "*Influências da mulher negra na educação do brasileiro*"⁹⁴ ... Já o Congresso organizado pelo TEN pretendia ser "*uma iniciativa sem precedentes na história do homem de cor no Brasil. (...) Pretende dar uma ênfase toda especial aos problemas práticos e atuais da vida da nossa gente de cor. (...) Dará uma importância secundária, por exemplo, às questões etnológicas e menos palpitantes, interessando menos saber qual seja o índice cefálico do negro, ou se Zumbi suicidou-se realmente ou não, do que indagar quais os meios que poderemos lançar mão para organizar associações e instituições que possam oferecer oportunidades para a gente de cor se elevar na sociedade*".⁹⁵

O Teatro Popular do Negro pretendia valorizar a Cultura Negra, utilizando cantos e danças de matrizes africanas. Nas palavras de Solano "*pesquisar nas fontes de origem e devolver ao povo em forma de arte*".⁹⁶ Depois de alguns êxitos em apresentações no RJ e estados próximos, o TPN (a partir de uma articulação do Partido Comunista Brasileiro, ao qual Solano era filiado) realizou uma *tournee* pela Europa Oriental, onde enfrentou problemas de infra-estrutura e defecção de alguns membros. Após enormes dificuldades conseguiram retornar mas, ao que parece o grupo não foi mais o mesmo. Criado em 1949, em 1951 alguns componentes

⁹⁴ "*Estudos Afro-Brasileiros*" e "*Novos Estudos Afro-Brasileiros*". 1988. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. Recife. PE. Não se pode, a bem da verdade, associar linearmente os dois Congressos. Edson Carneiro e Aydano do Couto Ferraz eram vinculados ao Partido Comunista Brasileiro, e isso talvez tenha influenciado na seleção ou convite a alguns intelectuais cujos trabalhos eram marcadamente progressistas, o que quase não ocorreu em Recife. Mas mesmo essa diferença quanto à posturas políticas, não impediu a tônica racialista/paternalista/assimilacionista do Congresso de Salvador.

⁹⁵ NASCIMENTO. Abdias. "*O 1º Congresso do Negro Brasileiro*". In *Jornal Quilombo* n° 5. RJ. 01.1950.

destacados se separaram do TPN, se aliaram a um empresário e excursionaram pela América do Sul, pelo norte da África, e pela Europa. Essa teria sido a origem do grupo folclórico *Brasiliãna* que, sem nenhum menosprezo à sua qualidade artística e aos sucessos que obtinha, vez ou outra, aparecia no noticiário brasileiro como envolvido em problemas (exploração de mulheres, documentação irregular, dificuldades de manutenção dos componentes, etc), no exterior.⁹⁷

Em SP, a Entidade Negra de maior apelo junto à militância e que provocou algum interesse no meio negro em geral foi a Associação dos Negros Brasileiros, criada logo após o fim do Estado Novo. Embora sem a pujança da FNB, conseguiu um certo êxito no encaminhamento de algumas propostas antigas do meio negro, e também de algumas demandas junto às autoridades constituídas. Mas era a Imprensa Negra que galvanizava as atenções e "mantinha o nível" (e até melhorando, como o caso da revista SENZALA, que se diferenciou na qualidade editorial e do papel, inclusive com capa brilhosa e estampando fotos). Ela ajudava na disseminação das idéias pelo interior do estado, onde o associativismo sempre foi muito forte, certamente em face da maior presença de imigrantes de várias nacionalidades que, ao constituírem suas associações restritivas, obrigavam a que os brasileiros (e entre esses os negros) também criassem as suas.

As palavras de José Correia Leite expressam bem o momento vivido pelos militantes negros: "*Continuamos na Associação (dos negros Brasileiros) para ver se conseguíamos recuperar o passado, mas estava difícil. Os negros estavam mesmo insensíveis, a mentalidade era outra. No tempo do Estado Novo, o Movimento ficou paralisado e foi formada uma outra mentalidade. Ninguém estava mais a fim de participar desse tipo de Associação...*"⁹⁸ Ele falava do que via em São Paulo, mas o quadro era semelhante em outros lugares onde também houvera engajamento. Há indícios de um esforço de se manter uma articulação nacional de alguns militantes de

⁹⁶ Extraído da sinopse do Enredo "*Solano Trindade – Moleque do Recife*", apresentada por Raquel Trindade "A Cambinda"(filha de Solano), ao GRANES Quilombo em 1978.

⁹⁷ Essas informações eram correntes no seio do Movimento Negro do RJ nos anos 70. Versões semelhantes foram recolhidas em conversas com Maitê...(antiga participante do TPN) e Raquel Trindade; esta por volta de 1976. Em LOPES, H.Theodoro; SIQUEIRA, J.Jorge; e NASCIMENTO, M. Beatriz. "*Negro e Culture no Brasil*". 1987. UNIBRADE. RJ; se encontra versão algo diferente.

diversas regiões com a sigla UHC (União dos Homens de Cor); mas faltam pesquisas que confirmem essas informações. Há muito o que descobrir se forem melhor ouvidas informações dos "mais velhos". É possível afirmar que sempre houve os *batalhadores incansáveis*, os que *mantinham acesa a chama*. No reinício da movimentação nos anos 70 ocorreram alguns "encontros" da velha guarda com os aspirantes a militantes. É verdade que as disparidades de concepções, de expectativas e de "pique" eram abismais. Em São Paulo, os depoimentos denotam proximidade e continuidade entre a velha e a nova geração, pelo menos no início dos anos 70. Aos poucos é que foram se distanciando, por força das novas práticas e novas perspectivas. No Rio de Janeiro não se pode dizer que houve influência de uma sobre outra geração. Foi flagrante o impacto daqueles contatos sobre os mais jovens. Em documentos das novas Entidades Negras que surgiam percebe-se uma certa rejeição às *velhas posturas*, ao estilo de comportamento, às formas de analisar o desenvolvimento da questão racial e das questões políticas candentes à época; mas não há dúvida sobre a importância daquelas informações (novidade, mesmo, para muitos dos novos militantes que nunca tinham ouvido falar de Movimento Negro no Brasil), ainda que fosse para negar aquelas práticas. Por sinal, coisa que a juventude faz sem a menor cerimônia.⁹⁹

Entre os 40 e os 70, custariam a "pegar" as propostas de atuação ostensivamente políticas, se dirigindo aos partidos, aos governos, ao empresariado, às autoridades em geral, reivindicando igualdade, espaços de poder e legislações específicas capazes de atender aos reclames da maioria dos negros. Afinal, participação política "das massas" era (e é, até hoje) o objetivo maior das políticas progressistas, de esquerda (conforme o senso comum); visto por essas forças como o suporte essencial para a vitória sobre as elites tradicionais. Era, portanto, muito mais difícil para os militantes negros alcançarem tal intento. Além das dificuldades referidas acima, a ideologia racial (o mito da democracia racial) atravessava com

⁹⁸ CORREIA LEITE, José, obra citada. p. 148

⁹⁹ Em São Paulo, o Jornal *Árvore das Palavras*, pioneiro entre a militância na década de 70; e o JORNEGRO, lançado ainda em 1978; são boas fontes de comparação das continuidades/diferenças entre as gerações. No Rio de Janeiro, o Jornal SINBA, publicado entre 1977-80. Ilustra bem essa análise, o fato do 1º Presidente da SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil África), a primeira criada no RJ nos anos 70, ter sido o Sr. João Conceição, antigo jornalista e militante negro – ele foi deposto menos de 2 meses depois de ter assumido; foi decisivo para isso a tensão que havia entre ele e o Vice-Presidente, José Ricardo, um jovem de 21 anos.

igual eficácia o amplo leque das forças políticas – da esquerda à direita mais radicais, sendo raros os militantes/dirigentes político-partidários ou sindicais (mais claros e mais escuros), capazes de manifestar apoio *à causa*. As Entidades Negras que brandiam aquelas propostas arrojadas só podiam contar, a rigor, com a abnegação de alguns. Seus recursos quase nulos, precariedade institucional, uma série de estigmas pesando sobre os militantes – muitas vezes até a desconfiança dos próprios *patrícios* – e ainda minados por suas próprias falhas e limitações.

O período conturbado do segundo governo de Getúlio Vargas, seguido das tensões sociais e políticas que se seguiram à sua morte, instauraram tal clima na sociedade, que dificultaram a capilaridade das denúncias e críticas dos militantes negros. Assim, a "euforia nacional" dos "50 anos em 5" do governo JK; a meteórica eleição, posse e renúncia de Jânio Quadros; e a curta "era Jango", quando o país deparou uma encruzilhada histórica, com o amadurecimento acelerado dos conflitos políticos e sociais, e seu fatídico desfecho.

Nas décadas de 40, 50 e 60, em que pese a tenacidade dos militantes mais politizados, as maiores conquistas, no sentido de impor a presença negra organizada e autônoma, e encetar a fixação de uma influência mais e mais ampla, perene e consistente nos interstícios da sociedade, foram os clubes recreativos, familiares, de lazer, de caráter propriamente sociais; e as manifestações culturais e religiosas. Os clubes se multiplicavam em todas as regiões brasileiras. Mais ou menos ostensivamente negros, era "natural" o direcionamento dos mais escuros para "aquele" determinado. Não só porque situados em bairros de maioria negra (às vezes nem era o caso, como o Renascença Club, ou o Palmares de Volta Redonda, ambos situados em bairros de classe média); mas também porque comemoravam o 13 de maio, festejavam José do Patrocínio e a Princesa Isabel, prestigiavam mais o samba e outras manifestações culturais afro-brasileiras... e enalteciam os *valores da raça*.¹⁰⁰

¹⁰⁰ É difícil descrever o entusiasmo – os olhares, as saudações, a alegria, um certo sentimento de vitória coletiva – que se instaurou entre a população negra (e afilhados), com o terceiro lugar de Vera Lucia Couto dos Santos no concurso *Miss Brasil* de 196.. e a sua conquista do 1º lugar no Concurso *Miss Beleza internacional*, em Miami-EUA; e, de quebra, o prêmio de *Miss Simpatia-mais fotogênica*, escolhida pelos jornalistas que cobriam o evento.. Mais do que uma negra típica (com cor, lábios, cabelos, de negra), ela representava um clube de negros: o Renascença Club, do Rio de Janeiro...

3º Impulso:

Se eram patentes as diferenças entre os jovens militantes e a "velha guarda" mais politizada do Movimento Negro, na sua retomada na década de 70, houve também choques com as lideranças tradicionais: dos Clubes Negros e das manifestações culturais e religiosas.¹⁰¹ As características que foram gradativamente assumindo as novas Entidades Negras; a contundência do seu discurso, tanto sobre a questão racial, quanto sobre outras questões nacionais; a presença acentuada de uma juventude ávida de participação; os novos tipos de aliados e de alianças que buscavam; entre outras especificidades, autorizam falar de uma ruptura com os processos anteriores de organização do Movimento Negro, e com o seu procedimento em relação à sociedade, à hegemonia ideológica, à questão do poder.

Também as transformações sociais, econômicas e culturais/ideológicas eram profundas. Grandes levas de migrações rurais em todas as regiões inverteram os índices demográficos: agora viviam em áreas urbanas (ou melhor em aglomerações sub-urbanas sem saneamento básico, e com os mais baixos níveis de qualidade de vida), mais de 2/3 da população brasileira; os investimentos na produção de energia e na infra-estrutura de comunicações e transportes propiciavam um surto de desenvolvimento industrial sem precedentes.

O golpe militar de 1964 iniciara uma virada. Os militares se uniram às elites conservadoras e, com o respaldo de interesses transnacionais, esboçaram um projeto de nação para o Brasil. Apoiados, de um lado, pelo excesso de capitais a juros baixos no mercado internacional; e de outro, por uma bárbara repressão às classes trabalhadoras – com intervenção em sindicatos, prisão e mortes de lideranças, e achatamento salarial. Surgiu assim o controvertido "milagre brasileiro".¹⁰²

Apesar de tudo, entre 1965 e 73 houve, de fato, um incremento nas forças produtivas e do nível de emprego e de qualificação profissional, principalmente nas

¹⁰¹ Em São Paulo, isso fica claro na questão da política eleitoral. Era tradicional a eleição de candidatos negros com respaldo do meio negro. Os novos militantes rejeitaram inteiramente as práticas dos parlamentares negros de então. Há casos de êxito de novos parlamentares negros vinculados ao Movimento, mas também continua a eleição de outros graças às formas tradicionais, passando ao largo da nova militância.

grandes cidades. Simultaneamente, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (a Lei 5. 692/71), procurava responder tanto às exigências de qualificação de mão-de-obra para aceleração da economia e do desenvolvimento; quanto às pressões da sociedade por mais verbas e oportunidades educacionais.

Foi bom para uma grande parte da população negra tradicionalmente fora da escola, vivendo no subemprego, demandando a ampliação do mercado-de-trabalho – a imigração européia já não era possível como antes... O "milagre brasileiro" favoreceu o segundo avanço na integração do negro à sociedade de classes – o primeiro ocorrera com a "Lei dos 2/3" em 1930 – e abriu espaços para os mais qualificados que pressionavam por ascensão social.

Até os anos 50 a estratificação sócio-racial se caracterizava pelo que Costa Pinto chamou de "*contorno muito pouco piramidal...como um vértice minúsculo, separado por um segmento médio muito débil, de uma vasta e volumosa base*".¹⁰³ A partir do "milagre", com a maior presença de negros na classe média estavam dadas as condições para o agravamento dos conflitos nas relações raciais. Espaços até então "reservados" para os mais claros eram "invadidos" pelos mais escuros: cursos de nível superior (principalmente os noturnos particulares); algumas profissões liberais; centros culturais e de lazer, e outros.

Uma das crenças que se vinculava ao mito da democracia racial era sobre o caráter temporal do preconceito racial. Este seria um resquício do passado escravista; com o desenvolvimento da sociedade, *o negro cumprindo a sua parte*, a integração seria natural, eliminando aos poucos as desigualdades raciais.¹⁰⁴ Carlos Hasenbalg (1979) viu de outra forma: "*Como ideologia e como conjunto de práticas cuja eficácia estrutural manifesta-se numa divisão racial do trabalho, o racismo é mais do que um reflexo epifenomênico da estrutura econômica, ou um instrumento conspiratório usado pelas classes dominantes para dividir os trabalhadores. Sua persistência histórica não deveria ser explicada como mero legado do passado mas*

¹⁰² Análise simples em linguagem direta das contradições do modelo econômico brasileiro nesse período pode ser encontrada em: CUPERTINO, Fausto. "*A concentração da renda no Brasil*". 1976. Civilização Brasileira. RJ; ou FURTADO, Celso. "*O mito do desenvolvimento econômico*". 1974. Paz e Terra. RJ.

¹⁰³ COSTA PINTO, Luiz Aguiar. "*O negro no Rio de Janeiro*". 1952. Cia Editora Nacional. P. 83

como servindo aos complexos e diversificados interesses do grupo racialmente supraordenado no presente"¹⁰⁵. A tese de doutorado de Carlos Hasenbalg, publicada em 1979, pode ser considerada um marco nos estudos acadêmicos que questionaram de maneira consistente a *tese dos arcaísmos*. O fato é que tal crença desmoronava (também aos olhos da população) com a sucessão de denúncias veiculadas pelos meios de comunicação. De certa forma havia surpresa, tanto em relação à "novidade" dos mais escuros (que não fossem atletas ou artistas famosos) em locais e em condições de igualdade (de qualificação profissional, de postura pessoal, "bem" vestidos, com o mesmo nível de consumo, etc), quanto na ocorrência regular – e nas denúncias – de discriminação.

As reações mais comuns da classe média branca (ou branca por auto-definição, na feliz expressão de Darcy Ribeiro) era de constrangimento, incômodo, mal estar; mas houve também hostilidade e momentos de confrontação. Esse tipo de situação fazia aflorar o sentimento de insatisfação tanto tempo latente em muitos negros. Esse parece ter sido o contexto em que surgiram os primeiros grupos de negros abertamente contra o racismo e politizando a questão racial.¹⁰⁶

Havia, além dessas condições internas e fundamentais, por assim dizer, do meio negro (a segunda "onda" de absorção de mais negros no mercado de trabalho, e o aumento das suas possibilidades de instrução e qualificação profissional), uma série de aspectos conjunturais que favoreciam a nova arrancada do Movimento Negro:

- O início dos anos 70 marca o auge da ditadura militar, o momento em que se consolidava a sua vitória sobre a luta armada que a fustigava desde 1965-6. Desde 1969, com o Ato Institucional nº5, vivia-se o colapso das liberdades democráticas, com o refluxo das práticas políticas convencionais. Havia, portanto, mais liberdade de atuação para movimentos sociais que não fossem abertamente políticos, pelo menos na forma como eram vistos naquele momento pelo regime militar.

¹⁰⁴ Essa crença era corrente no senso comum, mas apresentava-se elaborada nos estudos de relações raciais da chamada "Escola Paulista", com Florestan Fernandes à frente.. Florestan Fernandes, no "*Circuito Fechado*" de 1976, citado, já havia sinalizado para a revisão dessa tese.

¹⁰⁵ HASENBALG, Carlos. "*Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*". Obra citada. p. 118

¹⁰⁶ Ver "*Relatório final da I Convenção do Movimento Negro*". Realizada em 1982 na sede do IPCN, no RJ, com a presença de militantes de 12 estados brasileiros.

- Outro fato era o interesse político do regime vigente em manipular o apelo popular das manifestações culturais de matrizes africanas. *"A sua tenaz resistência alcançava a consagração. Sua legitimidade histórica e "pureza ideológica" foram entronizadas como símbolos da nacionalidade, com o beneplácito interesseiro da ditadura militar"*.¹⁰⁷ Se houve manipulação ideológica da parte do sistema de poder, houve também a sensação de vitória de toda Cultura Negra, que via coroada de êxito a sua resistência secular. Apenas como comentário: é importante frisar que a manipulação ideológica pode ser revertida, o que vem sendo feito; mas é impossível reverter a consagração daquela Cultura, e o orgulho, a elevação da auto-estima, o estado de ânimo, a força, adquiridos pelos seus filhos e afilhados.

No plano internacional a década de 70 contemplava a aura de heroísmo das grandes lutas libertárias da década anterior – a guerra do Vietnã, o "espírito" irredentista da juventude dos *Maio-68* e da *Primavera de Praga*, que da Europa se propagou pelo mundo; a saga da Revolução Cubana e o martírio final de *Ché Guevara*...

Mas para os brasileiros afrodescendentes havia dois processos históricos de grande envergadura que lhe diziam especial respeito: a descolonização africana e a luta dos negros pelos direitos civis no EUA.

- *"A África emergira da noite colonial durante a década de 60. Dezenas de países africanos alcançaram, sucessivamente, suas independências, após mais de meio século de domínio europeu, provocando euforia em toda a diáspora negra. Havia, sem dúvida, um regozijo não apenas entre negros (tornou-se comum o apelido de Lumumba – líder do povo do Congo, assassinado em 1961- mas também dos que vivenciavam as manifestações culturais e as religiões de matrizes africanas – a maioria da população brasileira. Os mais bem informados deliravam com os crescentes e espetaculares êxitos das lutas armadas*

¹⁰⁷ PEREIRA, A. M. *"Emergência e Ruptura – uma abordagem do Movimento Negro na sociedade brasileira"*. Palestra proferida no Seminário *"A dinâmica interna do Movimento Negro"*. 3-5.11.1999. Pró-Reitoria de Extensão-UFF. Niterói. RJ.

de libertação em Angola, Moçambique e Guiné-Bissáu/Cabo Verde".¹⁰⁸ Fannon, N'krumah, Mandela, Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Samora Machel, eram nomes que instigavam o pensamento e a ação dos militantes negros brasileiros.¹⁰⁹

- Martin Luther King foi, inquestionavelmente, o maior símbolo das lutas dos negros norte-americanos – especialmente pela sua pregação da não-violência incondicional, que lhe valeu o prêmio Nobel da Paz em 1963. Seu assassinato em 1968 alcançou extraordinária repercussão comovendo povos de todo o mundo.¹¹⁰ O assassinato de Malcom X em 1964 também teve repercussão mundial. A sua combatividade evoluíra e ganhara consistência a partir da militância no âmbito dos Muçulmanos Negros; mas próximo da morte sua pregação adquiriu autonomia e dimensão nacional e internacional. O *Black Panther* também alcançou repercussão mundial, principalmente com a radicalização da sua postura política, após o assassinato de Luther King. Suas lideranças mais visíveis viriam a ser quase totalmente exterminadas pelo FBI. Outro grande exemplo de impacto mundial foi a vitoriosa carreira de campeão mundial dos peso-pesados de Muhamad Ali (Cassius Clay). Sua postura sempre ativa tomou novo sentido quando, convocado para a Guerra do Vietnã, preferiu a prisão do que lutar contra seus "irmãos vietnamitas".

Mas havia também dificuldades no caminho do Movimento Negro que ressurgia.

A empolgação nem sempre cobria as deficiências na formação dos novos militantes. O longo refluxo das práticas políticas tradicionais, se trouxe uma

¹⁰⁸ PEREIRA, A. M. *Três impulsos para um salto – trajetórias e perspectivas do Movimento Negro Brasileiro*. 1998. Monografia de final do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África. CEAA-UCAM. RJ. P. 21

¹⁰⁹ São incontáveis as referências a esse respeito em jornais de Imprensa Negra nos anos 70 e 80. Em 1974 foi massiva a presença de militantes do ressurgente Movimento Negro na solenidade em comemoração à independência da Guiné-Bissáu/Cabo verde; realizada no Centro de Estudos Afro-Asiáticos. O IPCN realizou, uma solenidade na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), na data da independência de Moçambique – 25 de junho de 1975. A SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil-África) organizou um ciclo cultural que se realizaria na UERJ na data da independência de Angola – 11 de novembro de 1975. (Esse evento foi vetado à última hora, pela reitoria, sem justificativa oficial, quando já contava com adesão de inúmeros grupos de manifestações culturais, com sindicalistas e representantes de outras forças sociais).

¹¹⁰ No Brasil, Herlon Chaves e Wilson Simonal fizeram extraordinário sucesso com a canção "*Tributo a Martin Luther King*", em 1969.

vantagem deixando o "campo livre" para ações sociais menos visadas, legou também o problema da inexperiência. Os novos militantes (com raríssimas exceções) se desdobravam na aprendizagem das questões mais elementares de organização e frente à necessidade de pensar as questões específicas da emergência do seu Movimento. As Entidades que criavam, inicialmente eram débeis financeira e institucionalmente, propostas de trabalho sem esquemas operacionais, poucos a "segurarem" realmente as responsabilidades de organização. A força e a determinação que os impelia levou-os a criar, "*fazer os caminhos caminhando*". No início dos anos 80 se multiplicavam em todo o país as Entidades Negras que se definiam estatutariamente pelo combate ao racismo e a toda sorte de discriminação.

No Rio de Janeiro, em São Paulo, na Bahia, e no Rio Grande do Sul, locais onde houvera mais ativismo nas décadas anteriores, os novos militantes pouco contaram com a ajuda dos "mais velhos". Muitos, entre os mais politizados estavam desestimulados, enfrentavam problemas pessoais, familiares, além da defazagem de idéias e de "pique" para ação. Entre os mais notórios, Abdias do Nascimento, um dos poucos que persistira, se encontrava em exílio voluntário nos EUA, de onde voltaria com toda força no início dos anos 80; Solano Trindade falecera em 1973, em grande parte vítima de desgosto¹¹¹; Seu José Correia Leite também se afastara, já em idade avançada e com saúde débil; Seu Henrique Cunha priorizava a família e a dedicação à profissão de projetista, na qual vencera e se aposentara; Seu Raul Joviano do Amaral se recolhera à direção da Irmandade do Rosário, embora vibrante como sempre...¹¹²

É essencial a realização de pesquisas que rastreem a trajetória dos militantes mais abnegados até os anos 70. Com certeza teriam muito a informar sobre as causas do hiato na atividade militante, não só de tempo como de postura, de perspectivas. Além de trazer à tona exemplos de vidas devotadas à uma causa que, no seu tempo,

¹¹¹ Seu filho, Liberto Trindade, fora assassinado. Segundo informação de Raquel Trindade, sob tortura na Vila Militar, no Rio de Janeiro, logo depois do golpe militar. Solano se "exilara" no Embu – à época um pequeno lugarejo próximo à capital paulista. Era já um lugar com certo prestígio graças à produção artística de um grupo de artesãos. Durante algum tempo, até ser trazido já irremediavelmente doente para o Rio de Janeiro, por Margarida, a companheira de sempre; Solano iria contribuir para o surgimento de um Movimento Cultural de grande pujança na região.

¹¹² Essas descrições são parciais. Se baseiam em informações colhidas na vivência militante, às vezes direta, às vezes indiretamente. O registro, mesmo superficial, pode ajudar a outros que se interessem na reconstituição dessa fase da história do Movimento Negro.

era considerada perdida. Através dessas pesquisas se poderia iluminar um pouco mais a dimensão humana que particulariza a constituição do povo brasileiro.

Em Clubes de Negros (outrora importante espaço de resistência) vigorava uma certa acomodação ao *lugar de negro*, às lutas por pequenas concessões, aos pequenos êxitos, à manutenção das próprias conquistas (às vezes sede própria, pequenos esquemas empresariais ou de empregos, e outras); nas manifestações culturais e religiosas (onde, apesar de descaminhos, sempre pulsa o vigor das matrizes africanas), era difícil discutir, mesmo com as lideranças, sobre o caráter limitado daqueles avanços – afinal viviam o seu grande momento, seduzindo (e se deixando seduzir) pelos netos e bisnetos dos que as hostilizavam ainda há pouco. Em alguns lugares, como no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, galgavam rapidamente a condição de produto de exportação, e da maior importância junto à indústria do turismo.

Essas práticas sociais do meio negro, foram de fundamental importância como fator de agregação, de circulação de idéias, de resguardo de identidades, e até de encaminhamento de reivindicações sociais de suas comunidades junto às autoridades constituídas.¹¹³ Como atravessar imunes tamanha sorte de desafios e responsabilidades, face a um sistema de poder e de valores com tamanha "margem de manobra"? Não poderiam ser portadores da história para sempre. Quais seriam os seus papéis adiante?

Também não foi fácil constituir alianças junto a outros setores dos Movimentos Sociais. À "direita" era fácil manter as ligações, desde sempre baseadas no paternalismo, na concessão de espaços subalternos e restritivos, no acordo tácito da "invisibilidade" – era só manter a postura "conveniente a todos", de discrição e disponibilidade. Mas à "esquerda" a *práxis* dos novos militantes gerava muitas tensões. O universalismo, significado como igualitarismo, sempre foi uma concepção básica na política de esquerda. Muitos entre os novos militantes negros se afinizavam também com as propostas do *movimento da resistência democrática* (esforço de

¹¹³ Como exemplo pode-se citar a conhecida atuação da Escola de Samba *Azul e Branco*, precursora da atual *Salgueiro*, que, liderando a comunidade, barrou na justiça a ordem de despejo contra todos os moradores do Morro, que o suposto proprietário Emilio Turano havia conseguido.

articulação e práticas no âmbito da legalidade de oposição – o MDB – em alguns sindicatos, no Movimento Comunitário, e em outras iniciativas eventuais). E procuravam partilhar suas novas preocupações e formulações, e constituir alianças nesse âmbito. De início eram rechaçados com veemência na desmistificação, que tentavam promover, ao mito da democracia racial, caro também à militância das "lutas gerais" (assim designadas em oposição aos *particularismos*). Eram tachados de *divisionistas* "os companheiros vão dividir o proletariado". Eram comuns argumentos desse teor.

Seriam necessários muitos debates, muita tenacidade para que se colocasse a questão racial em pauta, para que ela pudesse ser discutida para além dos chavões que faziam a fortuna da ideologia racial dominante. Houve mesmo momentos de confrontação, de questionamentos contundentes em importantes reuniões públicas, nas quais se buscava rearticular a esquerda.¹¹⁴

Em meio a tantas exigências de superação, a constituição das novas Entidades Negras nos seus aspectos políticos, ideológicos, institucionais, era talvez, o que mais apresentava a necessidade de Criação. Ainda mais que a sua composição punha em confrontação as clivagens de classe, de grau de instrução, de formação, experiência e perspectivas profissionais e políticas. E como menosprezar as vicissitudes geradas pelos dramas íntimos de cada um, empenhados individualmente (ansiando que também fosse coletivamente, para se atenuarem as dores) no processo iniciático¹¹⁵ de "tornar-se negro"?¹¹⁶

¹¹⁴ Alguns desses militantes se especializaram na "produção" desses "escândalos". Vale citar as reiteradas intervenções do militante negro Olímpio Marques dos Santos – hoje, patrono de um CIEP da rede municipal de Educação, em Santíssimo. Ele que era respeitado pela sua coragem e combatividade (fora militante do PCB, sofrera prisões – uma vez mobilizando desproporcional aparato militar no subúrbio onde morava, Realengo – e se mantivera sempre firme em inúmeras campanhas). Olímpio não admitia o cerceamento do seu discurso racial e a não contemplação de suas propostas enfatizando a existência do racismo na realidade brasileira. Foi um momento emocionante (ele se encontrava muito doente e logo depois viria a falecer), e que valeu como auto-crítica de muitos "companheiros", o lançamento do seu livro "*Negro Liberta-te*", na Câmara de Vereadores do RJ – com a presença, entre outras eminentes personalidades, de Luiz Carlos Prestes.

¹¹⁵ No sentido de se renascer, se reinstaurar, a partir do seu próprio esforço e nas condições disponíveis.

¹¹⁶ Pioneira, original, visceral a abordagem acadêmica (dissertação de Mestrado) de SANTOS SOUZA, Neusa. "*Tornar-se Negro*". 1983. GRAAL. RJ, a respeito das questões psicológicas que afetam, de maneira intrínseca, a construção da personalidade, da identidade, dos referenciais, particularmente dos negros em ascensão social. Para aprofundar os aspectos psicológicos inerentes à condição do negro no "mundo dos brancos": FANNON, Franz. "*Peles Negras-Mascaras Brancas*". Sem data. Livraria Paisagem. Porto. Portugal.

Até a constituição do Movimento Negro Unificado, em 1978, as Entidades Negras seguiam (ou tentavam seguir) os modelos institucionais à disposição. Eram, no entanto, flagrantes o descompasso entre os objetivos estatutários, as formulações programáticas, as condições operacionais e as práticas efetivas dos grupos. Havia clareza, contudo, sobre a *"necessidade de se lutar contra o racismo e pela valorização do negro e da cultura negra na sociedade brasileira."*¹¹⁷ É que a sua composição, mesmo que a partir de diversidade pessoal, se dava num âmbito restrito em que era mais fácil administrar os conflitos. As novas características e o grau de politização da questão racial introduzidos pelo advento do MNU, pôs em questão as propostas, os procedimentos, e a própria viabilidade dos grupos que surgiam.

A partir de 1978-9 e ao longo dos anos 80, houve migrações de componentes de diversas entidades para o MNU e vice-versa. Apesar da força do nome (que lhe trazia uma "aura" – para o público externo – de amplitude, de totalização), logo o MNU foi se configurando como uma nova Entidade. Aos poucos foi se mostrando inconsistente a proliferação de grupos e Entidades que ocorria no início dos anos 80. Foi se dando uma "acomodação natural", com fusão de grupos e/ou atividades mais articuladas que conseguiram manter o "pique", a densidade, das propostas e ações do Movimento.

É importante uma rápida digressão resumindo a importância do MNU. Internamente (no âmbito da nova militância e junto às lideranças das manifestações culturais e religiosas), o MNU causou enorme impacto, porque além da rejeição ao *lugar de negro* (questionando, portanto, a acomodação da "Cultura Negra" – o que as novas Entidades já vinham procedendo), passou a vincular a questão de classe ao discurso racial; e a atuar desabridamente nas articulações e nas manifestações pela anistia, na política eleitoral e nos Movimentos Sindical e Comunitário. Nos outros grupos e Entidades também havia aqueles que atuavam nas "lutas gerais", mas eram opções individuais. O MNU, ao contrário, atuava ostensivamente. O comparecimento de seus militantes e suas propostas junto a outros setores do Movimento Social eram

¹¹⁷ Esse era um pensamento recorrente no seio da militância do Movimento Negro, dos anos 70, até os finais dos 80. Pode-se encontrar alusões a respeito nos Jornais da Imprensa Negra à época: SINBA (RJ); JORNEGRO (SP); na Revista TIÇÃO (RS); todos nos anos 70. A citação é parte da definição de Entidade Negra adotada nos documentos do I ENEN (Encontro Nacional de Entidades Negras), 1991, SP.

deliberadas democraticamente, e as responsabilidades assumidas, o eram em nome da Entidade.

Se entre as lideranças das manifestações culturais tal postura era vista como extremista, mesmo no seio da nova militância, ao que parece, não havia nível de politização para "acompanhar" aquele ritmo. Por outro lado, aquelas características tornavam o MNU mais "palatável" para as forças de esquerda – o que não quer dizer que houvessem sido superadas as resistências à ênfase na questão racial e à desmistificação do mito da democracia racial. A própria admissão do MNU como sujeito, com autonomia nas interlocuções, era objeto de controvérsias, não sendo poucas as reclamações de seus militantes contra o "paternalismo", a omissão (e mesmo racismo) no comportamento da esquerda.¹¹⁸

O MNU pela força com que se instituiu, preconizando a intervenção (com perfil de "esquerda") nas lutas políticas "gerais", com a convocação de manifestações de rua em datas marcantes, além da radicalização do discurso que já vinha caracterizando as novas Entidades e grupos na década de 70, alcançou visibilidade política inédita; no bojo do "clima" das mudanças que vinham ocorrendo na sociedade e que contribuíram para os novos sentidos sobre a questão racial. Foi um "divisor-de-águas", é inquestionável esse mérito. Há, apesar disso, controvérsias, na própria "esquerda" do Movimento Negro, a respeito de um possível sectarismo da política do MNU. Sua radicalidade teria atropelado os processos "delicados" de alianças com as lideranças tradicionais do meio negro e de formulação mais consistente de um pensamento negro capaz de "chegar junto à massa"; e ao mesmo tempo se impor mais facilmente perante os outros setores do Movimento Social.¹¹⁹

¹¹⁸ No texto: "*Emergência e Ruptura*", de PEREIRA, A.M, citado, é comentada a análise de Eder Sader sobre os Movimentos Sociais na década de 70 como "*Novos personagens que entram em cena*". Nela, o autor – um dos mais agudos entre a intelectualidade acadêmica engajada – não cita (como se desconhecesse) a emergência do Movimento Negro em São Paulo; este, no entanto, fermentava mais ou menos nas mesmas áreas da grande São Paulo, nas mesmas classes sociais; e envolvendo, muitas vezes, os mesmos militantes. É possível encontrar reflexões desse teor em: GONZALES, Lélia e HASENBALG, Carlos. "*Lugar de Negro*". Marco Zero. RJ. 1981. O texto de Lélia – militante destacada nos primeiros momentos do MNU – descreve a trajetória de instituição da Entidade e toca nas dificuldades aqui referidas.

¹¹⁹ Ver os Jornais SINBA nº 2 e 3, de 1979. Em PEREIRA, A.M. "*Três impulsos para um Salto – trajetória e perspectivas do Movimento Negro*". Citado, também se encontra essa discussão.

O pós 1988 – a "ressaca" de tantas atividades e exposição da questão racial, da cultura negra e temas correlatos na *mídia* em geral, e em todos os setores da sociedade, foi parcialmente atenuado pelo processo de organização do I ENEN (Encontro Nacional de Entidades Negras, entre 89 e 91). Mas naquele momento já era possível entrever os limites da ação voluntarista, abnegada, que fora, talvez, a marca mais sensível naquelas quase duas décadas de incremento do Movimento Negro estrito senso. Se por um lado a sua intervenção restringira, em todos os setores da sociedade, a "liberdade" de se falar "qualquer coisa" e "de qualquer maneira" sobre a questão racial e a Cultura Negra – agora corria-se o risco de, em qualquer lugar e momento, ser chamado de racista; por outro lado, foi ficando claro que as mensagens de contestação que ele difundia, e a variedade e intensidade das iniciativas que elas geravam, fugiam ao seu controle.

As respostas à mobilização promovida pelo amplo leque de articulações que constituiu o processo de organização da *Marcha contra a Farsa da Abolição*, em maio, no Rio de Janeiro, pode ser um bom exemplo:

- De um lado, a afluência de mais de 15 mil pessoas – surpresa até mesmo para alguns do Comando da Marcha, em que pese a inédita capilaridade da ação dos Comitês do Movimento Negro (instâncias de mobilização e organização, que passava ao largo da institucionalidade, dos medos e dos "freios" das Entidades); de outro, a presença de um aparato militar repressivo que não se via no centro da cidade desde os momentos iniciais da implantação da ditadura militar nos anos sessenta. Se aquela "massa" – maioria negra, mas grande número de não-negros solidários – se manteve firme apesar de cercada por soldados do exército (com cães, baioneta calada, e visível indisposição/constrangimento) e da polícia militar que, por sinal, montaram postos de triagem nos principais terminais de trens, ônibus e barcas, de acesso ao centro, intimidando quem chegava para a manifestação, e prendendo até alguns mais aguerridos; os militares, por sua vez, mostraram com aquela absolutamente desproporcional manifestação de poder, o quanto aquele tipo de iniciativa militante – que lograra superar todo tipo de pressões, tanto internas (algumas Entidades e personalidades negras eram contrárias e outras "demoraram" a investir); quanto externas (insinuações,

tentativas de intimidação policial contra militantes, intervenção direta de autoridades, permanente contra-informação por *mídia*), para que desistisse "*daquele percurso* (Candelária-Central do Brasil), e *daquela radicalidade*" – feria questão tão sensível para o sistema de poder.¹²⁰

No início dos anos 90 vai ficando claro um quadro de modificações no perfil institucional e nas características da militância do Movimento Negro – a Onguização de Entidades Negras (profissionalização de quadros, especialização em determinadas áreas de atuação: educação, direitos humanos e violência, saúde, etc; a sua dependência dos recursos da cooperação internacional e de eventuais apoios de governos e Entidades da sociedade civil; e a conseqüente perda de espaço e importância do voluntário, amador, do *fazer como e quando se puder*). Terá sido um refluxo espontâneo da participação devido a desgaste, repetitividade, de idéias e ações, e à escassez de novos quadros, que favoreceram a hegemonia dos profissionais? Ou essas modificações se impunham devido a novas exigências com que deparavam as Entidades Negras, agora com maior visibilidade e sendo multiplicadas sobre si, as demandas sociais de informações, atividades e intervenções; as necessidades/possibilidades de ocupar espaços junto a articulações mais amplas na sociedade (partidos políticos, órgãos e funções governamentais, mandatos parlamentares, sindicalismo, campanhas políticas, etc); e capacitação para gerenciamento de recursos e projetos, entre outras? É possível que ambas as situações tenham convergido. O que parece inquestionável é a ocorrência de um *Salto* institucional no âmbito do Movimento Negro estrito senso.

Até que ponto essa nova circunstância vai se efetivar em transformações políticas, via medidas de Ação Afirmativa (de variados tipos e abrangência) ou outras, vai depender de pelo menos três fatores: a seriedade, o aprimoramento na qualidade e na habilidade da intervenção das ONGs e alguns quadros negros de prestígio (acadêmicos, profissionais liberais, parlamentares, funcionários graduados, e

¹²⁰ Desnecessário se estender, neste trabalho, sobre a riqueza daquele momento – que se tornou a referência para todo o Movimento Negro Brasileiro, e alcançou inédita repercussão nacional e internacional – constante já em trabalhos anteriores do autor (*Três Impulsos para um salto*, citado), em diversos outros artigos de militantes e outros intelectuais, e largamente documentado nos grandes jornais brasileiros do dia 12.05.88.

outros atores), presentes no contexto; do grau de sensibilidade/solidariedade que se consiga extrair dos *parceiros no outro lado das mesas de negociações*, e de parte dos setores hegemônicos da sociedade civil; do nível de maturidade alcançado pela consciência social difusa a respeito da discriminação e das desigualdades raciais. E de mais uma questão fundamental: como esse contexto de articulações e possibilidades delineados nos escalões mais elevados se relaciona com as instâncias mais e menos formais – personalidades de prestígio (educadores, médicos, policiais...), lideranças de bairros, de pequenas associações, de manifestações culturais... – instituídas como *canais de acesso "à massa"*? Ou será possível/conveniente/eficaz "cair de paraquedas", por força de *mídia*, de legislação pura e simples, sem qualquer *negociação com esses setores de baixo*?

A condição de pesquisador conta com o benefício do tempo. As conquistas do Movimento Negro sentido amplo nas duas últimas décadas do século XX – a questão racial é muito mais difícil de ser escamoteada; a nova consciência e postura presente no meio negro sobre seus valores e importância na construção da nacionalidade; o impulso para um revisionismo nas Ciências Sociais, em relação à questão racial, difícil de ser contido... – não foram pequenas. E permitem dizer que suas falhas e debilidades foram menores do que a sua capacidade de intervenção. A partir dela não é mais possível se mistificar a intensidade e onipresença do racismo que tem permeado a construção da democracia e de uma (ou de múltiplas?) Identidade Nacional Brasileira.

3ª PARTE

METÁSTASE

*"Em qualquer lugar onde haja injustiça,
isto constitui um perigo à justiça.
Estamos presos a uma teia irredutível de mutualidade,
atados numa só peça do destino.
O que atinge a um, diretamente,
Atinge a todos indiretamente"*

Martin Luther King Jr

(Carta da Prisão de Birmingham – 16.04.1963)

Cultura de Consciência Negra

*"...A memória é, frequentemente, inimiga da invenção, inimiga do novo.
Esquecer é, nos dias de hoje, a primeira condição
para avançar intelectualmente.
Ser intelectual é exercer diariamente
rebeldia contra conceitos assentados,
tornados respeitáveis, mas falsos."*

Milton Santos

(A era da inteligência baseada na máquina).

*"Plantaram o meu corpo no engenho,
mas os meus ideais estão florindo nas cidades."*

Feliciano Pereira (Candeinha)
(Engenho, Quilombo...Liberdade)

Os desafios para o Movimento Negro não dizem mais respeito exclusivamente às suas próprias dificuldades e perspectivas. Nos anos 90 parecem ter alcançado o limite as suas possibilidades de contar principalmente com suas próprias forças para fazer avançar a Luta Contra o Racismo. Pode, então, estar se reproduzindo, nesse momento, fenômeno semelhante ao que Florestan Fernandes viu como um impasse do qual teria (em sua concepção) resultado a derrota do Movimento Negro ao final do seu primeiro impulso, nas décadas de 30 e 40;¹²¹ a saber, a incapacidade do Movimento "ferir" a sociedade, torná-la permeável à crítica das ideologias raciais e às demandas da população negra. (Se bem que mesmo essas não eram lá muito definidas. Apesar do abismo das desigualdades materiais e das estratégias eugênicas das elites, sempre houve uma certa ambiguidade, cautela, na abordagem pública da questão racial, fosse pelos que auferissem vantagens, ou pelos que observassem prejuízos, sendo raros os militantes, de um e de outro lado, que pregassem ostensivamente as suas convicções).

O Passado remoto é um desafio

O pensamento conservador ainda é hegemônico na interpretação da história do Brasil. Os negros ainda são apenas os escravos e estes, coisificados, não têm nada a dizer na organização da sociedade, na produção de cultura, na configuração da nação. Para a maioria das pessoas o que vale são os papéis cristalizados e perfeitamente lineares – as elites (os governantes, o clero, o funcionalismo – incluindo a oficialidade militar – e a família patriarcal); os capatazes, os feitores, e a

escravaria. Nenhuma alusão a pequenas flexibilidades, imprescindíveis aos ajustes e equilíbrio sociais numa sociedade que se construía a milhares de quilômetros e a meses de distância do seu (pretensão?) centro de poder, como era o caso da sociedade colonial no Brasil; nem às modificações econômicas, políticas, culturais e sociais decorrentes do aumento e amplo mestiçamento da população, dos êxitos e fracassos dos núcleos e ciclos de produção escravista, de pequenas inovações e/ou adequações tecnológicas, da diversificação da produção, do avanço das fronteiras em direção ao interior do território e incorporação (principalmente como escravos) de populações indígenas. Isso até a vinda da família real, quando se aceleraram e generalizaram as mudanças.

No que toca especificamente à população negra, passam longe da visão da maioria os resultados de pesquisas arqueológicas e outras, que obrigam à reformulação da maioria das caracterizações depreciativas sobre a história do continente africano; ou das informações de que já no século XVII os escravos do eito (os que só mudavam de *status* pela fuga) não passavam de $\frac{3}{4}$ da escravaria; $\frac{1}{4}$ eram empregados em algum tipo de serviço que lhes favorecia alguma flexibilidade e iniciativas próprias no cotidiano do regime escravista; além das recentes pesquisas que indicam que a rebeldia negra – o aquilombamento, as guerrilhas, as conspirações – não eram meramente tópicos, sendo, ao contrário, importante agravante nos custos e na qualidade de reprodução do modo de produção colonial-escravista.¹²² Não era incomum a existência de pretos e mestiços alforriados e de vasta população "de cor" livre. Além disso, e ao contrário da crença generalizada de que os negros não passavam de "fôlegos vivos", era essa "massa" mais escura, a principal responsável pelas contruções e pelo artesanato em argila, madeira, couro, tecidos e metais.¹²³ A presença do negro e do mulato em condições "superiores" à de escravo ganhou relevância à medida que se formavam e desenvolviam centros urbanos. Aí seria

¹²¹ FERNANDES, Florestan. "A integração do negro à sociedade de classes". 1964. Fac. Fil. Ciências e Letras. USP. O capítulo 4 é o que melhor evidencia aquela avaliação.

¹²² Sobre a importância da rebeldia negra existe, hoje, farta bibliografia. Pode-se destacar, pelo seu pioneirismo: MOURA, Clóvis. "Rebeliões na Senzala". 1972. 2ª edição. Ed. Conquista. RJ; e, pela sua densidade e abrangência: GORENDER, Jacob. "O Escravismo Colonial". 1988. 5ª edição. Ática. SP.

¹²³ Essa caracterização sumária se encontra nas obras clássicas de Varnhagen e de Perdígão Malheiros; está presente, também, na primeira obra de Gilberto Freire, "Casa Grande e Senzala".

criada a categoria de *negros ao ganho*, tão bem estudada, no Rio de Janeiro, por Marilene R. Nogueira da Silva-1989.

Todavia, só a indiferença, a inércia (e a vontade de permanecer indiferentes e inertes), pode levar a maioria dos professores de história a desconhecerem ou menosprezarem os novos conteúdos à disposição nesse âmbito. Se é necessário criticar e mesmo denunciar a falta de interesse e vontade política na implementação de programas de estudos de formação continuada; assim como o crescente desinvestimento nas instâncias e atividades propriamente educativas (apesar das reiteradas proclamações de autoridades educacionais em todos os níveis de governos, sobre a "importância da melhoria da qualidade da educação para o futuro da nação"); deve-se, também, questionar um certo conformismo (que às vezes se expressa no "denuncismo"), na categoria dos educadores, tantas vezes heteronômicos (que se julgam sem autonomia, e sôfregos de justificativas para tal estado de ânimo), presos às "fórmulas" e a "convenientes" (leia-se mais fáceis, menos cansativos e trabalhosos) procedimentos didáticos, que se baseiam... *em conhecimentos históricos universalmente consagrados*.

É razoável "cobrar", também, do "cidadão/ã comum" -- mais claros e mais escuros -- a revisão das idéias que restringem/inferiorizam a contribuição dos aportes "negros" na formação nacional brasileira, à culinária, à indumentária, à música, às danças, ao folclore em geral!!! Uma geração que vivenciou o clima do centenário da abolição, em que toda a sociedade esteve envolvida em discussões, programações, atividades, pautadas *no negro*; e que (por mais que tenham sido atravessadas por viés conservador) quase sempre abrigava a fermentação das dúvidas e questionamentos inoculados pelas críticas do Movimento Negro e de outros agentes da luta contra o racismo difusos na sociedade; não pode, de uma maneira geral, dizer "não sei de nada"!

Foram raras exceções os setores na sociedade que não disseram "presente", principalmente nos primeiros meses de 1988. Escolas de todos os graus, de variadas características, e em toda parte; o sindicalismo e espaços associativos de todo tipo e de todas as correntes; a ampla diversidade dos Movimentos Sociais; praticamente todos os setores culturais e artísticos; a grande mídia com os programas diários de

rádio, os grandes jornais diários e revistas semanais (todos apresentaram reportagens especiais), as redes nacionais de televisão (com vinhetas, de longa duração e durante muitas semanas, bem produzidas e alusivas a "momento tão fundamental da brasilidade" – o AXÉ da Globo foi emblemático. Se houve os inalcançados (inalcançáveis?) por tamanha comoção nacional (e sempre há as exceções), é difícil terem permanecido completamente submersos frente aos desdobramentos (as conversas de esquina, em família e em outros grupos... ou até mesmo as "brincadeiras racistas" – quem não lembra que *poderia ser revogada a abolição e voltar à escravidão!*?) que chegaram ao "espetáculo maior": o desfile das Escolas de Samba.

Se não bastasse, pouco mais de dez anos depois, novamente um forte apelo emocional – o esforço de *mídia* (publicações, reportagens, e programações especiais, etc), e de quase todos os setores da sociedade na recriação dos *mitos fundadores* da nacionalidade, nos 500 anos de descobrimento do Brasil.

No que toca aos símbolos e à estética, que permeiam qualquer pensamento, as marcas da escravidão ainda são um referencial quando se pensa na população negra. As indefectíveis correntes (quase sempre partidas... mas correntes...); as gravuras de Debret e Rugendas, são corriqueiras; o pelourinho, as máscaras (a escrava Anastácia é objeto de devoção em todas as classes e cores); as cozinheiras, as mucamas, os negrinhos de serviços, os serviçais em geral, a submissão inconteste, o *banzo*, o sofrimento, o desespero... São essas as imagens. É possível livrá-las do seu peso, ou é necessário livrar-se delas?

Por outro lado, a recente "descoberta", pelos estudiosos, da rebeldia negra como um valor positivo pôs em *xoque* o verbete famoso do Aurélio: "*Quilombo – esconderijo de bandidos, (...) valhacouto de negros fujões*"; e dirigiu os olhares dos pesquisadores para outras características que poderiam estar presentes no cotidiano de relações dos negros (e entre esses, dos escravos) entre si e com o regime escravista; ou na sua construção de alternativas de vida; ou na projeção de revoltas e/ou negociações; enfim, de outras perspectivas. A historiografia da *Nova História* (corrente de pesquisa que se distancia das narrativas totalizadoras da "realidade" histórica, e privilegia aspectos do cotidiano e as pequenas ocorrências que – supõe – vão constituindo a consistência e a historicidade do tecido social), tem sido pródiga

na produção de novos sentidos e diferentes caracterizações para a participação do negro na história do Brasil. As imagens que surgem desses estudos podem ajudar nas mudanças do imaginário social. Decisivo para isso, no entanto, vem sendo o desembaraço com que negros e negras vão adquirindo visibilidade, local, regional e nacionalmente, na política e em diversas profissões – muito diferente de quando eram apenas artistas e esportistas, de quem não se esperava mais do que sorrisos e "alma branca".

O Presente Desafia as Definições

Dessa vez, parece que o resultado do impasse está se diferenciando da avaliação feita por Florestan Fernandes nos meados do século. A partir dos anos 70, e cavalgando outras circunstâncias históricas, o impulso do Movimento Negro se estendeu muito mais, imprimiu um nível de radicalidade inédito, galgou mais consistência, e pôs em xeque o mito da democracia racial. Talvez se possa concluir que: no momento em que determinada força social consegue uma condição "ótima" na sua *práxis*, ou seja, maior clareza, definição, de objetivos, um certo nível de coesão interna, de maior proximidade com sua "base social", e de deliberação mais ajustado à sua efetiva capacidade – densidade, força de mobilização social – de intervir; Tudo isso aliado a aspectos favoráveis da conjuntura em que está imerso, a sua irrupção social e política se impõe ao conjunto da sociedade, e a obriga a pautar as demandas daquele Movimento Social. Esta é a hipótese desse trabalho para o que teria acontecido nas décadas de 70 e 80 em função da força e dos êxitos alcançados pelo Movimento Negro.

É difícil, hoje, às instituições em geral se manterem completamente fechadas às reviravoltas que vêm ocorrendo em relação aos valores culturais (estéticos, simbólicos, etc) de matrizes africanas; e o mesmo, quanto à discussão da questão racial, cujo "abafamento" era o mais usual até o início dos anos 80. Nos últimos vinte anos evoluiu rapidamente a tensão na consciência social sobre a necessidade de se enfrentar essas questões (embora a consciência não leve, necessariamente, sequer ao equacionamento do problema, o aumento da tensão é um bom indicador):

- Nos próprios espaços de maioria negra são marcantes as diferenças. Só como exemplo, as (algumas vezes até contundentes) declarações de sacerdotisas do Candomblé questionando as bases do sincretismo religioso, rejeitando as tradicionais vinculações dos arquétipos dos orixás aos santos católicos; ou as reiteradas manifestações de lideranças do Samba em conferências e seminários organizados pela ASSODHESERJ (Associação dos Diretores de Harmonia das Escolas de Samba do RJ), que pautam sempre pela valorização das raízes e afirmação da identidade afro-brasileira. Seria impensável vinte anos atrás grupos de sambistas se auto-designarem "Raça Negra", "Grupo Raça", "Negritude Júnior", "Só Preto-Sem Preconceito", e outros; serem "aceitos" pelos produtores (esses, ainda, quase sempre mais claros), pela *mídia*, e estourarem em grandes sucessos comerciais. Nos meados da década de 70, no auge do Movimento da *Soul Music* (que galvanizou a juventude negra, mas não só), falou-se muito da pressão de órgãos militares sobre os líderes da *Equipe de Som Alma Negra*, para que trocassem de nome...
- Nas religiões cristãs se instalou verdadeiro *cisma*: no catolicismo e no protestantismo mais tradicionais vêm surgindo grupos internos (geralmente "puxados" por negros, mas abertos a todos) para discutirem a questão racial, e que se indispõem contra a hegemonia conservadora da hierarquia eclesiástica a respeito desse tema, inclusive através de releituras das "escrituras sagradas"; e até mesmo para realizarem celebrações com base nas matrizes culturais africanas. Alguns desses grupos alcançam notoriedade extraordinária graças à sua ação tanto no âmbito das igrejas, quanto na sociedade em geral.¹²⁴ Com os cristãos pentecostais tem se dado o contrário: verdadeira aversão aos símbolos, à estética, a tudo que de alguma forma lembre africanidade – pois são confundidos com "coisas de macumba", "do demônio", etc. Foi preciso o rechaço bem orquestrado de órgãos

¹²⁴ É notória a atuação dos APNs (Agentes de Pastorais Negros) e de outros grupos surgidos no seio do catolicismo. Dom José Maria Pires – Arcebispo da Paraíba, e ao que parece o único mais escuro na alta hierarquia da Igreja Católica brasileira – chegou a ser chamado (e durante algum tempo ele recebia de bom grado), de Dom Pelé; mas sua posição foi mudando, ao ponto de pedir para ser chamado de Dom Zumbi. No Rio de Janeiro Frei David Raimundo dos Santos é um destaque por sua atuação, como militante anti-racista na baixada fluminense; principalmente depois da criação dos *Pré-Vestibulares para Negros e Carentes*. Movimento de grande repercussão, do qual foi um dos principais inspiradores e incentivadores. Na Igrejas

governamentais, de setores de *mídia*, de outros setores da sociedade, e até mesmo das outras religiões cristãs, quase sempre articulados pelo Movimento Negro, para que os pentecostais mais sectários recuassem dos ataques e agressões (algumas vezes até físicas) que moveram durante algum tempo contra as religiões e outras manifestações de matrizes africanas.

- No sistema educacional, marcou-se um tento na introdução da diversidade cultural como um tema transversal, nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Embora longe de um processo ideal, a redação dessa parte dos PCNs contou com pareceres abalizados, inclusive de negros e negras militantes e especialistas na área. E isso se traduziu em textos e propostas sensíveis e consistentes. O problema tem sido fazê-los saltarem das palavras às reflexões e práticas pedagógicas. E aí, parece que a vontade política das autoridades competentes, como da maioria dos educadores, quase não tem existido. De qualquer maneira, e apesar do predomínio (ainda!) das vertentes conservadoras, é difícil voltarem a se reafirmar abertamente, na educação, a pedagogia etnocêntrica e assimilacionista (será que ela está sendo efetivamente questionada nas ideologias e práticas educacionais?), e as concepções sobre a história do Brasil, que renegam as novas significações sobre Zumbi, Palmares, os Quilombos, a presença negra nas chamadas revoltas populares nos períodos colonial e do império, e outras iniciativas negras que obrigam a reformulação das idéias a respeito da participação do negro (ou de sua ausência, invisibilidade, fora da condição de escravo), na formação da nacionalidade.
- A *mídia* ao mesmo tempo produz e reflete a tensão que a sociedade brasileira vive em relação à questão racial. Parece impossível, por exemplo, a *mídia* recuar mesmo dos minúsculos avanços na apresentação da diversidade étnica/racial nas novelas, propagandas e outras peças de ampla divulgação. Será que a permanência de Glória Maria no *Fantástico*, já por mais de dois anos, se deve a algo além do seu talento inegável? Continua, vez ou outra, a aparecerem personagens negros nas novelas, fora dos estereótipos (empregada doméstica, malandros, bandidos e serviços em geral); mas a *branquitude* (a estética

Metodistas surgiram os *Ministérios contra o racismo*. Movimentos semelhantes se encontram em outras

principalmente, mas também outros referenciais de valores étnicos – além dos de classe) ainda reina absoluta. Ao longo dos anos 80 e 90 houve inúmeros programas diários de rádio e espaços editoriais regulares na grande imprensa que "martelavam" sobre problemas raciais. Aos poucos mudam os editores, redatores, repórteres, colunistas, apresentadores, e parece que o tema foi sendo colocado de lado, perdeu importância, como se os ouvintes se tivessem enfiado... E será que algo desse tipo não ocorreu? Quem sabe não seja, mesmo, mais necessário? Ou as exigências agora sejam outras, não mais apenas reativas? Quem sabe o sucesso editorial da revista Raça Brasil, e os espaços "étnicos" que tal "novidade" forçou nas revistas "comuns", não sejam um indicativo? Tem sido frustrante para os militantes anti-racistas observarem que quase vinte anos após declarações e atividades questionadoras do racismo, promovidas pelo Clube da Criação (Entidade aglutinadora de publicitários em geral, e de intensa atuação na década de 80), as peças publicitárias ainda sejam tão etnocentradas. A questão do consumo – uma "pedra-de-toque" entre as ideologias do capitalismo – parece mesmo estar fadada a ser o "último bastião".

- Na política (com a acepção mais comum de espaços onde se dão as lutas de poder), é, talvez, onde mais explicitamente se vislumbrem os avanços e lacunas, que muitas vezes se confundem, na consciência social sobre o racismo e as desigualdades raciais. Nos Movimentos Sociais, tal como as questões de gênero, situações de preconceito e discriminação se põem e se escondem a cada momento, à procura de maneiras mais consistentes de serem enfrentadas: dos currículos, e das salas de aula das Escolas do MST, aos eventos dos Movimentos Comunitários, à *Comissão da CUT contra o racismo* e seus desdobramentos no sindicalismo em geral.¹²⁵ Nos Partidos políticos, parece que não se trata tanto de enfrentar esses problemas, porém de equacioná-los, de encontrar *fórmulas de encaixe* que atendam às conveniências do politicamente correto. Quase todos

denominações evangélicas mais tradicionais.

¹²⁵ A referência ao racismo foi marcante e onipresente nos panfletos e discursos das lideranças dos Movimentos Sociais que realizaram as manifestações em Porto Seguro, questionando as comemorações oficiais dos 500 anos do descobrimento do Brasil. A aliança negros-indígenas, tecida com antecedência, foi decisiva para o fortalecimento da contestação, e levou à perda do controle da situação pelas forças do

abrigam (em uns mais, em outros menos ostensivos) os grupos ou núcleos, negros ou afro-brasileiros, etc. Cresce a visibilidade política dos mais escuros, no entanto muito distante, ainda, do mínimo exigível, para se pensar numa *democracia racial*. Nesse aspecto, vale a *boutade* de Joel Rufino dos Santos: "*Parece difícil ao brasileiro comum enxergar o óbvio: democracia racial são os Estados Unidos, em que na lei, e em geral na prática, negros e brancos se colocam em ação para disputar a presidência, centenas de negros prefeitos de capitais, embaixadores, generais, almirantes e astronautas – eis um espetáculo inimaginável no Brasil.*"¹²⁶ Os êxitos de políticos mais escuros ainda são excessões. João Alves (mesmo se considerando a sua identificação com as estruturas patriarcais sergipanas) se elegeu governador num estado nordestino que, como os outros, sempre repudiou as "marcas" negras – indeléveis – na ancestralidade e na atualidade do seu povo; Albuino Azerêdo se elegeu no Espírito Santo; No senado parece que são três (duas mulheres negras); talvez cheguem a dez os deputados federais; Nas principais cidades não há, com excessão de Celso Pitta, na maior cidade do país... É claro que se está longe do "*cinturão negro*" – na quantidade, como na postura ideológica – dos prefeitos em cidades do sul dos EUA, conforme se referiu Andrew Young (ex-prefeito de Atlanta-Geórgia-USA), então embaixador norte-americano na ONU. Nos três níveis de governos (já!) é possível pinçar homens e mulheres mais escuros – dificilmente no primeiro escalão. Aos poucos vai se desmoralizando o argumento falacioso da "ausência de negros qualificados". A generalização da militância negra nos quatro cantos do país; e, em algumas grandes cidades, as ONGs negras (apesar de poucas bem sucedidas e sempre com recursos escassos); têm sido laboratórios de quadros negros comprometidos com a luta contra o racismo.

O Desafio de Compartilhar Responsabilidades

governo, que recorreram à absurda repressão. Esta situação, com variada interpretação, está retratada na imprensa em geral nos dias seguintes aos conflitos.

¹²⁶ RUFINO DOS SANTOS, Joel. "*A Luta Organizada Contra o Racismo*". In RUFINO DOS SANTOS, Joel e NASCIMENTO BARBOSA, Wilson. "*Atrás do Muro da Noite*". 1994. Fundação Cultural Palmares. P. 93

Se em toda parte há tendências para o rompimento da inércia, sustentáculo por excelência da tradição, e que é um "nicho ecológico provisório" dos tabus (o mito da democracia racial entre eles); e é possível encontrar sensibilidade e até mesmo consciência do "problema" racial e das desigualdades que lhe são intrínsecas; então não há mais isenções de responsabilidades para a sua superação. Como, porém, se enfrentar esse novo momento e suas exigências? Ou "convencer" os agentes de que a situação é nova, e de que é necessário buscar novos sentidos e significados a partir de tanta vivência sedimentada? Não há porque se prender o futuro às agruras do passado. Não há porque temer ou se impacientar com as interrogações. Quase só há interrogações.

As medidas de ação afirmativa (ou a filosofia que as informa) serão, ou farão parte da solução? Que outras iniciativas deverão ser tomadas com o propósito de superar a questão racial e as desigualdades? Que forças deverão ser mobilizadas? É possível, desde já, perceber agentes e práticas com esse sentido? Onde? De que forma?

Quem pode afiançar, contudo, que os cenários a serem montados servirão para romper as ardilosas nuvens de significações? As ilusões poderão ser guiadas por várias formas de conformismo: "lentamente vamos transformando as consciências e atenuando as desigualdades"; "seguindo firmes nas práticas democráticas estarão explicitadas as incoerências dos preconceitos"; "a construção do novo na sociedade implica, mesmo, em idas e vindas, estamos fazendo os caminhos"... Ou de voluntarismos: "é necessário agir. A ação é o fator de transformação"; "não bastam as práticas restritas a grupos e temas, é preciso generalizar os procedimentos e tornar a vida social transparente para todos".

Parece fácil admitir que tais formulações sejam sensatas e abriguem boas porções de razão. O seu problema talvez seja o tempo. Cada formulação pede a concretude de si mesma, e da visão do outro. Essa, porém, só se dá (ou não) a cada um; e isso, hoje, é insuficiente. Não há mais tempo, ou não se aceita mais "dar tempo". O que não seja resultado visível é insatisfatório. Num seminário promovido

recentemente em Brasília¹²⁷, os presidentes do IBGE e do IPEA, foram enfáticos em assumir que as medidas universais e tradicionais não serão capazes de, sequer, atenuar as desigualdades raciais. Segundo Marcelo Paixão e Vânia Santana, a população negra brasileira ocupa a 108ª posição no *ranking* mundial do índice dos Direitos Humanos da ONU (o pior da América Latina), enquanto a parte da população que se vê (e é tida) como branca ocupa a 54ª. (Revista Proposta-FASE.nº 73.1997). É urgente proceder concretamente à modificação desse quadro.

A concepção de uma Cultura de Consciência Negra deve, então, identificar, exemplificar, sua ocorrência – em que lugares, de que maneiras, em que setores sociais, culturais, políticos, econômicos... Ou seja, a tarefa ingrata de visualizar o novo a partir dos significados à disposição.

Tem de ser assim? É possível assim? É tão sedutora a racionalidade! Como admitir o que não passou no crivo dos *meus* sentidos? *Eu*, o centro de onde decorrem quaisquer significações do mundo!

Ainda parece difícil negar validade a essas interrogações. Talvez a criação não seja algo tão extraordinário, não exija sofisticação; ou a abstração esteja contaminada pela vocação mesquinha da grandiloquência, da busca insensata do que se possa ver sem conceber. Assim como fluxos eletromagnéticos transpassam os interstícios da pele e do corpo, quem sabe o novo conviva, permeie, a massa volátil dos sentidos, sem que se dê conta?

A hipótese é a de que o estado-de-consciência determine as possibilidades de se identificar/vivenciar o novo. O *lugar da cultura* sendo, sempre, uma construção nunca total ou definitiva; podendo, aliás, ser remontada a todo momento.

A Gigi da Mangueira era um destaque muito antes das Escolas de Samba ganharem a (ou serem apropriadas pela) mídia, porque ela *vivia* o samba, aqueles valores comunitários tão aparentemente localizados e circunscritos, de uma maneira que alguém *lá de baixo* supostamente não poderia. O seu Miro da Portela se sentiu invadido, violentado, quando Jair Amorim e Evaldo Gouvêia (compositores de

¹²⁷ Seminário "Mecanismos de promoção da Igualdade – um desafio para o desenvolvimento brasileiro". Promovido pelo Escritório Nacional Para Assuntos da População Negra/Zumbi dos Palmares. e Comunidade Baha'i.

renome nacional) ganharam o Samba-Enredo em 1972. Seu miro compôs um samba maravilhoso¹²⁸, desafiando combativamente a sua mágoa. Foi apoiado pela Ala dos Compositores e a maioria da Escola, mas rechaçado (por sinal com a volência costumeira), pelo "batalhão da tradição portelense" – Natal da Portela – que apoiava (onde será que ele ia buscar justificativas para tal postura?) a dupla de compositores famosa e estranha à comunidade. Comemorou-se muito na comunidade da Imperatriz Leopoldinense a vitória do Samba-Enredo de Wilson Sideral para o carnaval de 1969; naturalmente pela qualidade e força do samba "*Oh meu Brasil, flor amorosa de três raças...*", mas também havia (pelo menos) uma outra razão...

Gigi, Seu Miro e Wilson Sideral eram mais claros. E o que, então, lhes dava autoridade para se sentirem *no seu lugar*, se o Samba é visto e assumido como *lugar de negro*? Histórias de vida? E que histórias de vida teriam levado Madame Giselle Cossard a se tornar *Omindarewá*¹²⁹, ou Juana Elbein dos Santos (argentina, antropóloga), a se identificar tão completamente com o Candomblé, ao ponto de escrever "*Os Nagô e a morte*" (um clássico da literatura sobre religiões negras), casar com alto dignitário da religião, e dedicar à cultura negra a sua vida dali em diante. É possível, sem dúvida, encontrar explicações para tudo, basta querer.

Não é o caso de se referir às tensões (tanto íntimas, quanto relacionais) que, certamente, essas pessoas passaram/passam na assunção de suas novas identidades e práticas de vida. Seriam semelhantes às de exemplos inversos, os negros assimilados ao "mundo dos brancos".

O que se pretende frisar aqui é a existência de *fronteiras*, de *entre-lugares*, como os designa Homi Bhabha, em que ocorrem ambivalências de significações, ou pelo menos não são congruentes com os sentidos instituídos. Se Machado de Assis "embranqueceu" na excelência de sua literatura; Lima Barreto, "enegreceu" pela

¹²⁸ "*Desde quando malandro usava tamanco/ eu já era azul e branco/ puxei corda na Portela. Era quando Natal jogava de beque/ e eu, ainda moleque, ia à cidade com ela. Naquele tempo, o samba não dava dinheiro/ e o sambista verdadeiro tinha amor à sua Escola. Era quando a gente prá desfilar/ não precisava ficar quase a pedir esmola. Hoje, porém, sanba já cobra ingresso/ e as garras do progresso já se fizeram valer. Hoje tem platéia falando inglês./ nego duro não tem vez./ nem pode pagar prá ver. Carnaval, saídos não sei de onde./ gente com pinta de conde./ são os donos do pomar. Mas não faz mal serei sempre portelense./ pois ainda me pertence o direito de sambar.*" Samba Incógnito.

¹²⁹ Respeitada Iyalorixá, iniciada pelo lendário Joãozinho da Goméia. Uma jovem francesa que veio ao Brasil trabalhar na Aliança Francesa. Algo (do qual só ela pode falar com autoridade) transformou a sua vida. Ela há

excelência da sua. Talvez não haja melhor exemplo de ser "fronteiriço" do que Pelé – a estatura da sua personagem não lhe deixa ser o homem que é; talvez tenha mesmo deixado de ser *o homem*, e a personagem alçou vôo próprio como "cidadão do mundo". A simbiose perfeita: personagem/mundo.

Será possível instituir essas fronteiras indefiníveis e suas possibilidades de idas e vindas?

Cultura de Consciência Negra é um esforço de conceituação de um âmbito de significações imaginárias sociais, que partem dos referenciais históricos, simbólicos, estéticos, de matrizes africanas (ou significadas como tal), mas não se deixa prender a eles, porque busca permanentemente incorporar o seu "chão": a vivência afro-brasileira. Significações imaginárias sociais é um conceito trabalhado por Cornélius Castoriádis, que procura vê-las imbuídas de um potencial de instituição, e não apenas com caráter onírico sem qualquer compromisso com as instâncias de articulação política e cultural. A vivência afro-brasileira se dá a cada momento e a cada um dos agentes, e se caracteriza pelo magnetismo através do qual se liga aos múltiplos processos culturais que enfeixam a nacionalidade brasileira em ebulição. De tal maneira aquela vivência insinua-se já tão larga e longamente, tão densa e complexa, que são raros no tecido social aqueles (dos mais claros aos mais escuros) para quem ela não faça sentido, ativa, passiva e/ou reflexivamente. Nessa ótica, Joel Rufino dos Santos, teria formulado algo como uma proto-cultura de consciência negra ao conceituar a cultura negro-brasileira, como o "*núcleo pesado do sistema a que se deu o nome de cultura popular brasileira, acabado de formar pela contribuição de fragmentos de culturas indígenas, européias e asiáticas*".¹³⁰ Se até aí (1985), num momento em que o Movimento Negro forçava a capilarização das suas demandas por todo o tecido social é o que podia perceber a perspicácia do intelectual negro engajado; hoje, talvez, seja possível ir além.

muito tempo (mais de quarenta anos) vive para a sua *roça*, seus filhos, e suas responsabilidades institucionais e rituais, além de estudos sempre ligados à sua vivência.

¹³⁰ RUFINO DOS SANTOS, Joel. "*O Movimento Negro e a crise brasileira*". In Rev. Política e Administração-Jul-Set/1985. FESP. RJ. P. 304

Não há lugar nesse espaço de significações para a ingenuidade, para a idealização de um passado remoto ou remanescente; e então a tradição não pode dar a última palavra. Mas também não há lugar para a ontologização do *ser ocidental* – sua trajetória e experiências civilizacionais – usualmente compreendido como o paradigma do *ser humano*.

E será essa Cultura de Consciência Negra capaz de ajudar na superação das desigualdades e na construção da democracia? Porque é isso, ao final, que interessa.

A construção da democracia exige participação, efetivo engajamento nos processos que resultarão em decisões sobre a vida e o futuro da sociedade.

Enquanto a grande maioria da população estiver refém dos sentidos instituídos de nacionalidade, de identidade nacional, de brasilidade, compostos, em grande parte, de elementos que lhe dizem respeito (como os simbolismos negros de origem, permanentemente resignificados como "brasileiros"), mas articulados conforme os interesses e conveniências das classes e das culturas hegemônicas; então, será precário o impulso para a participação. Na política tradicional a chamada direita se atribui o papel de conservar, de reproduzir o *status quo*; mas à esquerda, que se atribui o papel e a condição de transformação, não tem sido capaz de questionar *desde fora* a constituição do sistema hegemônico de poder e de valores. Ainda que de uma maneira geral seja crítica, mas perfilando o mesmo universalismo e sem clareza sobre a centralidade da questão racial, a esquerda tem contribuído para a estabilidade (nos aspectos que estão sendo tratados) da hegemonia daquele "campo de força".

Para Joel Rufino, falando da crise brasileira e mundial, as saídas para tais crises (de participação social, de valores, de perspectivas) estariam encobertas do ponto de vista do sistema hegemônico. A possibilidade de se visualizá-las *desde fora*, exigiria colocar-se no interior da *cultura negro-brasileira*. Para ele seriam as lideranças e intelectuais negros a se colocarem estrategicamente no interior daquela cultura, embora o como realizá-lo, ainda dependesse de um esforço sistemático nessa direção.

Parece que Joel Rufino antecipou parcialmente o desenvolvimento desse processo. Intelectuais e lideranças do Movimento Negro têm feito esforços sistemáticos para falar e agir *desde dentro* da culturalidade negro-brasileira; mas não

é isso exatamente o que têm conseguido. Na ótica desse trabalho, tais esforços têm levado (ou forçado) à interação com todo espaço possível de "negociação" (inclusive – ou principalmente – com os "bastiões culturais da alteridade negra", que muitas vezes se apegam ao que já não é); e aí se deparam com a necessidade/possibilidade/oportunidade de construção de um espaço público (publicizado/publicizável) onde, os referenciais históricos, simbólicos estéticos de matrizes africanas (o *núcleo pesado da cultura popular*) têm constituído a matéria prima primordial na produção de uma ambientação democrática, capaz de gerar novos sentidos para a construção de uma identidade nacional brasileira mais mobilizadora.

É provável que militantes anti-racistas tenham incorporado uma vantagem inicial, mas aos poucos vai se abrindo "(...) *um espaço de tradução: um lugar de hibridismo... onde a construção de um objeto político que é novo, nem um e nem outro, aliena de modo adequado nossas expectativas políticas...*"¹³¹, e a vantagem passa a decorrer do nível de investimento. Porque a Cultura de Consciência Negra só pode resultar da busca do encontro. É a epifânia da teimosia em buscar o encontro, em construí-lo e vivê-lo; apesar de sua inconsustancialidade, de sua opacidade.

Soa estranho enunciar tal expectativa se sempre foi urgente e envolvente *ir à luta*. Tanto o salto no escuro como o salto para a luz são vôos cegos, jamais autorizados. Podem, todavia e pela ousadia, potencializar vontades, necessidades e possibilidades de instituição do novo. Se não é "por aí", alguma outra forma tem de ser capaz de captar/elucidar a singularidade da trajetória instituinte (apesar de tudo!) do negro brasileiro que, sem "desaparecer" – como presumia e preconizava o chamado pensamento social brasileiro até quase meados do século XX – vem se reconstituindo na reconstituição de um (novo?) povo brasileiro. A ansiedade do militante cria a ilusão de que ele é quem *vai à luta*. Basta um olhar à volta, no entanto, para que ele perceba que é mais do que isso... Ninguém está só em luta de tamanha envergadura, de tempo e espaço indefiníveis/incomensuráveis.

¹³¹ BHABHA, Homi K. "O Local da Cultura", 1998. Ed. UFMG. BH. P. 51

E então, quem vai à luta? Quem concebe o *prejuízo* – o militante com sua consciência e objetividade; ou quem seja capaz de burlá-lo – a grande maioria dos negros – ainda que no mais recôndido de sua subjetividade e vivência...? Não se pode dizer que a grande maioria dos mais escuros não saiba que *estão no prejuízo*. Mas, de alguma maneira, essa consciência vem, muito mais do que sucumbindo, "saltando" as armadilhas que talvez levassem à ruptura e à degeneração; de si, do *outro*, e da façanha (uma sociedade justa e democrática) que seria/está sendo/pode vir a ser a construção comum.

Observada com esse sentido, a dinâmica de interação da maioria da população brasileira (maioria escura) assume um papel de fiadora da construção da democracia. As elites e a cultura de *levar vantagem em tudo* (que impregnou todo o tecido social) se realimentariam, sim, da estabilização que promovem a "ferro e fogo". Apesar da hegemonia sobre os mecanismos políticos, econômicos, ideológicos, os sentidos de identidade nacional brasileira se afastam cada vez mais das expectativas/projeções acalentadas pelas elites e seus prepostos, desde a alvorada ao ocaso do século XX. Algo que talvez corresponda ao ditado popular: "*O que as elites roubam de dia, o povo constrói de noite*".

A desestabilização da "ordem" que interessa à reprodução do sistema de poder e de valores, promovida pela efetividade surda e tenaz da grande maioria dos brasileiros, tem sido, no entanto, bastante aleatória, inconstante e fragmentada. A Cultura de Consciência Negra talvez cumpra o papel de um flúido sináptico, indutor de uma crescente convergência das forças, ações e valores desestabilizadores, capazes de contribuir para a formulação pública, transparente, compartilhada dos interesses e perspectivas da maioria. Os "lugares" – geográficos, culturais, artísticos, filosóficos, políticos... – dessa ampla construção não estão dados, por mais que se queira (e até se consiga) intuí-los, percebê-los, no emaranhado de sentidos produzidos sobre o cotidiano. Mas alguém já falou que a humanidade só faz perguntas para as quais, de alguma maneira, já possui respostas.

Parece não ter limites o compromisso com a postura teórica – a que explicita os instrumentos e conceitos (ou a sua intangibilidade) através dos quais constrói a

virtualidade do *real*. Ainda mais que esse compromisso é crucial na enunciação do pensamento que se pretende transformador. É oportuno, então, o conceito de *hibridismo cultural* de Homi Bhabha, que fala da teoria como negociação, como articulação de instâncias contraditórias e antagônicas (a alienação e a consciência social? A reprodução do racismo e a sua denúncia e combate?), que destroem as polaridades entre o saber e seu objeto, e abrem espaços híbridos de luta. Bhabha sugere, todo o tempo, a multiplicidade de perspectivas e possibilidades de abordagem dos discursos e das representações do real. E é isso, segundo ele, que concede o caráter progressivo (transformador?) da utilização da teoria na ação política. A teoria como alavanca da desestruturação/desarticulação do enunciado das representações consagradas, imobilistas.

É a própria *Ginga*, conforme magnificamente caracterizada por Wilson do Nascimento Barbosa: "*o objetivo da ginga quando a gente se move, não é apenas encontrar os meios de aumentar a própria força. A ginga não é apenas acumulação de forças. A ginga é a busca de solução, é mover-se para obter uma saída surpreendente. Esse elemento de imprevisibilidade, de complexidade, de desviação, de surpresa que sucede o óbvio, é, de fato, a essência da ginga*"¹³². Esse caráter *gingante* da Cultura de Consciência Negra – talvez a mais sensível contribuição da vivência afro-brasileira – é o que pode torná-la mais do que aquilo para o que estava destinada: alavancar a volta por cima dos "*séculos de opressão*" por parte do povo negro.

Escola -

Espaço privilegiado para construção da Cultura de Consciência Negra.

"O discernimento é indispensável, de maneira particular quando ocorrem situações de discriminação no cotidiano da Escola. ...A problemática que envolve a discriminação étnica, cultural e religiosa, ao invés de se manter em uma zona de sombra

¹³² BARBOSA, Wilson do N. "*Ginga e Cosmovisão*". In "*Atrás do Muro da Noite*". RUFINO DOS SANTOS, Joel e BARBOSA, Wilson do N. 1994. Fundação Cultural Palmares-MinC. Brasília. P. 32

*que leva à ambiguidade nas falas e atitudes,
alimentando com isso o preconceito,
pode ser trazida à luz, como elemento de aprendizagem
e crescimento do grupo escolar como um todo"*

Parâmetros Curriculares Nacionais – volume 10
(Pluralidade cultural e orientação sexual)

Hoje se pode dizer que a Educação – como espaço de socialização e de instrução, aquisição de "conhecimentos" – está se universalizando, no Brasil. Em parte o Estado investiu porque a compreendeu como um fator de segurança nacional, ao mesmo tempo que um imperativo para o desenvolvimento econômico; em parte valeram, também, as pressões da população, para quem a educação representa muito mais do que os sentidos que lhe são atribuídos pelo Estado.

Talvez ainda seja possível se falar de Escola privada para as elites e da Escola pública para as massas, ambas com Educação alienante, reprodutora dos valores hegemônicos na sociedade, e com o papel de *"treinar os diversos papéis sociais, cristalizá-los, e não refletir sobre a idéia de que eles são uma construção histórica, e como tal passíveis de mudança"*.¹³³ Com a primeira mobilizando muito mais recursos e imprimindo maior "qualidade", formando os futuros quadros gestores da economia, da política, da cultura, da justiça, etc; embora seja notória a degradação de parte significativa das Escolas privadas, um pouco em função do aumento da oferta de vagas nas Escolas públicas, um pouco porque simultaneamente ocorreu sensível empobrecimento da chamada classe média; quanto, também, porque as necessidades atuais do mercado de trabalho (além de inegáveis conquistas do pensamento filosófico) obrigam à reformulação dos conceitos de educação funcionalista, que reinavam quase absolutos até recentemente. É importante frisar que há um segmento de Escolas privadas procurando (e algumas conseguindo) reconceituar educação, ao mesmo tempo que mantêm suas perspectivas de suprir os quadros dirigentes da sociedade.

Mas também é possível perceber que mesmo envolvidas em conflituosa convivência com arraigado conservadorismo pedagógico e emperradas "máquinas"

administrativas oficiais, vêm ocorrendo importantes iniciativas no âmbito dos sistemas públicos de ensino. E elas têm apontado a possibilidade de se falar em educação de qualidade, procurando atender a emergência e as exigências de qualificar mão-de-obra para o mercado de trabalho (e não só na base da pirâmide), enquanto se esforçam por estabelecer as discussões sobre os objetivos da educação, o seu papel no desenvolvimento e na transformação da sociedade, a questão da democracia, da diversidade étnica, cultural, de gênero, das necessidades especiais, de habilidades, de potencialidades, etc.

Talvez já seja possível dizer que é consensual o argumento central da tese de Jamil Cury (1979) – de que a Escola não seria apenas um espaço de reprodução ideológica do sistema de poder. Não é a toa que a população pobre proporciona a cada início de ano o espetáculo de um ritual singelo e lamentável: as filas que varam as madrugadas, na expectativa de uma vaga na Escola Pública. *"Se há uma demanda tão grande, a Escola Pública tem um papel social a desempenhar e a população reconhece e exige isso. Se, apesar do sucateamento da Escola Pública, pessoas se aglomeram, dormem nas filas na esperança de uma Escola, histórias submersas estão sendo escritas e contadas pelos usuários e profissionais da educação"*.¹³⁴ É uma situação que comporta um (cauteloso e crítico) entusiasmo frente às possibilidades atuais da educação. Lílian do Valle foi precisa: *"Se ele (o entusiasmo) desenha o idealismo inoperante das elites, a lenta imposição dos ditames liberais e a ambiguidade dos posicionamentos políticos, ele também nos fala de como se instituiu entre nós, essa Escola como valor democrático, terreno estratégico de enraizamento do espaço público, na acepção mais universalista que este já conheceu entre nós."*¹³⁵

Quaisquer que sejam, no entanto, os cenários que as subjetividades de cada um pretenda privilegiar, é forçoso reconhecer que a questão étnica e cultural ainda está longe de ser contemplada. Como falar, então, de avanços significativos na

¹³³ GOMES dos SANTOS, Gevanilda. "A história em questão". In *Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural*. 1998. NEN (Núcleo de Estudos Negros). Florianópolis,

¹³⁴ TRINDADE, Azoilda Loretto. "Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar". In. *"Multiculturalismo Mil e uma faces da Escola"*. TRINDADE, A.L. (org) e SANTOS, Rafael (org). 1999. DP&A. RJ. P. 14

¹³⁵ VALLE, Lílian do. "A Escola e a Nação". 1997. Letras & Letras. SP. P. 18

Educação, se conteúdos e procedimentos didáticos ainda se encontram impermeáveis a essa temática, e a maioria dos agentes educacionais insistem em permanecer cegos, surdos e mudos à exuberante diversidade de sua clientela. E culpando a grande maioria por não se encaixarem nos padrões cognitivos, afetivos, estéticos e comportamentais requeridos.

Benilda R. B. Brito (1998) conta a seguinte história, acontecida numa Escola da rede pública de Belo Horizonte, em 1997: "*Professora planejando as atividades da Semana Santa pergunta aos alunos: Vamos fazer um teatro sobre a paixão de Jesus Cristo. Para tal, precisaremos de um aluno que se disponha a fazer o papel de Jesus. Quem topa? A.A.B., criança negra, extrovertida, responde: Eu topo. Silêncio absoluto. Ninguém diz nada, nem as outras crianças brancas, nem a professora. Após cinco segundos é o A. quem quebra o silêncio: Pode deixar, não quero ser mais não!! A professora contou o episódio para a vice-diretora pedindo que não comentasse o ocorrido com os pais do aluno, pois a mesma afirmara ter ficado desarmada, sem saber o que falar*".¹³⁶

Gonçalves (1985), citado por Benilda Brito, foi um dos pioneiros na identificação do *Silêncio* como uma fala poderosa na mistificação da questão racial no cotidiano escolar: "*As práticas pedagógicas continuarão punindo as crianças negras que o sistema de ensino não conseguiu ainda excluir, aplicando-lhes o seguinte castigo: reclusão ritualizada em procedimentos escolares de efeito impeditivo, cujo resultado é o silenciamento da criança negra a curto prazo, e do cidadão para o resto da vida.*"

Será, todavia, que este silenciamento pune apenas as crianças negras? De imediato, e correspondendo a um sentido egoístico e pernicioso, pode se dizer que sim – os que não se consideram negros (e mesmo muitos negros) acreditam, em geral, que o problema racial é um *problema dos negros*. É como se estes o portassem (talvez desde sempre) como algo intrínseco à sua personalidade, e cuja superação dependesse unicamente da superação dos seus próprios *complexos*, reduzindo questão tão complexa ao âmbito estritamente individual. Como questionar esta naturalização de fenômeno que guarda raízes históricas, por sinal permanente reificadas? Como

convencer a todos que é imperativo romper o silêncio e a cultura que o produziu? Será possível se falar em democracia na sociedade e em educação democrática sem enfrentar questões tão espinhosas, que vêm ferindo e distorcendo os processos de formação da consciência social e da identidade nacional brasileira?

Quinze anos depois de Luis Alberto Gonçalves, Eliane Cavalleiro (2000) procede criterioso estudo apresentando as falas de crianças, de professoras e de membros das famílias envolvidas em determinado contexto escolar. Uma a uma, essas falas vão reforçando a idéia de despreparo/inconsciência/acomodação em relação aos prejuízos das crianças negras face ao preconceito e à discriminação racial que impregna as práticas pedagógicas e as relações na Escola. Até que aparece a fala de *Sueli*, mãe de um aluno que sofreu afronta racial de um colega, e que foi tomar satisfação com a professora, cuja atuação no caso, por sinal, lhe satisfaz:

Essa professora deixa bem claro: "É todo mundo igual". Não vou falar assim: "porque ele é pretinho vai ser melhor, ou vai ter que ter espaço só para ele". Não. Tem que ser tudo igual. Senão seria até pior, se falasse para ele que tem de ser diferente porque ele é pretinho. Não, não gosto. Primeiro porque ele não é pretinho, ele é negro. Tem que colocar bem que é a nossa raça, é a nossa origem, da África, é negro. Falo: "Somos negros". E falo prá ele que o negro é lindo. Porque senão ele fica colocando na cabeça que a branquinha tem o cabelo comprido, então, ela é mais bonita que ele, do que uma priminha. Eu falei: "Não, negro é muito bonito, é lindo (alonga a primeira sílaba), é uma cor bonita, não é?" Eu começo a colocar para ele. É todo mundo igual. Tem que colocar que é a nossa raça, é a nossa origem, da África, é negro. (Cavalleiro, 2000. p.93).

A autora identificou corretamente, na fala de Sueli, "*grande percepção das possibilidades de o espaço escolar ser um centro de debate e valorização da cidadania dos negros*".¹³⁷ E que "*A base do raciocínio desenvolvido por ela aponta a disseminação de informações sobre o negro, como a melhor estratégia para se combater o preconceito*".¹³⁸ Para a perspectiva desse trabalho, no entanto, a fala de Sueli pode dizer mais. Não estará ela imbuída da negação da inércia, da imobilidade,

¹³⁶ BRITO, Benilda. R. B. "Negro X Biologia". In *Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural*. 1998. NEN (Núcleo de Estudos Negros). Florianópolis. P. 57

¹³⁷ CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. "*Do silêncio do lar ao silêncio escolar*". 2000. Humanitas-FFLCH-USP e Contexto. SP. P. 93

¹³⁸ *idem*. p.93-4

do quadro da situação racial, que muitas vezes – dada a sua violência, amplitude e recorrência – se é tentado a ver como definitivo, intransformável?

É imprescindível proceder à crítica do racismo vigente na sociedade e na Educação. Mas porque guindá-lo à condição de único sujeito, voltando toda energia para ele? Quem sabe o fluxo livre de interrogações sobre outros sentidos presentes na vida social, e maior investimento na construção de novos referenciais de valores e perspectivas para a vida social, não restrinjam os espaços apropriados pela cultura do racismo? A desconsideração (menosprezo, indiferença?) pela diversidade étnica-cultural na Escola; o hábito, a espontaneidade, a facilidade, a irresponsabilidade e inconsequência, com que se procura (e sempre se encontra) subterfúgios para justificar os procedimentos assimilacionistas e a culpabilização da criança mais escura pelos seus próprios *complexos*, incapacidade de adequação, etc; exigem, de fato, análise rigorosa e desmistificadora. Mas é necessário se dar o mesmo peso às possibilidades e iniciativas educacionais cujo centro sejam os valores da solidariedade, da justiça, da equidade.

É um equilíbrio difícil. Talvez fosse o caso de pensar no presente como fulcro entre o passado e o futuro. Mas as ambiguidades dilaceram o que vai se superpondo, sem respeitar tempo e espaço de instituição. E é uma impropriedade (também trigonométrica) tentar se situar nos momentos de partida e chegada de um pêndulo.

Resta acompanhar os movimentos – dos voluntária ou involuntariamente conservadores aos sequiosos de transformações. A ambos (e aos meios termos) deve ser concedido o benefício da dúvida. A verdade, como a luz, não tem principio nem fim, e é acessível... – radicalizando ao limite a exigência de que sejam públicos. A visibilidade não diz nada sobre a justeza, pertinência, coerência; mas traz veracidade e possibilidade de se reafirmar, de se deixar de ser, ou de se reconstituir; e de se marcar idéias, atos, e até os sonhos, com a crítica e a auto-crítica que costumam bafejar os bons caminhos.

Da parte do que *já é*, e das significações que acompanham – conflituosa ou mansamente – os sentidos instituídos, não se pode esperar mais do que os sucessivos (e quase sempre bem sucedidos) esforços de adequação, a capacidade de se revirar

para permanecer *o que é*. A perspectiva da transformação, por seu turno, impõe o compromisso de desvendar tais manobras, pois sua força vem da penumbra.

A cultura do racismo na educação, se alimenta do que *já é*. Ao ponto da rejeição às mudanças quase se justificar pelo instinto de sobrevivência – a compulsão de alimentação. Talvez seja oportuno referir o dilema de Cunha Jr (1997. P. 57), frente às dificuldades de se ensinar (e aprender) a história da África:

Aprender história é um exercício por vezes difícil, onde contracenam o real e o imaginário. Precisa-se da imaginação que transcenda os fatos e reproduza a complexidade das atividades humanas como um filme explicativo, questionador, repleto de conceitos, propósitos, dúvidas. Sobretudo porque a dúvida é o elemento principal na composição do filme da história. A dúvida e não a descrença. Mas trabalhos de ensino de história africana aparecem inicialmente como uma sistemática descrença nas possibilidades civilizatórias. Acompanhando a descrença, um bloqueio à imaginação.

O bloqueio à imaginação é o exato oposto do que fazer para conceber e vivenciar a Cultura de Consciência Negra na Escola. Não se pode, contudo, esperar que se desintegrem os sentidos instituídos – a naturalização dos preconceitos arraigados no imaginário social e que transversalizam os conteúdos e procedimentos didáticos – apenas pela vontade e clarividência dos "puros de coração". O terreno da instituição, para o bem e para o mal, é a política; e então, é essencial a tenacidade do combatente.

Alguns exemplos de iniciativas capazes de manter "aceso" esse processo:

Pode-se começar com a discussão proposta por M^a José Lopes da Silva.¹³⁹ Ela aponta a relação entre medidas governamentais mais amplas: no caso, a criação de um Grupo de Trabalho Interministerial para atuar contra o racismo (consequente a pressões do Movimento Negro – a Marcha Nacional dos 300 anos de Zumbi dos Palmares, realizada em novembro de 1995, em Brasília – e à apresentação de irrefutáveis Índices de Desenvolvimento Humano, negativos para a população negra)¹⁴⁰; e o processo que resultou na formulação dos Parâmetros Curriculares

¹³⁹ LOPES DA SILVA, M^a José. "Os PCNs: avanços e recuos no combate ao racismo na Escola".

¹⁴⁰ A autora faz referência aos dados apresentados num Seminário "O negro na economia", realizado pelas Comissões de Economia, de Indústria e Comércio, e de Direitos Humanos, da Câmara dos Deputados, em Brasília.

Nacionais. Ambos indicariam um "arejamento" no âmbito do sistema de poder em relação às questões étnicas e culturais. Mas a autora não abriu mão de meticulosa avaliação dos limites desses processos. Anota, por exemplo, a questão crucial da ambiguidade conceitual e metodológica que levou à diluição dos conteúdos obrigatórios em *áreas*, da mesma forma que os saberes não considerados universais também foram diluídos em *temas transversais*. "*Os PCNs situados no âmbito da Escola tornam-se dependentes da competência e interesse do professor que poderá desenvolvê-los ou não*". Segundo a autora, isso leva à desqualificação e minimização da dimensão social no contexto dos PCNs. Prosseguindo a crítica, aponta a falta de discussão consistente sobre o que seria conhecimento útil e válido, e a ausência de uma crítica sistematizada das formas dominantes de currículo, que continuam, do ponto de vista formal, as mesmas de décadas atrás, baseadas nas disciplinas tradicionais. E alinha, ainda, uma série de falhas nos PCNs da pluralidade cultural, por exemplo:

- Escamoteia os resultados de mais de 100 anos de "democracia racial", a exemplo de algumas dimensões distributivas, como o acesso à educação formal;
- Não formula adequadamente a combinação da utilidade, relevância, valorização, de diferentes tradições culturais...
- A própria concepção do que sejam *saber e cultura*, gera tensão entre o padrão dominante e diferentes códigos culturais dos extratos populares;
- Critica o "*excesso de psicologismo*", e a pouca escuta da comunidade acadêmica;

E finaliza aprofundando razões que podem levar aos resultados negativos da maioria do alunado, de maioria negra – aborda o papel da Escola; a necessidade de questionamento das disciplinas político/filosóficas e das teorias da aprendizagem; a indiferença/menosprezo às características étnico-culturais da criança; as concepções hegemônicas de arte e educação; as implicações político-sociais da alfabetização, e o próprio conceito de alfabetização...

Abordagem semelhante, em que o racismo permeia todo o estudo mas divide o espaço com outras significações históricas e sociológicas do fenômeno sócio-cultural, se encontra em Oliveira Gonçalves e Gonçalves e Silva (1998). Os autores procedem uma ampla explicitação das diversas fontes, experiências e apreciações do

multiculturalismo, enfatizando as diferenças de conceituação, aplicabilidade e perspectivas, consoante o contexto em que foram gerados.

Mesmo reconhecendo a ação do Movimento Negro como o "embrião do multiculturalismo" na "América brasileira", buscam dimensionar equilibradamente a sua importância na construção da democracia e da identidade nacional brasileira. Apoiados em Sylvia Wynter (professora titular do Programa de Estudos Negros da Univ. de Stanford, Califórnia), afirmam que: "*Não se trata de multiculturalizar o modelo de nação vigente, mas de reinventá-lo*".¹⁴¹ E em dado momento concluem: "*Buscar compreender o multiculturalismo e suas repercussões na educação implica destrinchar referências ideológicas, elucidar encaminhamentos teóricos, descobrir práticas culturais, ressignificar práticas pedagógicas, posicionar-se politicamente e situar-se socialmente*".¹⁴²

Um outro caso exemplar é o surgimento dos Cursos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes; tanto pela sua demanda de igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior e a intensa mobilização junto ao seu público alvo; quanto graças à repercussão das suas propostas e práticas pedagógicas diferenciadas no âmbito do magistério, das autoridades educacionais e junto às comunidades onde se instalam – os professores são voluntários (sem remuneração); os alunos partilham a coordenação e planejamento das atividades; a utilização de Escolas em áreas e tempos ociosos, e/ou de espaços alternativos no seio da própria comunidade; a introdução da disciplina *Cultura e Cidadania* (a designação varia de um local para outro), em que se discute as razões daquele tipo de iniciativa, o seu papel na sociedade, as suas relações com questões políticas, econômicas, culturais, sociais... Já chega a mais de uma centena o número de Cursos Pré-Vestibulares. Alguns não vinculam explicitamente a questão racial – preferem os termos *Populares, Comunitários*, e outros – mas, de qualquer maneira, atendem à clientela invariavelmente de maioria mais escura. Envolvem atualmente milhares de jovens principalmente no Sul-Sudeste, mas

¹⁴¹ OLIVEIRA GONÇALVES, Luiz A. e GONÇALVES e SILVA, Petronilha B. "*O Jogo das Diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*". 1998. Autêntica Editora. Belo Horizonte. P. 70

¹⁴² *idem*. p. 71

rapidamente se espalhando por outras regiões brasileiras, num contexto que torna obrigatório se refletir sobre democracia, autonomia, identidade...¹⁴³

O Núcleo de Estudos Negros é uma organização não governamental composta por educadores/militantes negros, com destacada atuação junto ao sistema educacional no estado de Santa Catarina. Além de sua intervenção através de programas de formação de professores, vem publicando a série de livros *Pensamento Negro em Educação*, que reúne a contribuição de militantes/educadores/pesquisadores negros de todas as regiões do país. A qualidade das pesquisas e a diversidade das experiências regionais e de abordagens sobre questão racial e educação, diversidade cultural, e outras, tornam estas publicações referência obrigatória na discussão desses temas.

Não é o caso, no entanto, de proceder exaustiva citação de estudos e de outras iniciativas que vêm constituindo um *Pensamento Negro em Educação no Brasil*.¹⁴⁴ Mas de alertar para a sua existência – cada vez mais ampla e consistente – e para as inevitáveis "trocas" que são feitas com outros setores, políticos, acadêmicos, culturais, artísticos, que se debruçam sobre a questão racial e suas implicações na construção da democracia e da identidade nacional brasileira. É fácil de perceber a constituição de um campo propício (até mesmo indutivo) à *Ginga*. Se "*a força da Cultura Negra que atravessou os séculos é o fio condutor da energia revolucionária que libertará esse país do racismo e da exploração*"¹⁴⁵, talvez faltasse a incorporação da consciência – entendida como sentido de deliberação, além da resistência do aproveitamento/criação de oportunidades e possibilidades – para que se realizasse a plenitude do Movimento... A Cultura de Consciência Negra pode corresponder à assunção plena da *Ginga*, inclusive na sua capacidade de se projetar para fora/de fora do "jogo", simulando a ausência, dando espaço aos parceiros sem perder seu próprio equilíbrio e a relação, mas reconstituindo seus referenciais na própria interação.

¹⁴³ Ver a respeito NASCIMENTO, Alexandre do. *Movimentos Sociais, Educação e Cidadania – Um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares*. 1999. Dissertação de Mestrado. PPGEdU-UERJ.

¹⁴⁴ GONÇALVES e SILVA, Petronilha B. e BARBOSA, Lúcia M.A. *O pensamento Negro em Educação no Brasil*. 1997. UFSCAR. São Carlos.

¹⁴⁵ Frase em destaque no folheto oficial da *Marcha do Movimento Negro Contra a Farsa da Abolição* – RJ. 11.05.1988.

Se, como vaticinam Gonçalves e Gonçalves e Silva (1998. P.40) "*Muito provavelmente o tema da pluralidade cultural preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais levará muito tempo para chegar às salas de aula*"; o que estará ocorrendo lá, quando chegarem? Será que, no que toca à questão racial, Cury (1979) se enganou e só há espaço para a reprodução do *status quo*? As mudanças na representação étnica de crianças negras, o desenvolvimento de sua personalidade e de uma identidade constituída de auto-estima, autoconceito e de uma auto-imagem positivos, dependerão exclusivamente da chegada providencial dos novos conceitos? A sugestão é que não há uma comunidade escolar que não seja sujeito. Não há "salvação" na heteronomia, na inconsciência de si mesmo, na ausência ou omissão de deliberação. É uma questão fundamental a possibilidade de fragilização da criança perante os preconceitos e a discriminação, e tudo deve ser investido para eliminá-los do cotidiano escolar. Não se pode, no entanto, menosprezar a importância dos familiares e dos contextos mais amplos de vida da criança. Hoje é frequente e crescente a difusão de informações sobre a questão racial, e de idéias sobre a valorização do negro e da cultura negra – embora, é claro, longe do que é necessário. A população negra não sucumbiu nem física, nem culturalmente ao racismo; ao ponto de estar hoje em aberto, como um dilema, a reconceituação da identidade nacional brasileira, numa espetacular virada sobre as projeções etnocêntricas das elites no início do século. Que mecanismos estarão sendo criados – surda e subterraneamente – em comunidades escolares, face a esses e outros tantos desafios para uma educação democrática, construtora dos valores de equidade, justiça e solidariedade? E no íntimo de cada criança, à medida que vão crescendo e deparando com um mundo (físico e de valores) em acelerada transformação?

A atuação das educadoras tem importância fundamental, e é urgente que sejam municiadas com as concepções da pluralidade e do crescente hibridismo cultural, que devem *transversalizar*, verdadeiramente, todos os programas de formação continuada; mas é necessário atentar para duas coisas: primeiro que eles não vão atuar sobre uma *massa inerte*, seres incapazes de criar seus próprios sentidos para o que lhes acontece; segundo, que eles próprios (os educadores/as) formam seus próprios sentidos, não são apenas receptáculos. E como já foi acentuado, a Escola

reflete internamente as múltiplas possibilidades da sociedade. Existirá apenas uma *Sueli*? Ou apenas uma em cada Escola?

Com tanta razão para combater, com a ansiedade gerada por tamanhos prejuízos e condições tão adversas; corre-se o risco de se pretender parar o pêndulo, de se apaixonar pela parcialidade de suas próprias razões forjadas a ferro e fogo... "*A prisão dos slogans e das palavras de ordem é o risco da instrumentalização pela militância e a centralidade dos resultados e o império dos meios fazem o mesmo, no concernente à política*".¹⁴⁶ Parafraseando a máxima de Paulo Freire, nem os militantes/estudiosos salvarão as comunidades, nem estas se salvarão sozinhas. (E quem salvará os estudiosos na eventualidade da derrota?). As mesmas possibilidades da *Ginga* estão presentes aqui, como lá.

Azoilda Trindade (2000), vem pregando a importância da utilização da "arma da sedução" junto aos/às educadores/as; mais até do que (quem sabe não fosse melhor dizer tanto quanto) "a arma da teoria" – "novos conhecimentos", informações, questionamentos – e da confrontação com dados e medidas políticas, administrativas e institucionais, alterações curriculares, etc.

A comunidade escolar deve sair da idealização e alcançar efetividade. Tal evento se insinua em aulas inaugurais, em alguns momentos e datas comemorativas, em iniciativas isoladas de encontros e debates com a presença de professores, funcionários, alunos e responsáveis. Alguns sistemas educacionais públicos, além de insistir na presença física e na participação, vêm formalizando a responsabilização de membros das comunidades adjacentes à Escola, para além das organizações de eventos, em questões administrativas e financeiras, junto (e, um pouco, como fiscais) a conselhos diretores ou gestores. Nunca a presença dos responsáveis foi mais requisitada nas Escolas.

- A transparência da atividade docente, o questionamento dos seus objetivos, dos seus pontos de partida teóricos e metodológicos – quais as bases desse ou daquele conteúdo histórico; porque esse e não aquele tema para redação, ou a valorização

¹⁴⁶ SANTOS, Milton. "*A era da inteligência baseada na máquina*". In TRINDADE, Azoilda L.(org) e SANTOS, Rafael dos. (org) "*Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola*". 1999. DP&A. RJ. P. 153

da origem de certos vocábulos; a vinculação das características geográficas aos aspectos históricos, étnicos, sociológicos, econômicos (sempre fundamentados), etc; a explicitação da importância do desenvolvimento das ciências, que é algo histórico, que povos em outras épocas foram mais desenvolvidos, as questões alusivas à exploração dos bens naturais e do meio ambiente...

- A delimitação de funções, espaços, compromissos, representações, realizadas coletiva, aberta e democraticamente – quem pode e não pode, e porque, participar disso ou daquilo; as escolhas de parceiros, das rainhas, princesas, cavalheiros e outros personagens de festas, de encenações, etc, deve atender a critérios explícitos e compartilhados na sua definição...

Estes são alguns exemplos de exigências a serem reivindicadas e cumpridas, através de exposições e debates públicos no âmbito da comunidade escolar. A democratização da Escola pode (e deve) ser incentivada e garantida pela direção, supervisão, orientação pedagógica e outros setores responsáveis; mas jamais vai se implantar se não houver vontade, interesse, "consciência", de alunos e pais e/ou responsáveis.

Num sistema educacional, numa Escola, numa sala de aula, em que se encontre alguém comprometido com o questionamento do absolutismo do professor e de outras autoridades escolares (um poderoso fator na produção da indiferença e desinteresse de tantos alunos); com a explicitação e desmoralização de estereótipos; com a alegria das descobertas e a construção efetiva do saber, fora das imposições de lógicas e conteúdos fechados, inodoros, insípidos... Aí a Cultura de Consciência Negra estará gingando plenamente. Se vai, até onde vai, como vai, são interrogações que se somam a tantas outras, nesse processo de erigir as bases de uma Escola/Nação/Sociedade em que se construa valores de justiça e democracia. E onde, certamente, haverá lugar para a multiplicidade/unicidade da Identidade Nacional Brasileira.

BIBLIOGRAFIA:

- ALFREDO GUIMARÃES, Antonio Sérgio. "Racismo e Anti-Racismo no Brasil". Editora 34. SP. 1999.
- ALVES dos SANTOS, Ivair. "Discriminação: uma questão de direitos humanos". Programa Nacional de Direitos Humanos. Min. Trabalho-OIT-PNUD. Brasília. 1988.
- APPIAH, Kwame A. "Na casa de meu pai – a África na filosofia da cultura". Contraponto. RJ. 1997
- APPLE, Michael. "Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas". Xerox sem outras referências.
- _____. "Justificando o neoliberalismo: moral, genes e política educacional". Xerox sem outras referências.
- AZEVEDO, Fernando de. "A Cultura Brasileira". Ed. UFRJ/Ed. UNB. Rio de Janeiro. 6ª ed. 1996.
- AZEVEDO, Thales. "Cultura e Situação Racial no Brasil". Ed. Civilização Brasileira. RJ. 1966.
- _____. "Democracia Racial- Ideologia e Realidade". Vozes. Petrópolis. 1975.
- _____. "As elites de cor: um estudo de ascensão social". Cia. Ed. Nacional. SP. 1955.
- BARCELOS, Luiz Cláudio. "Educação: um quadro das desigualdades raciais". In Estudos Afro-Asiáticos. Nº 23 dez-1992. CEEA-Conj. Univ. Cândido Mendes. RJ.
- BASBAUM, Leôncio. "História Sincera da República". Alfa-Ômega. SP. 1975-6.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. "Branços e Negros em São Paulo". Cia Editora Nacional. SP. 3ª edição 1971.
- BENJAMIN, Walter. "Magia, técnica e arte política". Brasiliense. SP. 1ª edição. 1985
- BENTES, Nilma. "Negritando". Graphitte editores. Belém-PA. 1993.
- BHABHA, Homi K. "O local da cultura". Editora UFMG. BH. 1998.
- BIRMINGHAM, David. "A África central até 1870". ENDIPU/UEE. Luanda. 1992
- BONFIM, Manoel. "A América Latina – Males de origem". Topbooks. RJ. 1993
- _____. "O Brasil na América". Topbooks. RJ. 2ª edição 1997
- BOSI, Alfredo. "Dialética da colonização". Cia das Letras. SP. 1992
- CARDOSO, Edson L. "Bruxas, espíritos e outros bichos". Mazza Edições. BH. 1992
- CARDOSO, F.H. "Capitalismo e escravidão no Brasil meridional". Paz e Terra. RJ. 1977
- CARVALHO, José Murilo. "Os Bestializados". Cia das Letras. SP. 1989.
- CASTORIADIS, Cornelius. "As encruzilhadas do labirinto vol. I" Paz e Terra. RJ. 2ª edição. 1997
- _____. "O imaginário: a criação no social-histórico". In As encruzilhadas do Labirinto II. Paz e Terra. RJ. 1987
- _____. "Feito e a ser feito – as encruzilhadas do labirinto V". DP&A. RJ. 1999

- _____. "O mundo fragmentado – as encruzilhadas do labirinto 3". Paz e Terra. RJ. 1992
- CERVO, Amado Luiz. "Multiculturalismo e política exterior". In Rev. Bras. de Política Internacional. Ano 38 nº 2 1995. Inst. Bras. de Relações Internacionais. Brasília.DF.
- CAVALLEIRO, Eliane. "Do silêncio do lar ao silêncio escolar". Contexto. SP. 2000
- CORREIA LEITE, José e CUTI. "E disse o velho militante José Correia Leite". 1992. Sec. Municipal de Cultura. SP.
- CONCEIÇÃO, Fernando. "Negritude favelada – teoria e militância". Edição do autor. Salvador-BA. 1988.
- COSTA PINTO, Luiz A. da "O negro no Rio de Janeiro". Cia Ed. Nacional. SP. 1952.
- CUNHA, Euclides da. "Os Sertões". Francisco Alves. RJ. 29ª edição. 1979
- CUNHA Jr, Henrique. "Textos para o Movimento Negro". Edicon. SP. 1992
- _____. "Negros na noite". Edicon. SP. 1987
- CUPERTINO, Fausto. "A concentração da Renda no Brasil". Civilização Brasileira. RJ. 1976.
- CURY, C. R. J. "Educação e Contradição". Cortez editora – Editores associados. SP. 1985.
- DA MATTA, Roberto. "Relativizando: Uma introdução à antropologia social". Vozes. Petrópolis. 2ª ed. 1981..
- _____. "Carnavais, Malandros e Heróis". Rocco. RJ. 6ªed. 1977.
- D'ADESKY, Jacques. "Pluralismo étnico e multiculturalismo. Racismos e anti-racismos no Brasil". Tese de Doutorado. Dep. de Antropologia Social. USP. SP. 1996.
- DIÉGUES Jr, Manuel. "A África na vida e na cultura do Brasil". Intervenção do autor como delegado brasileiro ao Festival mundial de Arte e Cultura Negra e Africana- FESTAC – Nigéria. 1977.
- _____. "Imigração, urbanização e industrialização". CBPE/INEP. RJ. 1964.
- EXALTAÇÃO, Edmeire O. "Movimento Negro – um perfil dos seus militantes". VI Concurso de dotações CEAA. RJ. 1993.
- FALL, Yoro K. "Historiografia, sociedades y consciencia histórica en África". In DONÁ, Selma Agüero. "África – inventando el futuro". El Colégio de México. México. DF. 1992.
- FANON, Frantz. "Pele negra, máscaras brancas". Livraria Paisagem. Porto. Portugal. Sem data.
- _____. "Los Condenados de la Tierra". Fondo de Cultura Económica. México. Quinta reimpresión, 1977
- FAUSTO, Bóris. "Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)". DIFEL. SP. 1976.
- FERNANDES, Florestan. "A Integração do Negro à Sociedade de Classes". Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP. 1964.
- _____. "Circuito Fechado". HUCITEC. SP. 2ª ed. 1979. 1ª Parte
- _____. e BASTIDE, Roger. "Branços e Negros em São Paulo". 3ª ed. 1971. Cia Ed. Nacional. SP.

- FERREIRA NETO, Edgar. "História e Etnia". In CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, R. (Orgs) "Domínios da história, ensaios de teoria e metodologia". Ed. Campus. RJ. 1997.
- FERREIRA da SILVA, Denise. "Zumbi & Simpson, Farrakan & Pelé : as encruzilhadas do discurso racial". In Estudos Afro-Asiáticos. 33 set.1998. CEEA-UCAM. RJ.
- FERREIRA, Sylvio José B. R. "A questão racial negra em Recife". Edições Pirata. Recife. 1982.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. "O Negro e a Violência do Branco". José Alvaro, editor. RJ. 1977.
- FLORENTINO, Manolo G. "Em costas negras: uma história do tráfico Atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII E XIX)". Arquivo Nacional. RJ. 1995.
- FREIRE, Gilberto. "Casa Grande e Senzala". J. Olímpio. RJ. 19ª edição. 1978
- _____. "Sobrados e Mucambos". J. Olímpio. RJ. 4ª edição. 1968.
- _____. "Aspectos da influência africana no Brasil". In Revista Cultura. MEC. n° 23. Ano 6. Brasília. 1976
- FREITAS, Décio. "Palmares: a guerra dos escravos". Mercado Aberto. Porto Alegre RS. 5ª ed. 1984.
- FRY, Peter. "O que a cinderela negra tem a dizer sobre a "política racial" no Brasil. In Revista USP. Dez/Fev 95-96.
- FURTADO, Celso. "O Mito do Desenvolvimento Econômico". Paz e Terra. RJ. 1974.
- _____. "Formação econômica do Brasil". Fundo de Cultura. RJ. 1959.
- GADOTTI, Moacir. "Diversidade cultural e educação para todos". Graal. RJ. 1992
- GOMES SENNA, Luiz Antônio. "A educação brasileira e seus múltiplos imaginários – Desafios à educação intercultural". In BRITTES LEMOS, M.T.T. E PESSOA de BARROS, J.F. (Orgs) "Memória, Representações e relações interculturais na América Latina". Intercon-NUSEG-UERJ. RJ. 1998
- GONÇALVES, Luiz A.O. e GONÇALVES E SILVA, Petronilha.B. "O jogo das diferenças – o multiculturalismo e seus contextos". Autêntica Editora. BH. 1998.
- GONÇALVES, Luiz Alberto O. "Os Movimentos Negros no Brasil – construindo atores sócio políticos". Texto apresentado na Reunião Nacional da ANPED Caxambú-MG. 1998.
- GONÇALVES e SILVA, Petronilha B. e BARBOSA, Lúcia M.A. "O pensamento negro em educação no Brasil". UFSCAR. São Carlos-SP. 1997.
- GONZALES, Lélia e HASENBALG, Carlos A. "Lugar de negro". Marco Zero RJ. 1981
- GORENDER, Jacob. "A escravidão reabilitada". Ática. SP. 1991.
- _____. "O escravismo colonial". Ática. SP. 5ª ed. 1988.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. "Introdução crítica à sociologia brasileira". Editorial Andes. RJ. 1957
- HASENBALG, Carlos. "Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil". 1979. Edições GRAAL.
- _____. e VALLE e SILVA, Nelson. "Estrutura social, mobilidade e raça". Vértice. SP. 1988.
- HAWKINS, Stephen. "Uma breve história do tempo". Rocco. RJ.
- IANNI, Constantino. "Descolonização em marcha". Civilização Brasileira. RJ. 1972.

- IANNI, Octávio. "*Raças e Classes Sociais no Brasil*". Ed. Civilização Brasileira. RJ. 1966.
- JAPIASSU, Hilton. "*As paixões da ciência – estudos de história das ciências*". Letras & Letras. SP. 1991.
- JOVIANO do AMARAL, Raul. "*Os pretos do Rosário de São Paulo*". Edições Alarico. SP. 1954.
- LARKIN NASCIMENTO, Elisa. "*A África na Escola brasileira*". SEDEPRON. RJ. 1993.
- LE GOFF, Jacques. "*História e memória*". Ed. da UNICAMP. Campinas-SP. 1992.
- LEITE, Dante Moreira. "*O caráter nacional brasileiro*". Pioneira. SP. 1996.
- LEMONS, Rosália de O. "*O negro na educação e no livro didático: como trabalhar alternativas*". Cadernos CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. RJ. 1999.
- LOPES, Helena T; SIQUEIRA, J.J; NASCIMENTO, Mª Beatriz do. "*Negro e cultura no Brasil*". UNIBRADE. RJ. 1987.
- LOPES, Nei. "*O Samba na realidade*". CODECRI. RJ. 1981
- _____. "*O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical*". Pallas. RJ. 1992.
- LOPES da SILVA, Mª José. "*Os Parâmetros Curriculares Nacionais – avanços e recuos no combate ao racismo na Escola*". In Revista do SEPE, nº 5 e 6, edição especial. RJ. Nov.1999/Abril.2000
- LUTHER KING, Martin. "*O pensamento vivo de*". Martin Claret Editores. Sem data.
- LUZ, Marco Aurélio. "*Cultura Negra e Ideologia do Recalque*". Achiamé. RJ. 1983
- MAESTRI Fº, Mário. "*1910: A Revolta dos Marinheiros*". 1982. Global Editora. SP.
- MARQUES dos SANTOS, Olímpio. "*Negro liberta-te*". Gráfica e editora Itapuí. RJ. Junho 1981
- MARTINS, Wilson. "*Um Brasil diferente*". T.A. Queiroz. SP 2ª ed. 1989.
- MEDEIROS, C. Alberto. "*Em busca da ação afirmativa*". Texto apresentado à Reunião anual da ANPOCS, Caxambú-MG, set/1996.
- MONTEIRO, John M. "*Negros da terra*". Cia das Letras. São Paulo. 1994
- MOREL, Emar. "*A revolta da chibata*". Graal. RJ. 3ª edição 1979
- MOTA, Carlos G. "*Ideologia da cultura brasileira*". Ática. SP. 1977
- MOURA, Clóvis. "*Rebeliões da senzala*". Conquista. RJ. 1972
- _____. "*Dialética radical do Brasil negro*". Editora Anita. SP. 1994
- MUNANGA, Kabengele. "*Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*". 1999. Vozes. Petrópolis.
- _____.(Org) "*Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*", EDUSP. SP. 1996.
- NABUCO, Joaquim. "*O Abolicionismo*". Vozes. Petrópolis. 4ª edição. 1977
- _____. "*Minha formação*". J. Olímpio. RJ. 1957.
- NASCIMENTO, Alexandre do. "*Movimentos Sociais, educação e cidadania – um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares*". Dissertação de Mestrado. PPGEdU-UERJ. 1999.
- NASCIMENTO, Abdias. "*O genocídio do negro brasileiro*". Paz e Terra. RJ. 1978.
- _____. "*Jornada negro-libertária*". IPEAFRO. RJ. 1984.
- NEIVA, Arthur Hehl. "*O problema imigratório brasileiro*". In Rev. De Imigração e Colonização. Ano 5, nº 3 parte IV.

- NOGUEIRA, Oracy. "*Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*". EDUSP. SP. 1998.
- _____. "*Tanto preto quanto branco*". T.A Queiroz. SP. 1985.
- NOGUEIRA da SILVA, Marilene R. "*Negro na Rua – a nova face da escravidão*". HUCITEC. SP. 1988
- NOSELLA, M^a Loudes C. D. "*Aa belas mentiras*". Editora Moraes. SP. 1979
- OLIVEIRA, Eduardo HP de. "*Além do nada: Estado, raça e ação afirmativa*". In Cadernos ABONG nº 23 Novembro 1997.
- OLIVEIRA, Gessé. "*A trajetória inconclusa do negro na busca da conquista da cidadania*". Dissertação de Mestrado. PPGEdU-UERJ. 1996
- OLIVEIRA, Iolanda. "*Desigualdades raciais – construções da infância e da juventude*". Intertexto. Niterói. 1999
- OLIVEIRA, Lucia H.G. et alii. "*O lugar do negro na força de trabalho*". IBGE. RJ. 1983.
- OLIVEIRA VIANNA, F.J. "*Evolução do povo brasileiro*". Cia Ed. Nacional. SP. 3^a ed. 1938
- _____. "*Raça e Assimilação*". Cia Ed. Nacional. SP. 1932
- _____. "*Populações Meridionais no Brasil*". vol I *Populações do Centro-Sul*. J. Olímpio. RJ. 5^a ed. 1952; vol II *O campeador Rio Grandense*. Paz e Terra. RJ. 1974.
- ORTIZ, Renato. "*Cultura e identidade nacional*". 1986. 2^a ed. Brasiliense. SP.
- PEIXOTO, Afrânio. "*Clima e Saúde*". Cia Ed. Nacional. SP. 2 ed. 1975.
- PEREIRA, Amauri M. "*O racismo no Brasil – uma ideologia de dominação*". Mimeo. 1989.
- _____. "*Três desafios para o Movimento Negro: articulação, mobilização e organização*". IPCN/Cointer-SR 3-UERJ. RJ. 1995.
- _____. "*Três Impulsos para um salto: trajetória e perspectivas do Movimento Negro brasileiro*". Monografia de final do Curso de Pós-Graduação *lato Sensu* em História da África. Policopiada. CEAA-UCAM. 1998.
- PIERSON, Donald. "*Branços e Pretos na Bahia*". Cia ed. Nacional. SP. 2^a ed. 1971.
- "*Racismo cordial*". Folha de São Paulo/Datafolha. Ática. SP. 1995.
- RAMOS, Arthur. "*O negro brasileiro*". Civ. Brasileira. RJ. 1934.
- _____. "*As culturas negras no novo mundo*". Civ. Brasileira. RJ. 1937
- RIBEIRO, Darcy. "*O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*". Cia das Letras. SP. 1995
- RICKLI, Ralf. "*O dia em que Túlio descobriu a África*". Trópis. SP. 1997
- RISÉRIO, Antônio. "*Carnaval Ijexá*". Edit. Corrupio. Salvador. 1981.
- RODRIGUES, João Jorge Santos. "*Olodum estrada da paixão*". Edições Olodum. Salvador. 1986
- RODRIGUES, José Honório. "*Brasil e África – outro horizonte*". 2 vol. Civilização Brasileira. RJ. 1964
- _____. "*Aspirações nacionais*". Civ. Brasileira. RJ. 1970.
- _____. "*Conciliação e Reforma no Brasil – um desafio histórico cultural*". Civ. Brasileira. 1965
- _____. "*Interesse nacional e política externa*". Civ. Brasileira. 1966.
- RODRIGUES, Nina. "*Os Africanos no Brasil*". 4^a ed. 1976. Cia Editora Nacional. SP.

- ROLAND, Edna. "*Gênero e raça e a promoção da igualdade*". Programa Nacional de Direitos Humanos. Min. do Trabalho e Emprego-PNUD-OIT. Brasília. 1999.
- ROMÃO, Jeruse. "*Por uma educação que promova a auto-estima da criança negra*". Cadernos CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. RJ. 1999.
- ROMERO, Sílvio. "*História da Literatura brasileira*". José Olímpio. RJ. 4ª edição 1949.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. "*Ensaio de Antrhopologia Brasileira*". Bibliot. Ped. Brasileira. série V volume XXII. Cia ed. Nacional. SP. 1933.
- RUFINO dos SANTOS, Joel. "*O Movimento Negro e a Crise Brasileira*". In Rev. Política e Administração. Nº2. Jul/set-1985. RJ.
- _____. "*IPCN e Cacique de Ramos*". In Comunicações do ISER. RJ. ano 7 nº 28. 1988
- _____. "*O negro como lugar*". In Raça, Ciência e Sociedade. CHOR MAIO, Marcos e VENTURA SANTOS, Ricardo (Orgs). FIOCRUZ/CCBB. RJ. 1996.
- RUFINO dos SANTOS, Joel. e NASCIMENTO BARBOSA, Wilson. "*Atrás do muro da noite*". 1994. Fundação Cultural Palmares. MinC. Brasília.
- SADER, Eder. "*Quando novos personagens entraram em cena*". Paz e terra. RJ. 2ª edição 1995
- SAHLINS, Marshall. "*Ilhas da história*". Martins Fontes. RJ. 1990
- SALLES, Vicente. "*O Negro no Pará*". 1971. U.F.P.A. Belém.
- SANT'ANNA, Wânia e PAIXÃO, Marcelo. "*Desenvolvimento humano e população afrodescendente no Brasil: uma questão de raça*". Revista Proposta. FASE. Nº 73 junho-agosto/1997.
- SANTOS SOUZA, Neusa. "*Tornar-se Negro*". Graal. RJ. 2ª edição 1990
- SCHWARCZ, Lília Moritz. "*O Espetáculo das Raças*". 1993. Cia das Letras. SP.
- SEYFERT, Giralda. "*A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tease de João Batista de Lacerda*". Rev. Do Museu Paulista. ... vol XXX. 1985
- _____. "*A assimilação dos imigrantes como questão nacional*". In MANA – Estudos de Antropologia social. Vol 3 nº1 Abril 1997.
- _____. "*Eugenia, racismo e o problema da imigração no Brasil*". In ALVES, I. e GARCIA, H.M. (Orgs). Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência, RJ. SHBC. 1997
- _____. "*Construindo a nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização*". In Raça, Ciência e Sociedade. CHOR MAIO, Marcos e VENTURA SANTOS, Ricardo. FIOCRUZ/CCBB. RJ. 1996.
- SOARES, Ubaldo. "*A escravatura na misericórdia*". Fundação Romão de Matos Duarte, DF. 1958
- SODRÉ, Muniz. "*Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil*". 1999. Vozes. RJ.
- _____. "*A verdade seduzida*". CODECRI. RJ. 1983
- SOUZA, Amauri de. "*Raça e política no Brasil urbano*". In Rev. De Administração de Empresas. RJ. Out/Dez 1971.

- TADEU da SILVA, Tomaz. *"Descolonizar o currículo: estratégias para uma pedagogia crítica – dois ou três comentários sobre o texto de Michael Apple"*. Xerox sem outras referências.
- THEODORO LOPES, H, SIQUEIRA, José Jorge, BEATRIZ NASCIMENTO, M *"Negro e Cultura no Brasil"*. UNIBRADE/UNESCO. RJ. 1987
- TODOROV. Tzvetan. *"A conquista da América – A questão do outro"*. Martins Fontes. SP. 1996.
- TRINDADE, Azoilda L. e SANTOS, Rafael (org) *"Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola"*. DP&A editora – SEPE. RJ. 1999.
- VAINER, Carlos. *"Estado e raça no Brasil. Notas exploratórias"*. In Estudos Afro-Asiáticos nº 18. CEAA-UCAM. RJ. 1990.
- VALENTE, Ana Lúcia E.F. *"O Negro e a Igreja Católica"*. 1994. U.F.M.S. Vários Autores. *"Raça e Ciência II"*. 1972. Ed. Perspectiva. SP.
- VALLE. Lílian do. *"A Escola e a Nação"*. Letras & Letras. SP. 1997.

"Estudos Afro-brasileiros" e *"Novos Estudos Afro-brasileiros"*. Anais do Congresso Afro-brasileiro de Recife/1934. Fundação Joaquim Nabuco-Editora Massangano, Recife. PE. 1988.

ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA. Cadernos de Educação do ILÊ AIYÊ. Salvador. 1995

CONEN (Coordenação Nacional de Entidades Negras). *"Traçando Diretrizes"* 1º Seminário da Coordenação Nacional de Entidades Negras. Aracaju/maio-1994

_____. *"A realidade da população negro nordeste"*. Recife. PE. 1995. MinC-Fundação Cultural Palmares.

FRENABRA (Frente Nacional Afro-brasileira). *"O negro e a sucessão presidencial"*. Encontro Nacional em Uberaba. Discussão de abertura e documento conclusivo. Uberaba-MG. Nov 1984

MNU (Movimento Negro Unificado). *"Caderno de teses do XII Congresso Nacional"*. Salvador-BA. Abril 1998.

_____. *"Seminário Nac. de Org. Política – subtemas e subsídios"*. RJ. Out 1996.

HANCHARD, Michael. ".....". Rev. USP nº 31 Set/Nov 96.

Comissão Executiva da Marcha de Zumbi contra o racismo, pela cidadania e a vida. *"Por uma política nacional de combate ao racismo e à desigualdade racial"*. Brasília. Cultura e Gráfica editora. 1996.

Série Pensamento Negro em Educação; nº 2 *"Negros e Currículo"* 1997; nº 3 *"Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural"* 1998; nº 4 *"Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural II"* 1998; nº 5 *"Educação popular Afro-brasileira"* 1999; nº 6 *"Os negros e a Escola brasileira"*. 1999. Todos os Cadernos publicados pelo NEN – Núcleo de Estudos Negros. Florianópolis. SC. Cada volume com diversos autores.

Coleção de Jornais e Revistas de Imprensa Negra: de São Paulo até a década de 40 – *A voz da raça; Clarim da Alvorada; Alvorada; Elite; Alfinete; O Clarim; Kosmos; Senzala; e outros*. E os mais recentes, do RJ – *Quilombo; SINBA;*

Boletim da Marcha do Mov. Negro-1988. De SP – Abertura; JORNEGRO; Jornal do MNU. Do RS – TIÇÃO.

Documentos próprios e de outros militantes do Mov. Negro não publicados. Preparados como contribuição a Encontros, Congressos, Seminários, Conferências, no âmbito do Mov. Negro ou junto a outros setores da sociedade; amalhados ao longo de mais de 25 anos.

Dívida jamais suficientemente ressaltada é com a Literatura Negra engajada. Dos Poemas de Solano Trindade e da amargura e esperança dos escritos de Osvaldo de Camargo; aos poemas e contos diretos "ao âmago das coisas" e combativos, tenases, dos autores dos Cadernos Negros. A força e consistência (clarividência) dos textos de Amílcar Cabral e de Samora Machel, e os poemas de Agostinho Neto são permanente fonte de inspiração. Assim como, de Richard Wright, *Black Boy – Infância e Juventude de um negro americano* (espaço e tempo, RJ-1993), e *O filho nativo – cópia de edição portuguesa, sem referências*; e *Numa terra estranha* (Globo, Porto Alegre-1970) de James Baldwin.

As concepções construídas a partir dos ensinamentos da Sociedade Brasileira de Eubiose – a partir de 1998 – foram decisivos como "suportes" teóricos dos esforços de questionamentos ao que está instituído sobre a ampla temática tratada nesta Dissertação.